



EXERCÍCIOS DA FRATERNIDADE DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO

«CRISTO, VIDA DA VIDA»



29 DE ABRIL - 1 DE MAIO DE 2022

«CRISTO, VIDA DA VIDA»

EXERCÍCIOS DA FRATERNIDADE
DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO



2022

Na capa: *Ícone de Cristo*, Museu da abadia cisterciense de Poblet, Catalunha, Espanha.

«Por ocasião dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação sobre o tema “Cristo, vida da vida”, o Sumo Pontífice alegra-se ao dirigir aos participantes a sua cordial saudação. Deseja que estes dias de espiritualidade sejam ocasião oportuna para renovar a adesão ao divino Mestre, com vista a uma cada vez mais fecunda presença na Igreja e na sociedade, na esteira do carisma do Servo de Deus don Luigi Giussani. Diante do individualismo e da indiferença que marcam o nosso tempo, provocando o descartar de tantas existências, o Santo Padre exorta a considerarem que a resposta cristã não está na resignada constatação da pobreza de valores de hoje, ou na nostálgica lembrança do passado, mas na caridade que, animada pela confiança na Providência, sabe amar a sua época e, com humildade, fazer novas todas as coisas. Com tal desejo, Sua Santidade assegura uma lembrança na oração e envia, de bom-grado, a bênção apostólica, penhor de todo o bem desejado.»

Cardeal Pietro Parolin, Secretário de Estado de Sua Santidade,
11 de abril de 2022

Sexta-feira, 29 de abril, noite

À entrada e à saída:

Sergei Rachmaninov, Divina Liturgia de São João Crisóstomo, op. 31

Valerij Poljanskij – The Russian State Symphony Cappella

“Spirto Gentil” n. 21, (Claves Records) Universal

■ SAUDAÇÃO INTRODUTÓRIA

Davide Properi

Invoquemos o Espírito, para que nos acompanhe ao longo do caminho destes dias, pedindo com toda a força e humildade de que somos capazes a graça de estarmos disponíveis à Sua ação, para que possamos mais uma vez apreciar a doçura de Cristo presente entre nós e regressarmos a casa renascidos, recriados:

Vinde, Espírito Santo

Como primeiro gesto, leio o telegrama do Santo Padre:

«Por ocasião dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação sobre o tema “Cristo, vida da vida”, o Sumo Pontífice alegra-se ao dirigir aos participantes a sua cordial saudação. Deseja que estes dias de espiritualidade sejam ocasião oportuna para renovar a adesão ao divino Mestre, com vista a uma cada vez mais fecunda presença na Igreja e na sociedade, na esteira do carisma do Servo de Deus *don* Luigi Giussani. Diante do individualismo e da indiferença que marcam o nosso tempo, provocando o descartar de tantas existências, o Santo Padre exorta a considerarem que a resposta cristã não está na resignada constatação da pobreza de valores de hoje, ou na nostálgica lembrança do passado, mas na caridade que, animada pela confiança na Providência, sabe amar a sua época e, com humildade, fazer novas todas as coisas. Com tal desejo, Sua Santidade assegura uma lembrança na oração e envia, de bom-grado, a bênção apostólica, penhor de todo o bem desejado. Cardeal Pietro Parolin, Secretário de Estado de Sua Santidade».

Nestes dias, seguirão os Exercícios conosco aqui em Itália amigos ligados de 42 países e, nas próximas semanas, outros 48 países viverão os Exercícios; os Exercícios são traduzidos em simultâneo em 7 línguas. É este o panorama do nosso gesto.

Por que é que estamos aqui esta noite? Por que é que estaremos reunidos nestes três dias, quer presencialmente, quer à distância, mas ainda assim reu-

nidos? O que é nos convenceu, mais uma vez, a juntarmo-nos, depois de dois anos de pandemia que nos fizeram atravessar a solidão e também a dor pela partida de muitos entes queridos; juntos depois das tribulações e os abandonos que afetaram o nosso movimento; juntos diante da incerteza do amanhã, ameaçado pela sombra de morte e de mal que a guerra traz consigo?

Don Giussani, na Introdução dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de 1992, respondia assim a esta mesma pergunta:

«... desta companhia presente o que realmente importa é algo que temos inevitavelmente em comum. Cada um de nós tem a sua personalidade, um rosto que é seu, um coração seu, um temperamento próprio, um caráter seu, e relativamente poucos nos conhecemos até este nível de detalhe. Mas até aquelas pessoas que nunca vi antes, que se perdem na escuridão que piora por causa destas poderosas luzes que me fazem arder os olhos, e aqueles que nunca vi, têm em comum comigo uma tarefa a realizar, a desenvolver. Não uma tarefa indiciada ou procurada por mim ou por eles, mas uma tarefa comum, idêntica, para mim e para o último, o mais distante geograficamente, entre vocês: uma tarefa que nos foi confiada. Aquilo que temos em comum é que queremos saber, desejamos saber, exigimos com todo o coração saber o “porquê” desta tarefa. E queremos também saber para onde vai toda a nossa vitalidade, toda a nossa expressividade, toda a nossa dedicação, todo o nosso viver, qual é a *finalidade* da vida, com as dificuldades a carregar, as contradições a atravessar, a vergonha própria a suportar (“Rogai por nós pecadores”). Estas coisas são comuns a todos nós, são as coisas mais importantes para cada um de nós. Nós encontramos-nos somente para examinar de novo estas palavras, que, sendo as mais essenciais para a vida de cada um, são sempre as mesmas e nunca iguais, quando as repetimos uns aos outros. E isto é um verdadeiro milagre e o mistério de uma vida que é vida, que se exprime ao nível destas palavras dramaticamente decisivas para um rosto nosso que dure para sempre, que está destinado a durar sempre. O rosto eterno do nosso eu».¹

Cada um de nós é chamado a refazer, pessoalmente, esta noite, a grande questão que fomos educados a colocar-nos cada vez que nos encontramos: mas eu, eu, Davide e tu, qualquer que seja o teu nome, por que é que eu e tu estamos aqui esta noite?

Eu estou aqui porque tive um encontro, há muitos anos. Ao princípio não foi mais do que a experiência de um fascínio, o fascínio de uma humanidade carregada de promessa: promessa de significado para a vida, promessa de uma missão, promessa de um ideal capaz de tornar a vida cem vezes mais ple-

¹ L. Giussani, *Um acontecimento na vida do homem*, Paulus, Lisboa 2020, pp. 117-118.

na e maior, de um ideal capaz de dar razão das alegrias e das dores, da justiça e da injustiça, da felicidade e da infelicidade que marcam inexoravelmente a minha vida e a de toda a gente. Este encontro mergulhou-me num fluxo de vida que assumiu a forma de uma companhia, uma companhia humana da qual pude experimentar a grandeza e a força: uma força que me levava a valorizar e a fazer crescer a semente de bem que existia em mim, e uma força que me impedia de me escandalizar diante do meu mal e da minha miséria. Por isso, se tiver de usar uma palavra para sintetizar o sentido da história que me trouxe aqui esta noite, a palavra que me vem à cabeça é «misericórdia». Misericórdia, porque percebo que se pude permanecer fiel a esta história até hoje, isso só foi possível sobretudo graças à fidelidade do Senhor à minha vida, fidelidade que assumiu os contornos dos rostos de tantos companheiros de caminho, que Ele colocou ao meu lado neste caminho. Misericórdia – ensinou-nos *don* Gius – é uma palavra tão abissal que seria necessário arrancá-la do vocabulário. Pela experiência que dela tenho, misericórdia significa isto: nós não somos o resultado dos nossos cálculos. Se há alguns anos me tivessem dito que um dia me iria encontrar aqui, neste momento, a falar, teria seguramente desatado a rir. Mas nós não somos o resultado dos nossos cálculos: «Basta-te a minha graça – diz o Senhor a São Paulo – porque a força manifesta-se na fraqueza».²

Permitam-me outro pensamento: ao estar aqui esta noite, a que é que estamos, exatamente, a dizer que sim? A que é que eu estou a dizer que sim? A que «tarefa» – para voltarmos à palavra usada por *don* Giussani no texto que acabamos de citar –? Parece-me importante dizer com clareza a todos, ao iniciar este gesto que é o gesto central da vida da Fraternidade, em que é que consiste a responsabilidade que o Espírito, através da autoridade da Igreja, nos confia neste momento da nossa história, até porque muitos mo perguntaram nestas semanas, até mesmo por escrito, por isso é justo que comecemos logo a ajudar-nos a olhar para este passo.

Em resumo, aquilo que nos é pedido é que participemos, com paixão e ao mesmo tempo com um espírito de obediência filial, no renovamento da Igreja do nosso tempo. No final dos anos noventa, a Igreja reconheceu solenemente, na pessoa do Papa de então, São João Paulo II, o recurso fundamental que os movimentos laicais foram e são para o renovamento da Igreja e da sua missão no mundo, sobretudo no contexto do cada vez mais secularizado mundo ocidental. A 30 de maio de 1998 – muitos de nós lembram-se bem disso – na Praça de São Pedro, estavam quase todos os fundadores dos mais conhecidos movimentos eclesiais. Muitos deles – e entre eles também o nosso querido

² 2Cor 12,9.

don Giussani – hoje já não estão vivos. Ao acompanhar a delicada transição dos movimentos da fase fundacional para a seguinte – uma transição que todos os movimentos tiveram de enfrentar, não foi só o nosso –, foi possível à condução da Igreja adquirir uma consciência cada vez mais madura quer da preciosidade do dom que os carismas dos movimentos são para toda a Igreja, quer das podas de que estas realidades precisam para darem mais fruto. Um primeiro resultado, claro que não definitivo, deste trabalho de reflexão – um trabalho que não começou com o pontificado de Francisco, mas já sim durante o de João Paulo II (basta ler a importante relação do então cardeal Ratzinger, precisamente por ocasião do Congresso mundial dos movimentos de maio de 1998) – foi a carta da Congregação para a Doutrina da Fé, *Juvenescit Ecclesia*, um documento que seria oportuno ler e também meditar. A esta carta seguiram-se depois – como bem sabemos – o decreto geral *As associações internacionais de fiéis* e o discurso do Papa Francisco do passado 16 de setembro. Então, estará a Igreja a pedir-nos para nos tornarmos uma coisa diferente do que sempre fomos? Porque esta é uma questão que muitos de nós se colocaram, ou colocam ainda. Queria responder a isto. Quando me foi confirmado o cargo de Presidente da Fraternidade para os próximos anos, o cardeal Kevin Farrell disse-me: «Querem ser este fator de renascimento, contribuir para ser este fator de renascimento a partir de toda a experiência eclesial, trazendo tudo aquilo que vocês são? Isto é muito importante, porque se se tornarem numa coisa diferente daquilo que são, isso já não terá interesse para ninguém, nem para vocês, nem para mais ninguém e, portanto, não construirá nenhuma Igreja».

Portanto, não nos é pedido mais nada a não ser que sejamos nós mesmos, trazendo a nossa originalidade para o seio da vida de toda a Igreja, cada vez mais, com esta consciência. É a isso que a Igreja nos convida a dizer um sim. Foi o que escreveu *don* Giussani depois do grande encontro do Papa com os movimentos: «Agradeço a vocês, amigos! O que se passou no sábado, 30 de maio, aconteceu porque vocês estão, também vocês, *juntos*. É só o conjunto que faz. Deus, com efeito, está presente onde há unidade. No sábado, o encontro com João Paulo II foi para mim o maior dia da nossa história, possibilitado pelo reconhecimento do Papa. Foi o “grito” que Deus deu a nós como *testemunho da unidade*, da unidade de toda a Igreja. Eu, pelo menos, percebi assim: somos uma só coisa. Eu disse isso também a Chiara e a Kiko, que estavam ao meu lado na praça São Pedro: nessas ocasiões, como é possível não gritar a nossa unidade? E depois percebi, pela primeira vez tão intensamente o fato de nós sermos *para* a Igreja, de sermos fator que constrói a Igreja. Senti-me pego entre as mãos e os dedos de Deus, que plasmam a história. Nestes tempos comecei a entender de verdade – e sábado ainda mais – a responsabilidade à

que Deus me chamara. Eu não entendia, mas no sábado ficou claro. E essa responsabilidade é tal na medida em que se comunica aos demais justamente como responsabilidade. Ela é verdadeira quando é para a Igreja toda, e portanto para o Movimento todo; quando é uma obediência ao fato que – como diz São Paulo – “ninguém dentre nós vive para si mesmo ou morre para si mesmo. Se estamos vivos, é para o Senhor que vivemos; e se morremos, é para o Senhor que morremos. Portanto, vivos ou mortos, pertencemos ao Senhor” (Rm 14,7-8). É Deus quem atua no que nós fazemos: “Deus é tudo e está em todos”. Nossa responsabilidade é para a unidade, até chegar a uma valorização inclusive do menorvislumbre de bondade que há no outro».³

Eu estou aqui hoje convosco para isso. O padre Mauro-Giuseppe Lepori, Abade-Geral dos Cistercienses, aceitou – e agradecemos-lhe por isso – estar aqui connosco hoje pela mesma razão.

«Cristo, vida da vida» é o título destes Exercícios. Um título, diria eu, providencial: com efeito, de onde pode renascer o nosso entusiasmo pela história que nos prendeu, de onde pode nascer o sim que somos chamados a dizer, senão do olharmos novamente para o rosto de Cristo, senão da renovação daquele espanto a partir do qual tudo começou, a partir do qual toda a nossa história começou, ou seja, o espanto de um homem, *don* Luigi Giussani, diante da carne, do rosto de outro homem, o homem Jesus de Nazaré?

Queria acrescentar a última e talvez mais importante resposta à pergunta feita no início: por que é que eu estou aqui, por que é que estamos aqui? Eu estou aqui por Ti, ó Cristo, Vida da vida. Estamos aqui por Ti, estamos aqui para conhecer-Te melhor, para Te reconhecer novamente.

Vamos então ouvir, seguindo quem está mais à frente do que nós neste caminho.

³ L. Giussani, «Carta à Fraternidade, Milão 3 de junho de 1998», em *A obra do Movimento – A Fraternidade de Comunhão e Libertação*, Fraternità di Comunione e Liberazione 2019, pp. 287-288, consultado em https://www.fraternita.comunioneliberazione.org/Documenti/pt-PT_LIBRO_LIVRO%20DA%20FRATERNIDADE%20_PORTOGHESE_OPERA_DEL_MOVIMENTO_POR.pdf.

■ INTRODUÇÃO
Mauro-Giuseppe Lepori

«Uma só coisa é necessária»

O silêncio que escuta

«Seguir a Cristo, amar a Cristo em tudo: é o que deve ser reconhecido como a característica principal do nosso caminho».⁴

Esta afirmação de *don* Giussani na carta que escreveu há vinte anos à Fraternidade, reagindo com emoção à carta de São João Paulo II pelo 20º aniversário da própria Fraternidade, soou-me imediatamente como a síntese mais simples e abrangente da consciência que um gesto como os Exercícios nos chama a despertar juntos. Juntos! Os Exercícios não são um monólogo, nem mesmo quando são conduzidos por um monge. Aliás, o monge deveria ser um humilde sinal de um desejo de silêncio, de uma atitude de silêncio, e um humilde sinal da consciência de que o silêncio quer dizer escuta, quer dizer abrir, como diz São Bento no Prólogo da sua Regra, «o ouvido do coração». São Bento começa a Regra assim: «Escuta, meu filho, os preceitos do mestre, inclina o ouvido do teu coração; recebe de boa vontade e executa eficazmente [ou seja, faz experiência] o conselho de um bom pai, para que voltes, pelo labor da obediência, Àquele de quem te afastaste pela desídia da desobediência».⁵

A obediência não é, acima de tudo, uma coisa a fazer. A obediência é acima de tudo um escutar, que se torna obra na medida em que a escuta é vivida como abertura atenta e devota do coração, «inclinada» diz aqui São Bento, como a do mendicante que pede o necessário para viver. O silêncio que escuta, que deseja a vida que vem de Outro, se penetra na vida, se encontra espaço na vida, no tempo, nas coisas a fazer, nas preocupações, nas alegrias e nas dores da vida, de toda a vida, o silêncio que penetra nem que seja um bocadinho na vida, torna-se a via mestra através da qual a vida penetra toda no silêncio, ou seja, penetra na escuta, inclina-se, inclina-se a pedir e a acolher a vida. Como o expressam os maravilhosos versos de Clemente Reborá: «O meu canto é um sentimento / Que do dia fatigado / Cansou as noturnas horas / E pedia a vida».⁶

⁴ L. Giussani, «Carta à Fraternidade, Milão, 22 de fevereiro de 2002», em op. cit. p. 10.

⁵ RB Prólogo, 1-2.

⁶ C. Reborá, «LXXII. Son l'aratro per solcare», I. *Frammenti lirici* – 1913, in Id., *Le poesie*, Garzanti, Milão 1988, p. 123.

Mas o silêncio que nos é pedido nestes dias não nos deve cansar. Deve antes fazer-nos repousar de uma desordem, de uma agitação de busca, de um afã de pretensão, em que entorpecemos a pureza do desejo profundo e verdadeiro do coração, que é um desejo simples, um desejo de criança, um desejo que não se corrompe com a nossa pretensão sobre nós mesmos, sobre os outros, sobre a Igreja, sobre quem é responsável, sobre quem não o é, não corrompe com a nossa pretensão a necessidade verdadeira que temos dentro de nós, a necessidade verdadeira de todos e de todas as situações em a vida e a história transcorrem, incluindo a história de uma Fraternidade, ou de uma Ordem como a minha, como de todas as realidades eclesiais.

Por isso, peçamos sobretudo a Nossa Senhora este silêncio verdadeiro, este desejo verdadeiro, porque o seu coração estava livre de qualquer mancha de pecado, de qualquer anseio de pecado original, ou seja, de posse autónoma, desvinculada, mais agarrada do que acolhida, do sentido e da plenitude da vida. O coração de Maria vivia este desejo sempre, em tudo. Nela, era espontâneo pedir tudo, mesmo sem palavras, porque o pedido, o desejo da vida, era o batimento constante do seu coração imaculado. Para nós não é assim. Precisamos, pelo menos, de um momento de consciência de que não é assim. Um segundo de reconhecimento de que o silêncio que escuta com o desejo do coração não existe, está demasiado distraído, demasiado saturado de outras coisas, demasiado ensurdecido por outros rumores. Mas para criar em nós o silêncio que pede, que mendiga, no fundo basta um segundo de consciência da nossa distração, da nossa superficialidade, que seja um segundo de dor, de confusão, de humilhação, como quando Marta ouviu Jesus admoestá-la de que havia nela demasiado ruído, demasiada agitação, demasiada pretensão, demasiado «saber já o que era necessário». Aqui está: é este o ponto! Falta-nos o silêncio, a escuta, o desejo quando domina em nós *a pretensão de saber já o que é necessário*, a pretensão de viver já o que é necessário, aquilo que nos basta, aquilo que me basta a mim e a todos, ou talvez a mim sem todos, ou a todos sem mim.

Escutar a única necessidade

Fazer silêncio não quer dizer zerar a vida. Isso, no fundo, nunca acontece. Se no fim dos tempos Cristo nos pedir contas do que fizemos ou não fizemos a um único dos seus irmãos mais pequenos, se até os nossos cabelos estão todos contados, se nem a dádiva de um copo de água será esquecida no céu, se cada palavra que dizemos será ajuizada, pois bem, nem mesmo nós podemos fazer silêncio esquecendo a vida. Mas a vida, ainda que agitada, ainda

que desordenada, entra no silêncio quando ouve aquilo que lhe é necessário, quando se deixa dizer, como Marta naquele dia, que «uma só coisa é necessária», que há apenas uma «parte melhor» que nunca nos é tirada: «Marta, Marta, andas inquieta e perturbada com muitas coisas; mas uma só é necessária [uma só coisa é necessária]. Maria escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada».⁷

Devemos viver o silêncio destes dias, ao menos como intenção, ao menos como desejo, como quando Marta, depois da admoestação de Jesus, ficou ali, sem dizer mais nada, tocada e ferida por aquelas palavras. E assim regressou ao lume, aos alimentos que estava a cozinhar, às malgas que estava a pôr na mesa, ao serviço de todos aqueles convidados que tinham vindo com Jesus invadir-lhe a casa. Não voltou como um cão espancado. Jesus não bate em ninguém. Jesus anuncia, Jesus educa, Jesus revela-se a si mesmo e, revelando-se a si mesmo, revela-nos a nós mesmos. Marta voltou para a cozinha ferida, certamente; mas sentindo logo em si que aquela ferida lhe fazia bem, expurgava um abcesso, expurgava uma infeção que lhe envenenava o coração, a vida, as relações, até a relação com Deus, com Jesus, o seu grande amigo. Havia alguma coisa de errado, de desordenado nela que a tinha levado a zangar-se até com Jesus, coisa que nunca teria desejado, imaginado, antes daquela noite, antes daquela cena.

Procuremo-lo, deixemos entrar em nós o silêncio de Marta, a escuta de Marta, a «melhor parte» que, naquela noite, também ela escolheu, talvez primeiro com tristeza, talvez com vontade de gritar mais ainda do que antes, de ir-se embora batendo com a porta. Em vez disso, cala-se. E deixa que seja a palavra de Jesus a trabalhar nela, a trabalhá-la por dentro, como um arado que torna a terra do coração fecunda, capaz de receber a semente, capaz de dar fruto.

Precisamos do silêncio de Marta, não só individualmente, mas também enquanto comunidade, como Fraternidade, como Igreja. Precisamos dele para que a nossa vida, e a vida da comunidade, a vida da Igreja, se torne fecunda, fecunda daquilo que Cristo diz, daquilo que Cristo quer, daquilo que Cristo, o Verbo de Deus, é. Precisamos do silêncio de Marta para acolher a fundo a presença de Cristo, que já nos alcançou a ponto de estar ali sentado em nossa casa a falar, a ponto de estar ali à espera de jantar connosco, à espera de partilhar connosco os alimentos que lhe estamos a cozinhar, e depois a ponto de passar a noite em nossa casa, porque precisa de descansar e é nosso amigo, deseja-nos bem, aprecia tanto a nossa companhia que escolheu a nossa casa, a nossa vida, o nosso coração, para repousar no decurso da sua mis-

⁷ Lc 10,41-42.

são de salvação do mundo inteiro, no decurso da sua vinda do Pai e do seu regresso ao Pai fazendo-se homem para redimir a humanidade inteira! Vem descansar na minha casa! Estão a perceber de que coisa grande se trata?! De que coisa incrível se trata?!

A morada da amizade com Cristo

Há uma estrofe dum hino latino em memória de Santa Marta que ecoa sempre dentro de mim. De facto, é uma oração à santa porque partilha connosco a sua amizade com Cristo: «*Magistri felix hospita, / corda fac nostra ferveant, / ut illi gratæ iugiter / sint sedes amicitiae*. (Ó hospedeira feliz do Mestre, / faz com que ardam os nossos corações, / de modo que sejam para Ele constantemente / uma morada de grata amizade».⁸

O Filho de Deus, ao encarnar, veio chamar os nossos corações a ser para Ele «*sedes amicitiae* – morada de amizade». Isto não apenas no coração de Maria, sua Mãe, mas em qualquer coração humano alcançado pela sua presença e pelo seu amor, mesmo o coração dos pecadores, como o de Zaqueu, que Jesus chama para O acolher em sua casa para, na realidade, ser acolhido por Ele no seu coração; no seu coração que, com a vinda de Cristo, primeiro se enche de alegria, depois de arrependimento, e por fim de amor que doa, que doa não apenas os bens aos pobres e aos espoliados por ele próprio, mas também de amor reconhecido por Aquele que veio precisamente ter com ele, precisamente a sua casa, para «procurar e salvar o que estava perdido».⁹

Precisamos do silêncio de Marta para viver esta experiência, ou melhor: esta graça, este acontecimento de Deus que vem fazer da nossa vida a morada da sua amizade. Devemos fazer silêncio para ouvir esta oferta da presença do Mestre.

O núcleo da questão

Mas o que é que nos diz Cristo? Espero que o possamos ouvir nestes dias, espero-o e peço-o, para mim e para vocês, tal como espero que também vocês o peçam para mim e para todos vocês. Mas esta noite, ainda pensando no episódio de Marta, pensemos na palavra que ela meditou no seu silêncio, que a

⁸ «29 de julho. Memória dos Santos Marta, Maria e Lázaro, Hospedeiros do Senhor – Hino das Vésperas», Breviário monástico.

⁹ Lc 19,10.

encheu de silêncio e que encheu o seu silêncio: «Marta, Marta, andas inquieta e perturbada com muitas coisas; mas uma só é necessária. Maria escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada».¹⁰

Pode ser – como eu dizia – que ao princípio Marta tenha ruminado estas palavras colocando a tónica na admoestação que sentiu nelas: «Marta, acalma-te, estás demasiado agitada com mil coisas, não perturbes a tua irmã, deixa-te educar pela relação que a tua irmã tem comigo, tu que pensas sempre ser e, sobretudo, *dever* ser a melhor, a mais indispensável...». Talvez ao princípio tenha meditado sobre isto com ressentimento e tristeza. Mas isso não fazia senão confirmar o juízo de Jesus, ou seja: fazia aumentar a sua agitação. Ficar presa àquelas coisas só a tornava mais inquieta e agitada.

Também nós, quando recebemos um julgamento, um olhar que nos revela uma posição inapropriada na nossa vida, um juízo que nos corrige, que muitas vezes ao princípio não é claro para nós, é natural que nos doa a ferida, que talvez a cocemos. Mas é como quando recebemos uma injeção, uma vacina. Há uma ferida, há uma dor no braço, alguns sintomas, mas o objetivo da injeção não é este, o contributo da injeção não é o buraco que faz na nossa pele, ou o hematoma que se forma. O que é que Jesus injetou em Marta, ferindo-a superficialmente, ferindo o seu amor próprio? Que bem-estar pôde Marta sentir gradualmente, depois daquela picada que a feria? Que palavras lhe puderam fazer bem, acalmá-la, consolá-la e torná-la gradualmente mais alegre, com uma alegria nova que não vinha dela, mas das palavras de Jesus?

Se retirarmos ao que Jesus disse a Marta as palavras sobre ela ou sobre a sua irmã, que núcleo nos resta? Resta o núcleo: «Uma só coisa é necessária».¹¹

É esta a palavra que Jesus tinha urgência que penetrasse nela, para que a meditasse, a assimilasse, para que lhe pudesse fazer bem, fazer bem à sua vida, curá-la, salvá-la, unificá-la, tirando-a da dissipação. O sentido desta palavra não é um pouco de higiene psicológica, espiritual, ou um convite para se empenhar em pôr ordem na sua vida, a começar pelo seu feitio que era necessário domar. O sentido desta palavra é o próprio Cristo, o sentido de Cristo para Marta, o dom de Cristo para Marta, que é já um dom partilhado ainda antes de Marta se dar conta disso. O sentido desta palavra é que *só Jesus responde ao desejo fundamental do coração e da vida*: o desejo de unidade, o desejo de encontrar um sentido que una tudo, que nos una a todos, que salve a comunhão, uma unidade que abrace tudo e todos, e na qual nos sentimos abraçados por tudo e por todos, abraçados pelo Tudo em tudo

¹⁰ Lc 10,41-42.

¹¹ Lc 10,42.

e em todos que é Deus, que é o Pai, que é Cristo, Cristo que é a encarnação da misericórdia do Pai, e portanto a encarnação do abraço do Pai bom, aquele que acolhe com alegria infinita o filho pródigo que volta para Ele.

Um tesouro já partilhado

«Uma só coisa é necessária».

Jesus, como eu dizia, oferece a Marta esta palavra que a recompõe toda na única coisa que é necessária, que é o próprio Jesus, como dom já presente e partilhado, como dom que Ele dá a todos. A sua irmã Maria já está a acolhê-lo, e talvez o seu irmão Lázaro, e os discípulos que vieram com Ele encher-lhe a casa. Este dom é já partilhado com todos aqueles que, da Virgem Maria a Marta, já o receberam, o acolheram. É já partilhado com João Batista, com Isabel, José, os pastores de Belém, Simeão e Ana, os Magos, e desde há algum tempo com André e João, Pedro, Filipe, Nataniel, Mateus o publicano, e depois Maria de Magdala e as outras mulheres que já seguiam e serviam o Senhor. Mas não só: era já partilhado com milhares de pessoas, com fariseus e publicanos, com prostitutas, doentes de todo o tipo e endemoninhados. Era já partilhado com as crianças que saltavam nos joelhos de Jesus. Havia já todo um povo que partilhava a única coisa necessária que Jesus agora oferecia a Marta.

E nós, e tu, e eu? Quando esta palavra chega até nós, quando nos alcança e continua a alcançar-nos sempre de novo, sempre nova, pensem com que imensidão de pessoas a partilhamos já. Dois mil anos de cristianismo, de santos e pecadores, de pecadores santos. Mas não é uma questão de números... Bastam duas ou três pessoas que descobrem partilhar que Cristo é a única resposta, total e universal para a necessidade do coração humano, para nos encher de espanto, de espanto de que esta consciência nos aconteça a nós, que aconteça a cada um de nós, a mim!, a nós que não o merecemos, certamente, mais do que milhares de outras pessoas a quem não acontece ainda. Que espanto e que responsabilidade! Que gratidão e que contrição! Porque se tu encontras em casa, a comer e a beber contigo, sentado precisamente ali onde tu e os teus irmãos se sentam a comer e a tagarelar todos os dias, se encontras em tua casa a única Realidade, a única Presença que cada coração humano necessita, de que necessitam neste preciso momento oito biliões de corações que batem nesta terra... como é que podes não sentir uma vertigem de responsabilidade?! Porque, de uma forma ou de outra, torna-te devedor em relação a toda a humanidade pelo facto de te ser dado a ti, gratuitamente, aquilo que todos, absolutamente todos!, esperam.

Abraçar Cristo agora

Mas agora não devemos pensar nisto. Ou seja, não devemos pensar agora a quem se dirige esta Realidade. Agora devemos pensar na própria realidade, porque está aqui, e se eu não a acolho, se eu não me abro, é inútil que me preocupe com a necessidade universal que a espera. O velho Simeão reconheceu logo que aquele Menino era «a Salvação para todos os povos..., Luz para se revelar às nações»,¹² mas fê-lo tomando nos braços aquele Menino, apertando-a a si.

Devemos então perceber, ajudar-nos a perceber, como é que esta palavra dirigida a Marta vem salvar-nos agora, a cada um de nós agora, na situação em que se encontra hoje, agora, na vida de cada um de nós, na vida das comunidades, da Fraternidade, das Ordens, da Igreja e do mundo.

Entremos na pele de Marta, naquele dia, naquela noite. Pensemos em como saiu dali, junto ao lume onde cozinava qualquer coisa; pensemos em como precisou de se afastar, com esta palavra que a feria. Primeiro – dizia eu – teve de, provavelmente, deixar esfriar a sua raiva por não ter sido ouvida e compreendida por Jesus. Pelo menos, foi a impressão epidérmica, psicológica, sentimental que a invadiu no momento e a encheu de tristeza. Antes, pelo menos, podia rebentar, como sempre tinha feito, e isso aliviava-a, libertava-a do mau-humor e fazia-lhe bem. Depois, regressava às suas tarefas, sabendo muito bem que a sua fúria não tinha mudado nada, que a sua irmã ou sei lá quem continuaria como dantes, como sempre. Mas pelo menos, tinha desabafado, podia dizer-se que tinha dito aquilo que pensava, ainda que nem sempre pensasse aquilo que dizia...

Desta vez, Jesus fizera como que implodir a deflagração. Tinha ficado como que enterrada, e assim em vez de espalhar fragmentos e radiações num raio de milhares de quilómetros, a energia atómica tinha ido invadir todos os recantos subterrâneos do subsolo da sua humanidade.

Na realidade, Marta começou a aperceber-se de que aquela palavra de Jesus a revelava a si mesma. Não superficialmente, não mostrando que era uma ansiosa, com a ambição de fazer sempre boa figura, e de ser ela a dominar todas as situações, e por isso todos os intervenientes das situações em que vivia. Isso ela sabia-o, e provavelmente a sua irmã e o seu irmão já lho tinham feito notar milhares de vezes. Não, a palavra de Jesus revelava-lhe o seu coração, o que é bem diferente, bem mais profundo do que a sua psicologia de superfície, do que o seu carácter e temperamento. Por outro lado, ela sabia que o seu temperamento agradava a Jesus, que Jesus olhava sempre para o seu temperamento

¹² Cf. Lc 2,30-32.

com simpatia, provavelmente brincava com isso, e ela fingia ficar ofendida, mas regozijava quando o Senhor se metia com ela, porque assim se sentia objeto do seu afeto, se sentia compreendida, abraçada. Caso contrário, Jesus não teria frequentado tantas vezes e de tão bom-grado aquela casa, tão dominada por Marta que o Evangelho não diz que Jesus foi recebido por Lázaro ou Maria, mas por ela.¹³

Mas estas palavras de Jesus – «Marta, Marta... uma só coisa é necessária» – não eram uma brincadeira, nem um pequeno sinal de impaciência em relação à sua agitação. Estas palavras revelavam-lhe o seu coração, punham-no a nu na sua necessidade profunda, essencial, total, e revelavam-lhe que ela enganava esta necessidade profunda, essencial e total, não se preocupava com ela. Ou melhor: atafulhava-a com coisas, com preocupações, com atividades, com juízos, com medos, com irritações, preconceitos, antipatias... como nós!

O coração é necessidade de Cristo

O que é o coração? Quando Jesus diz que uma só coisa é necessária, temos de nos dar conta de que «necessário» traduz um termo grego que em si significa «necessidade», «indigência», «falta». Com efeito, a nova tradução diz: «Uma só coisa é necessária». Nós, quando dizemos que uma coisa é necessária, pensamos sobretudo no valor desta coisa, e que é importante, às vezes vital, possuí-la. Mas muitas vezes não pensamos no facto de que a necessidade desta coisa é definida pela nossa necessidade, pela falta que sentimos dela, ou pela falta dela que somos. A necessidade absoluta de Cristo tem para nós uma «definição» misteriosa, que está em nós, que somos nós, o nosso coração, o nosso coração que só precisa d'Ele, ao qual só Ele falta. Sem uma consciência de nós mesmos como necessidade, não podemos acolher com verdade o dom de Cristo, o encontro em que Cristo revela ser para nós, tal como para Marta, o Único necessário ao coração, o único de que verdadeiramente precisamos, de que *somos* necessidade.

Como não citar o grande verso de Mario Luzi sobre o qual meditámos no Meeting de Rimini de 2015: «De que falta é esta falta, / coração, / que de repente dela / ficas cheio?».¹⁴

Marta, naquela noite, fez precisamente esta experiência, sentiu-se cheia desta pergunta que o coração faz a si mesmo. O nosso coração é uma pergun-

¹³ Cf. Lc 10,38.

¹⁴ M. Luzi, «Di che è mancanza...», in Id., *Sotto specie umana*, Garzanti, Milano 1999, p. 190. Ver também M.-G. Lepori, *Si vive solo per morire?*, Cantagalli, Siena 2016, pp. 117ss.

ta que *se* interroga, uma pergunta que nos enche de espanto acima de tudo enquanto pergunta, enquanto falta. «Mas como? – dizemos nós ao nosso coração – dou-te tudo, encho-te de tantas coisas, de tantos anseios e de tantas ansiedades, de tantas vaidades e presunções, de tantos juízos e preconceitos, de tantas ideias geniais e de tantas parvoíces... Como é que podes ter necessidade de outra coisa; como é que outra coisa te pode preencher?! Como é que podes encher-te com um vazio, com uma falta, com uma necessidade tão imponente, tão prepotente a ponto de, de repente, meter tudo o resto a um canto! Como se tudo o resto tivesse sido apenas aparência, um fantasma, uma miragem, um dejecto, lixo. Tudo o resto me parecia tão importante! Como é que de repente, como num golpe de espada, o desejo de outra coisa te vem encher?!»

Enquanto esperávamos este encontro, ouvimos a *Divina Liturgia de São João Crisóstomo*, op. 31, de Sergei Rachmaninov. No comentário que dela fez, para a coleção *Spirto gentil*, don Giussani destaca o trecho que ouvimos pouco antes do início deste encontro, em que por uns bem oito minutos, o compositor repete «*Gospodi pomiluj!* – Senhor, piedade!». Escreve: «Por que razão, irmão Rachmaninov, nos fazes repetir, durante oito minutos, “Senhor, tende piedade”, *Gospodi pomiluj?* Porque o nosso tempo não teve significado, não teve o significado que podia ter, fálhou em relação àquele significado que podia ter, fálhou em relação àquele significado total que se chama Destino, ficou totalmente “desmemoriado”. O Destino não foi uma presença que plasmou alguma coisa, não influiu sobre nada, e tudo em nós derivou da instintividade, da indolência que impediu que nos movêssemos, da irritação ou do ressentimento que afunda o chão e faz subir a ira no nosso íntimo, criando um turbilhão amargo graças ao qual vês que a ira está dentro de ti, ainda que não proclamada ou expressa».¹⁵

Parece-me que é precisamente este o ponto de consciência a que chega Marta naquela noite. Mas foi precisamente ali que o Destino a alcançou, até ao fundo do coração, ao «turbilhão amargo» do seu coração penetrado de irritação, de ressentimento, de ira.

O encontro que revela o desejo

Mas não é que esta pergunta do coração a si mesmo, esta consciência do coração como pedido de Cristo, do coração como ferida que só Cristo pode

¹⁵ L. Giussani, «Perché la vostra gioia sia piena», in *Spirto gentil. Un invito all'ascolto della grande musica guidati da Luigi Giussani*, por Sandro Chierici e Silvia Giampaolo, Bur, Milão 2011, pp. 361-362.

aliviar e curar, não é que isso tenha vindo à cabeça de Marta assim, de repente, sem que nada acontecesse. Esta consciência nasceu nela porque Marta, naquela noite, encontrou Jesus. Conhecia-o talvez há muito tempo, talvez já o tivesse hospedado muitas outras vezes, talvez já tivesse ouvido falar dele, possivelmente através da sua irmã, que provavelmente o encontrou antes dela e que talvez fosse a pecadora que tinha lavado os pés de Jesus com as suas lágrimas e tinha recebido o perdão dos seus pecados por ter amado muito.¹⁶ Conhecia-o, frequentavam-se, apreciava-o, mas Marta ainda não tinha encontrado Jesus.

Como diz *don* Giussani na passagem que sugeriu o tema destes Exercícios, em *Dar a vida pela obra de Outro*, na página 87: «Cristo, este é o nome que indica e define uma realidade que encontrei na minha vida. Encontrei: ouvi falar dela, primeiro desde pequeno, desde rapaz, etc.. Podemos crescer e esta palavra é sabida, mas para muita gente não é encontrado, não é realmente experimentado como presente; ao passo que Cristo embateu na minha vida, a minha vida embateu em Cristo precisamente para que eu aprendesse a perceber como Ele é o ponto nevrálgico de tudo, de toda a minha vida. *É a vida da minha vida, Cristo*. N'Ele se realiza tudo aquilo que eu queria, tudo aquilo que eu procuro, tudo aquilo que eu sacrifico, tudo aquilo que em mim se move por amor das pessoas com as quais me colocou».¹⁷

Para Marta, naquele dia, naquela noite, *dá-se o encontro com Cristo, o encontro como acontecimento*. O Evangelho descreve, no diálogo entre Marta e Jesus, aquele salto de consciência que define o verdadeiro encontro com Jesus Cristo. O encontro com Cristo que muda a vida toda dá-se quando um homem, uma mulher, se encontram diante d'Ele tal como são, com toda a humanidade que os define, no bem e no mal, e não importa se há mais bem ou mais mal, não importa sequer se há só mal, o importante é que uma pessoa esteja como é diante d'Ele, na Sua presença. Uma pessoa pode ser puríssima como a Virgem Maria, ou um malandro como Zaqueu e o bom ladrão, ou uma mulher com uma vida desordenada como a Samaritana, ou um bruto com um coração de ouro como Pedro, ou um intelectual religioso fino como Nicodemos, ou um fariseu fanático e violento como Paulo... Não importa! O encontro dá-se quando um homem, uma mulher, tal como são, se encontram diante d'Ele e naquele momento Jesus consegue fazer penetrar no coração dessa pessoa, ainda que só com um sussurro, talvez só com um olhar, o grande anúncio que toda a vida espera: «Só eu te sou necessário! Tu só precisas de mim! Sou eu a plenitude de que a necessidade do teu coração tem sede!».

¹⁶ Cf. Lc 7,36-50.

¹⁷ L. Giussani, *Dar a vida pela obra de Outro*, Paulus, Lisboa 2022, p. 87.

E ali, verdadeiramente, «*Abyssus abyssum invocat* – um abismo chama o abismo», como diz o salmo 41,¹⁸ o abismo de misericórdia de Deus chama, respondendo-lhe, ao abismo de miséria que é o coração do homem.

Marta viveu o encontro com Jesus naquele dia porque naquele dia o seu coração foi trespassado, simultaneamente, pela consciência da sua vaidade, da sua vacuidade, e pela surpresa da plenitude daquele vazio estar ali, ser-lhe dada, em Jesus.

Cada um de nós, e todos juntos, devemos recomeçar dali, devemos acolher esta noite as palavras de Jesus a Marta, ou o olhar de Jesus a Pedro – é o mesmo, porque se trata ainda e apenas do acontecimento de um encontro que vem afirmar-se, reafirmar-se, sempre de novo como a única coisa de que o coração precisa, o nosso coração e o coração de cada homem. Convido-vos a reviver na vossa vida, no vosso coração, na consciência do vosso eu, no silêncio que bem ou mal conseguirão oferecer, convido-vos a reviver este diálogo entre Marta e Jesus em Lucas 10,38-42. Convido-vos a irem todos queixar-se a Jesus de tudo aquilo de que têm razões de queixa, de vocês próprios, de quem está ao vosso lado, do marido, da mulher, dos filhos, do vosso trabalho, da vossa saúde, da vossa comunidade, da vossa Fraternidade, do Movimento, da Igreja, do mundo todo... E depois convido-vos a deixarem-se olhar por Cristo e a deixar-vos dizer, com as palavras que quiserem, com as palavras com que Ele vos encontrou um dia, que o vosso coração só precisa de uma coisa: d'Ele presente. Deixemo-nos chamar pelo nome, como Marta, como Abraão, como Moisés, ou Saulo de Tarso, com o nosso nome repetido duas vezes, para nos voltarmos a dar conta da atenção com que Cristo nos olha, com que nos chama, precisamente a nós, precisamente a mim, pessoalmente. E convido-vos a darem-se conta daquilo que acontece, em vocês, e em vocês na relação com tudo aquilo de que se queixavam, ainda que justamente. Ou seja, convido-vos a descobrir, ou a redescobrir, como muda a vida, toda a vida, à luz do Seu olhar e da graça de termos consciência de que o nosso coração só precisa d'Ele.

Amanhã partimos daí para retomarmos juntos o caminho de O seguir, reavivando a consciência da plenitude de humanidade a que Cristo nos quer conduzir.

Agora vamos rezar juntos o *Memorare*.

¹⁸ Sal 42 (41),8.

Sábado, 30 de abril, manhã

À entrada e à saída:

Johann Sebastian Bach, Credo, Missa em si menor, BWV 232

Karl Richter – Münchener Bach-Chor und Orchester (Archiv Produktion) Universal

Angelus

Laudes

■ PRIMEIRA MEDITAÇÃO

Mauro-Giuseppe Lepori

Nascer do encontro, crescer no seguimento

«Cristo embateu na minha vida, a minha vida embateu em Cristo precisamente para que eu aprendesse a perceber como Ele é o ponto nevrálgico de tudo, de toda a minha vida. *É a vida da minha vida, Cristo*. N'Ele se realiza tudo aquilo que eu queria, tudo aquilo que eu procuro, tudo aquilo que eu sacrifico, tudo aquilo que em mim se move por amor das pessoas com as quais me colocou. [...] Cristo, vida da vida, certeza do destino bom e companhia para a vida quotidiana, companhia familiar e transformadora em bem: é isto que representa a eficácia d'Ele na minha vida»,¹⁹ dizia *don* Giussani.

O encontro é um nascimento

Na noite do meu encontro com Cristo, a 25 de fevereiro de 1976, quando entrei na casa de uns imigrantes da Friuli de Comunhão e Libertação na minha aldeia, nos arredores de Lugano – ele era carpinteiro (como São José), a sua mulher, que partiria para o Céu apenas três anos depois, cheia de fé e letícia em Cristo que cumpre a vida, e os seus três filhos –, naquela noite, ao longo de um par de horas, primeiro invadiu-me uma tristeza profundíssima, depois uma alegria que nunca tinha experimentado. Como escreve *don* Giussani, eu tinha ouvido falar de Jesus desde pequeno e, com quase 17 anos, continuava católico, sem especiais dúvidas de fé ou de moral, mas, como dizia ainda

¹⁹ L. Giussani, *Dar a vida pela obra de Outro*, op. cit. p. 87.

Giussani: «Podemos crescer e esta palavra é sabida, mas para muita gente não é encontrado, não é realmente experimentado como presente».²⁰

É este o problema, o verdadeiro problema da vida, da vida cristã, da vida da Igreja, da missão da Igreja. Se não se encontra Cristo, se não é realmente experimentado como presente, é como se não existisse, e é como se não fizesse nenhum sentido que a Igreja exista.

Naquela noite, naquela casa, com aquelas pessoas, toda a minha vida ganhou sentido, toda a minha fé, a minha família católica, a paróquia, os párocos, os catequistas, os escoteiros, em suma, toda a Igreja a que eu pertencia desde o meu nascimento. E tudo acontecia essencialmente entre o meu coração, certamente insatisfeito, mas pouco consciente da natureza da sua insatisfação (também Marta estava já insatisfeita quando se queixava da sua irmã e das tarefas que tinha de fazer sozinha!), tudo acontecia entre o meu coração insatisfeito e a evidência de uma Presença que me dizia também a mim: «Mauro, Mauro, olha que tu só precisas de mim! E eu estou aqui, estou aqui, todo para ti, para encher o teu coração até o dilatar numa alegria que tu nem conseguias imaginar».

Encontrar Cristo realmente presente é um nascimento, é um parto. Por isso – mas percebi-o anos depois, quando o escrevi a *don* Giussani – naquela noite eu tinha passado dum abismo de tristeza a uma alegria total porque nasci! Como diz Jesus na Última Ceia: «Vós haveis de estar tristes, mas a vossa tristeza há-de converter-se em alegria. A mulher, quando está para dar à luz, sente tristeza, porque chegou a sua hora; mas, quando deu à luz o menino, já não se lembra da sua aflição, com a alegria de ter vindo um homem ao mundo».²¹

Depois uma pessoa, como eu, negará milhares de vezes, passará milhares de vezes por este parto que só acabará quando nascer para a vida eterna em Cristo no dia da sua morte, mas o encontro decisivo, naquele dia, naquela hora, será fixado como sendo o dia do seu nascimento, um início que nada poderá apagar, um «primeiro amor», como diz o Apocalipse,²² que uma pessoa, claro, pode abandonar, trair, mas que não se pode apagar. Permanece na vida como um juízo que nos chama a uma contínua conversão, mas um juízo cheio de ternura, como quando Jesus se voltou e olhou para Pedro no pátio do sumo sacerdote,²³ e Pedro reviu naquele olhar precisamente o primeiro imenso e eterno amor do seu encontro com Jesus. E isso não podia negá-lo. Tinha negado Jesus na sua ausência, diante do rosto inquisidor da criada, dos guardas, mas não podia negá-lo diante do Seu próprio olhar, ou seja, *no acontecimento presente do amor de Cristo por si.* Porque naquele olhar

²⁰ *Ivi.*

²¹ Jo 16,20-21.

²² Ap 2,4.

²³ Lc 22,61.

cheio de ternura, cheio de misericórdia, estava toda a realidade de Pedro, ou melhor: toda a realidade em absoluto. O que é que pode haver para nós fora do olhar cheio de amor do Senhor que nos quer, que nos faz, que nos chama, que nos manda, que nos perdoa?! Se Jesus tivesse negado Pedro naquele momento, Pedro ter-se-ia desfeito. Porque Pedro não existia para Cristo apenas existencialmente, mas ontologicamente. Mas na sua existência tinha-se dado um encontro, tinha nascido uma amizade que lhe tinha permitido tornar-se consciente, existencialmente, da relação que o fazia, uma amizade que o fazia viver numa relação a sua ontologia, o seu ser.

Perdoem-me se, apenas esta vez nestes Exercícios, cito uma passagem do meu livro *Simone chamado Pietro (Simão chamado Pedro)*, porque é a passagem que fala deste mistério e eu não conseguiria falar dela melhor do que dei por mim a contá-la neste livro com mais de vinte anos, e que não sei ainda de onde veio:

«Pedro sentiu-se perdido. Tremia e olhava para cada um daqueles que vinham examiná-lo de perto, apontando o dedo acusador contra ele. Desesperado, gritou e jurou: “Não sou dos seus! Não sou aquele que dizem! Não conheço aquele homem!”.

Os guardas iam prendê-lo, mas precisamente nesse momento, alguns dignitários e guardas saíram com Jesus preso no meio deles; assim, sem o desejar, Pedro deu por si a gritar a sua última negação não aos rostos hostis e ameaçadores dos guardas, mas fixando Jesus, que por sua vez o olhava. Era já suficientemente dia claro para que o olhar do Senhor alcançasse Simão com toda a sua profundidade.

Por um instante – mas quanto é que dura um instante sob o olhar do Eterno? – tudo desapareceu em volta de Pedro. Os guardas, as criadas, o pátio e o palácio do sumo sacerdote, o fogo, o frio...: tudo desapareceu. Não havia mais nada senão o olhar de Jesus, e nesse olhar, à luz desse olhar, Pedro reviu tudo o que tinha vivido com o Mestre: o lago, a barca, a primeira pesca, voltou a ouvir todas as palavras do Senhor e as suas a Ele: “Faz-te ao largo”; “Mas diz uma palavra...”; “Afasta-te de mim, que sou um pecador!”; “De agora em diante, serás pescador de homens”; “Chamar-te-ei Cefas”; “Manda que eu vá ter contigo sobre as águas”; “Senhor, salva-me”; “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”; “Feliz és tu, Simão...”; “Longe de mim, Satanás!”; “É belo para nós estarmos aqui”; “Para mim e para ti”; “Quantas vezes devo perdoar?”; “A quem iremos, Senhor?”; “Nunca me lavarás os pés!”; “Darei a minha vida por ti”; “Ficai e vigiai comigo”; “Simão, dormes?”; “Põe a tua espada na bainha; não devo Eu beber o cálice que o Pai me enviou?”; “Não cantará o galo, antes que tu me tenhas negado três vezes!”...

Mas todas estas frase, todos estes acontecimentos, não eram, nos olhos de Jesus, senão uma história de amor e, talvez pela primeira vez, Pedro percebeu, melhor ainda, viu, o quanto Jesus o amava, quão seu amigo era. As palavras da sua negação – “Não conheço aquele homem!” – refletiam-se como um eco nos olhos cheios de amor e de sofrimento do Mestre, e recaíam no coração de Simão como sal sobre uma ferida. Nunca tinha amado verdadeiramente o amor de Jesus, e experimentou no seu próprio coração toda a solidão, todo o abandono, do seu único Amigo e Pai. Não, não eram os judeus, não eram os romanos que feriam Jesus naquela noite, era ele, Pedro! O abandono dos amigos é uma ferida mais amarga do que a hostilidade dos inimigos.

Naquele momento, Pedro teria verdadeiramente dado a vida pelo Senhor. Agora percebia que estava disposto a perder tudo por Ele. E naquele instante infundável – que nunca terá fim – os olhos de Simão pediram a Jesus para poder morrer com Ele. E naquele instante infundável, o olhar do Senhor respondeu-lhe: Não agora! Mais tarde! E naquele instante infundável, Pedro não levantou nenhuma objeção e aceitou o dom da impotência, o dom de não poder fazer nada, o dom do fracasso da sua vontade, a graça da impotência do seu amor. Simão, chamado Pedro, acolheu a ferida do olhar não-amado de Jesus e sentiu brotar no seu coração uma fonte amarga.

O galo cantou.

Jesus já não estava ali.

Pedro já estava lá fora, derramando por Jesus o sangue das suas lágrimas».²⁴

Nascemos para crescer

Mas, então, como é que o encontro que nos faz nascer, e em relação ao qual somos estruturalmente imaturos, como cada criança que nasce, como é que o encontro cresce, nos faz crescer, amadurecer? Se o encontro com Jesus não nos fizesse crescer, não nos levasse além de nós mesmos, além da concha de insatisfação em que o queixume fecha o nosso eu, para que serviria este encontro? Giussani, nesta breve mas muito intensa confissão do acontecimento de Cristo na sua vida, sublinha logo que o Jesus que se revela como vida da nossa vida é um nascimento, ao qual, como depois de qualquer nascimento, se segue *um crescimento*, se segue um caminho, uma transformação, uma evolução, um aprender: «A minha vida embateu em Cristo precisamente *para que eu aprendesse...*»; «N'Ele se realiza tudo aquilo que eu queria,

²⁴ M.-G. Lepori, *Simone chiamato Pietro*, Cantagalli, Siena 2015, Cap. XIII, pp. 84-86.

tudo aquilo que eu procuro, tudo aquilo que eu sacrifico, tudo aquilo que em mim *se move* por amor das pessoas com as quais me colocou. [...] Cristo, vida da vida, certeza do destino bom e companhia para a vida quotidiana, companhia familiar e *transformadora em bem*: é isto que representa a eficácia d'Ele na minha vida».²⁵

Sim, há uma eficácia de Cristo na nossa vida, e todo o trabalho de conversão, de seguimento, consiste em deixá-la atuar, como que para permitir que o Senhor nos recrie, remodele em nós o novo e verdadeiro Adão do qual a nossa vida, as nossas relações, as nossas capacidades e as nossas fragilidades são, por assim dizer, a argila, a matéria que desde o Batismo em diante é colocada nas mãos de Cristo Pantocrator, o Senhor que tudo pode, cuja eficácia é total e infinita, e que nos restaura, nos renova.

«Eu renovo todas as coisas», diz o Senhor no capítulo 21 do Apocalipse.²⁶ Renova todas as coisas a começar por nós, por nós próprios, sobretudo por nós, por mim, pelo meu coração atraído por Ele porque não precisa de mais nada senão d'Ele.

O que irá propor a Pedro, que sentiu de forma extrema a total imaturidade da sua relação com Cristo, a ponto de negá-lo por pura covardia, e isto depois de três anos vividos dia e noite com Ele!, o que irá propor a Pedro o Senhor ressuscitado, para o conduzir à extrema maturidade e autoridade do Pedro descrito nos *Atos dos Apóstolos*, um homem que não teme testemunhar Cristo no meio das praças, nos tribunais, na prisão, em Jerusalém, em Antioquia, em Roma, até ao martírio? O que irá propor o Ressuscitado a Pedro para o conduzir a uma tal identificação com Ele a ponto de curar os doentes com a sua sombra?!²⁷

Tudo está resumido e condensado no último diálogo entre Jesus e Pedro no Evangelho de São João, no capítulo 21,15-19, e este diálogo está todo resumido em duas palavras de Jesus: «Amas-me? – Segue-me!». É seguindo com amor Cristo presente que o encontro com Ele cresce, nos faz crescer, se torna fecundo.

Relembremos aquilo que eu citei ontem da carta de *don Giussani* de 22 fevereiro de 2002: «Seguir a Cristo, amar a Cristo em tudo: é o que deve ser reconhecido como a característica principal do nosso caminho».²⁸

²⁵ L. Giussani, *Dar a vida pela obra de Outro*, op. cit. p. 87; itálicos nossos.

²⁶ Ap 21,5.

²⁷ Cf. At 5,15.

²⁸ Ver aqui nota 4, p. 10.

Marta, Marta!

Voltemos ao exemplo de Marta, que nos ensina muito sobre a dinâmica de conversão que o encontro com o Único de que precisamos determina. Que caminho começou para ela naquela noite? Que impacto teve a palavra de Cristo que fez com que ela se retirasse para meditar em silêncio? Primeiro, talvez se tenha retirado a resmungar, a murmurar, depois, porém, sobretudo para meditar. Porque aquelas palavras de Cristo tinham em si uma misteriosa doçura, uma ternura para com ela que nunca tinha experimentado.

«Marta, Marta, andas inquieta e perturbada com muitas coisas; mas uma só é necessária. Maria escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada».²⁹

Jesus repete duas vezes o seu nome. Que atenção lhe dedica! Que estima! É exatamente como quando Deus chamou Abraão para lhe pedir para sacrificar Isaac,³⁰ ou quando chamou Moisés da sarça ardente,³¹ ou seja, nos momentos cruciais da história da salvação. Ou como quando Cristo chamou Saulo de Tarso, todo lançado na sua louca missão de perseguidor: «Saulo, Saulo, porque me persegues?».³² Também Marta se encontra diante do Deus que te toma ali, exatamente onde te parece possuíres a tua vida, e exatamente ali te pede uma preferência por Ele. Abraão, naquele momento, estava seguro de possuir a sua descendência para sempre. Moisés encontrava Deus na sarça ardente, e Saulo, sobretudo, estava seguro de que estava a fazer a coisa mais justa e verdadeira, aquilo que um homem pode fazer de mais justo e de mais verdadeiro. É exatamente aí, onde te parece que és tu que possuis a tua vida, exatamente aí, que te pede uma preferência por Ele. Aliás, mais do que pedir-ta, propõe-ta. E há imediatamente uma atração misteriosa nesta forma de Deus se propor como sendo o Tudo da tua vida, come sendo a Vida da tua vida. Por isso Abraão obedece até à proposta de sacrificar o seu filho; Moisés tira as sandálias e aproxima-se da sarça ardente; Saulo deixa-se conduzir como uma criança para se entregar precisamente à pequena comunidade cristã de Damasco que queria destruir.

Para Marta é o mesmo chamamento, que aparece no seu quotidiano, mas é o mesmo chamamento. Que diferença de valor pode haver entre o chamamento de Deus a Abraão ou Moisés e o desta mulher atarefada na cozinha, se o chamamento vem do mesmo Senhor e Deus? Melhor ainda! Eu diria que para Marta o chamamento foi ainda mais extraordinário, porque o Eterno não a chama do Céu ou duma sarça ardente, nem do monte Sinai, mas está ali sentado em sua casa, está ali a falar com ela, um homem como nós, que chegou cansado e

²⁹ Lc 10,41-42.

³⁰ Gen 22,1.

³¹ Es 3,4.

³² At 9,4.

suado, com os pés cheios de pó, e que depois se irá pôr a comer e a beber como nós. Isto é mais extraordinário do que a sarça ardente; mais extraordinário do que o monte Sinai que fumega e treme, e faz tremer. Como disse Jesus referindo-se ao Batista: «Mas o mais pequeno no reino dos céus é maior do que ele».³³ Somos maiores porque é mais extraordinária a proposta que Deus nos faz no Filho encarnado, é mais extraordinária a proposta tal como nos é feita por Deus no Filho encarnado, que nos é feita, portanto, na carne, no quotidiano da nossa existência humana. A cozinha de Marta, tal como antes o quatinho ou a gruta da Virgem Maria em Nazaré, são um lugar mais sagrado do que o carvalho de Mamre para Abraão, do que Monte Sinai para Moisés, do que o Monte Horebe para Elias. Porque nunca Deus tinha estado tão presente como em Jesus Cristo. «E o Verbo fez-se carne e habitou entre nós»,³⁴ veio, literalmente, fazer a sua tenda, colocar a sua tenda no meio de nós, para nos encontrar de perto, familiarmente, no seio da nossa vida, e oferecendo-nos assim em Si mesmo, com uma simplicidade desarmante, tudo aquilo para que o coração é feito, de que o coração de cada homem da história humana é feito.

A grande decisão

Quando uma pessoa é surpreendida por isto, por este acontecimento, como Marta naquela noite pelas palavras de Jesus, o que é que acontece? O que é que deve fazer? Que reação é pedida à liberdade provocada e atraída por uma tão grande proposta de plenitude por parte de Deus?

Também para Marta começa então um caminho, um seguimento. O Eterno revelou-lhe que Ele é Tudo não só em Si (isso até os pagãos o sabem!), mas *para ela*, precisamente para ela – «Marta, Marta!» –, assim como para Maria e Lázaro, como para Pedro e os outros apóstolos. Jesus é Tudo precisamente para ela!

Mas quando Cristo se revela a nós como o Único necessário, como o Único de que precisamos, isso exige acima de tudo uma decisão. Porque se isto é verdade, que eu só preciso d'Ele, então já não posso separar-me d'Ele. Se isto é verdade, então não posso deixar de verificar esta coisa. Se não o fizesse, se não verificasse que Ele se dá a mim como sendo tudo aquilo de que preciso, fazendo-me dar conta disso com o eco misterioso que o Seu olhar, a Sua voz, a Sua palavra me fazem sentir no coração, se não verificasse isto, estaria a trair-me a mim mesmo, estaria a trair toda a sede de felicidade, de verdade, de beleza,

³³ Mt 11,11.

³⁴ Jo 1,14.

de amor com que o meu coração me atormenta desde o nascimento, e talvez ainda antes do nascimento. Se não verificasse a totalidade de Cristo para mim, viveria toda a minha vida com uma sombra de tristeza, a tristeza do jovem rico,³⁵ (descrita em todos em todos os Evangelhos sinópticos, e em especial em Marcos 10), uma sombra que tornaria tudo cinzento, todos os meus bens, tudo aquilo que antes estava aberto a um desejo de plenitude, mas que agora se torna apenas o sufocar do desejo do meu coração, como um túmulo em que me deixo enterrar vivo.

Antes de encontrar Jesus e dizer-lhe que não, as riquezas e a retidão moral do jovem rico (que dizia com sinceridade: «Obedeci a todos os mandamentos, o que é que me falta?») davam corpo ao seu desejo de vida eterna, tendiam para Cristo, gritavam a sua insuficiência em satisfazer a sede do seu coração, pelo que eram bens e virtudes que o impeliam para um ponto misterioso que o coração intuía, mas cujo rosto era ainda misterioso, porque ainda não o tinha encontrado. Até àquele dia, as riquezas, os talentos e as virtudes morais deste jovem não estavam fechadas em si mesmas, não travavam, mas antes impeliam o anelo do coração para algo de infinito. Mas depois dá-se o encontro, o olhar de amor de Jesus por ele, e também a ele Jesus disse, com palavras diferentes das que usou com Marta, mas é sempre a mesma coisa: «Só eu te posso bastar! É só de mim que o teu coração precisa!». E Jesus não fazia mais nada senão fazer notar ao jovem que ele não devia largar os seus bens, os seus talentos e as suas virtudes porque se tinham tornado um mal, defeitos e vícios, mas simplesmente porque tinham atingido o seu objetivo, o seu cumprimento, no encontro com Cristo. Agora, tinham terminado a sua tarefa de o fazer desejar um cumprimento que não se eram eles a garantir nem a produzir. *A tragédia deste jovem foi a de não seguir.* Não foi a de não ser capaz de abandonar os seus bens. Foi a de não seguir Cristo, de não estar com Ele, de não O reconhecer verdadeiramente como a única coisa de que precisava.

Viveu o encontro, mas não abraçou o seguimento. Ao encontro, que decerto aconteceu (caso contrário, porque partiria assim triste?!), não se seguiu – desculpem o jogo de palavras – o seguimento. Não seguir Cristo não quer dizer que o encontro não se deu; quer dizer que o encontro não continuou, foi abortado, não se tornou comunhão com Jesus, não se tornou familiaridade com Ele, amizade; não se tornou um caminho com Ele. A tristeza, aquela tristeza feia, que nos sufoca o coração, é a desilusão do nosso coração que entrevê a sua plenitude, a satisfação do seu mais profundo desejo, e nós arrancamo-la (em si, também esta é uma tristeza boa, porque é boa no coração, é verdadeira no

³⁵ Mc 10,17-22.

coração). É como arrancar um recém-nascido à mãe: a criança perde o desejo de viver, de crescer, de penetrar no caminho da vida.

É como se a liberdade se dissociasse do desejo do coração. Este é o verdadeiro drama do jovem rico e de todos aqueles que, encontrando Cristo, não o seguem. Não digo que encontrando Cristo não se tornam logo santos, mas que não ficam presos a Ele, mesmo com todos os pecados, mesmo com todas as riquezas de que não conseguem separar-se. Mas pelo menos ficam presos a Ele. É como se a liberdade se dissociasse do desejo do coração. O coração encontra, deseja, quer abraçar... mas a liberdade, ou aquilo que pensamos que é a liberdade, graças a um cálculo inconsciente de si, graças a um receio provocado por fantasmas, por falsas projeções, diz que não, impede o abraço. Então esta falsa liberdade, algoz de si mesma, arrasta o coração-menino que estava para abraçar Jesus, impondo-lhe autoritariamente, despoticamente, outras vias para outras plenitudes, que se revelarão todas falsas, quer as vias, quer as plenitudes.

Pastores da vida

Há muitos anos, a 20 de fevereiro de 1995, encontrava-me junto do leito de agonia do Bispo Eugenio Corecco – o padre que, ao encontrar *don* Giussani quando era já jovem professor, introduziu Comunhão e Libertação na Suíça – na companhia, precisamente, de *don* Giussani, que tinha vindo naquele dia visitá-lo pela última vez.³⁶ Queria voltar, mas monsenhor Corecco morreu nove dias depois. Como o Bispo, sedado devido às fortes dores, não conseguia estar acordado, durante uma hora conversámos, *don* Giussani e eu, sobre a vida, sobre a morte, sobre o limite, sobre a caridade, sobre tudo. Foi talvez a hora, ou aliás, foi certamente a hora mais intensa da minha vida, em presença destes dois santos amigos e padres, diante do espetáculo da sua comunhão no limiar entre a vida e a morte, entre a vida terrena e a vida eterna. Quando o Bispo Eugenio se desculpou pela sua sonolência dizendo: «Desculpem, hoje estou cansado», *don* Giussani disse: «É a experiência do limite. Mas o limite foi vencido. Cristo venceu o nada!». E enquanto Corecco voltava a adormecer, *don* Gius disse-me, olhando para o nosso amigo em fim de vida, que para ele a página mais impressionante da Bíblia era o primeiro capítulo do Livro da Sabedoria, e que o tocava sobretudo o final, onde se diz que o homem escolhe a morte, ainda que Deus escolha a vida por ele: «Deus não é o autor da mor-

³⁶ A. Moretti, *Eugenio Corecco: la grazia di una vita*, Cantagalli-Eupress FTL, Siena-Lugano 2020, pp. 295-296.

te / nem se compraz com a destruição dos vivos. / Pois Ele tudo criou para a existência / e todas as criaturas têm em si a salvação. / Não há nelas veneno de morte, / nem o poder do Hades domina sobre a terra, / porque a justiça é imortal. / Mas os ímpios atraem o Hades com palavras e obras; / julgando-o seu amigo, por ele se consomem / fazem aliança com ele; / bem merecem fazer parte dele».³⁷

Parece a fotografia de tanta cultura dominante no mundo de hoje, amiga da morte, que deseja a morte como se fosse amiga, come se fosse um cumprimento da vida. É o juízo amargo que exprime o salmo 48 sobre aqueles que vivem para ganhar o mundo inteiro sem ouvir o verdadeiro desejo da alma, do coração: «a morte será o seu pastor».³⁸

Eu disse então a *don* Giussani que isto me fazia pensar numa frase de Jesus aos judeus, uma frase carregada de tristeza, como quando chora sobre Jerusalém: «Vós, porém, não quereis vir a mim, para terdes a vida!».³⁹

E ali, no olhar daquele velho padre, também ele já fragilizado pela doença, mas vivíssimo de coração e de espírito, vi e percebi o que é a caridade. A caridade daqueles dois homens que tinha diante de mim, e de todos aqueles que na minha vida pude reconhecer como amigos e pastores de vida, não de morte. A caridade universal de todos os Papas que nos foram dados até Francisco. A caridade de pastores que, diante de cada homem, de toda a humanidade, diante da cultura que segue a morte, porque é guiada por mercenários a quem não importam as ovelhas, de pastores que não se resignam, não cedem às lisonjas da morte, não aceitam, como diz o Livro da Sabedoria, tê-la como amiga. São pastores, são pais, são mães que preferem morrer a renunciar serem pastores da vida, pastores que conduzem à vida, que conduzem a Cristo para que todos possam ter a vida n'Ele, e tê-la em abundância. «Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância», diz o Bom Pastor em João 10,10.

Dentro do grande drama da humanidade

Este é o grande drama da humanidade, dentro do qual somos chamados a decidir, também nós, nós em primeiro lugar, conscientemente, e nós também pelos outros, como indignos, mas reais protagonistas de um amor pelo homem, de uma paixão pelo homem que é toda de Cristo. O grande drama é que a Vida

³⁷ Sab 1,13-16.

³⁸ Sal 49 (48),15.

³⁹ Jo 5,40.

existe, veio, está aqui, podemos encontrá-la, mas podemos decidir não ir a ela, podemos não a seguir, não aceitar a sua proposta que, no entanto, o coração reconhece ser fascinante, como a única coisa de que precisa.

Então, a escolha vital, para todos, qualquer que seja o estado de vida ou a forma vocacional, a escolha vital é entre viver com Cristo ou sem Ele, entre viver seguindo Cristo ou viver afastando-se d'Ele.

Esta escolha vital não é a escolha de uma “vocação particular”, como se diz. *É a decisão fundamental do cristianismo*, é a escolha pedida a cada batizado, de mil maneiras, aliás, de bilhões de maneiras, tantas quantas os homens e mulheres que existem. Porque se trata do próprio Cristo, daquilo que Cristo é em Si mesmo para nós. É uma decisão diante do ser, do Ser mais ser que existe, do «EU SOU» que se revelou no Sinai a Moisés, mas, como eu dizia, que se tornou presença quotidiana em Cristo que nos vem dizer: «EU ESTOU CONVOSCO todos os dias [por isso também hoje, 30 de abril de 2022, aqui ou onde cada um de vocês estiver], até ao fim dos tempos»!⁴⁰ É impressionante que o Evangelho segundo Mateus acabe assim, com estas palavras, porque quer dizer que o Evangelho nunca acaba, continua todos os dias, até ao fim dos tempos!

Mas aquilo que Jesus é em si mesmo, o EU SOU de Jesus Cristo, fazendo-se homem, vivendo como homem, morrendo na cruz, ressuscitando da morte, *é todo para nós*, é todo para nos salvar, é todo para se dar a nós como Aquele de que precisamos absolutamente, como Aquele que responde a toda a necessidade do nosso coração, da nossa vida, das nossas relações, do nosso trabalho, do prato que estou a cozinhar como Marta, da noite a pescar em vão que, como Pedro, passei com os meus companheiros... Cristo dá-se a nós como o único que responde a toda a necessidade de toda a nossa humanidade.

O encontro com Cristo dá e propõe isto, ou seja, tudo. A liberdade é então colocada diante duma escolha de Cristo que não se limita à sua palavra, à sua doutrina, ao seu exemplo a imitar, ao seu amor pelos pobres, aos milagres que pode fazer, e tudo aquilo que quiserem. A escolha de Cristo é escolha d'Ele na totalidade da sua Pessoa, ou seja, a escolha d'Ele presente, d'Ele que pede para estar presente em toda a minha vida, ou seja, que pede para ser acolhido.

«Olha que Eu estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, Eu entrarei na sua casa e cearei com ele e ele comigo».⁴¹

Se estivéssemos conscientes do que isto significa, se estivéssemos conscientes de que esta palavra de Cristo no Apocalipse não é uma imagenzinha piedosa, mas a descrição real da sua relação conosco, comigo... devíamos tremer ao pensar o quanto negligenciamos uma oferta destas, que é oferta de

⁴⁰ Mt 28,20.

⁴¹ Ap 3,20.

tudo, do Tudo, que está à minha porta, como um mendicante que nos vem pedir algum dinheiro, quando, pelo contrário, *vem pedir-nos para nos dar a vida*, para dar cumprimento ao nosso coração e a tudo o que compõe, tece, molda a minha existência, até cada cabelo da minha cabeça.

Graças a Deus, somos criados no tempo, não somos anjos que, por um momento de decisão errada e orgulhosa, se tornam eternamente demônios. E então, o Senhor dá-nos a possibilidade de fazer e refazer a escolha, de tomá-la e retomá-la continuamente, de renová-la continuamente. Ele sabe que se não lhe abrirmos a porta, vivemos sem sentido, sem Vida da nossa vida, e a isso Ele não se resigna, volta sempre a procurar-nos, volta sempre a bater... Eu tenho a certeza de que o jovem rico era o próprio São Marcos, que se converteu, que voltou a ter com Jesus, porque Jesus não se resignou a vê-lo partir assim. Com efeito, imediatamente a seguir ao episódio do jovem rico, Jesus corre para a Paixão, porque quer salvá-lo, como quer salvar cada homem.

Porém, quem permanece, quem começa, mal ou bem, a segui-lo, a querer ficar preso a Ele em cada passagem da vida, cresce! Cresce na vida, cresce na sua humanidade, cresce em tudo aquilo que a presença de Cristo torna diferente, mais bonito, mais alegre, mais intenso, mais maduro, mais suave e humilde, mais corajoso, mais capaz de ternura, de paz, ou de coragem de afirmar com decisão a verdade, o certo, de afirmá-lo a Ele, até a morrer por Ele. Quem permanece e O segue cresce naquela santidade que é a plenitude de humanidade que a presença e o amor de Cristo tornam possível para todos, em qualquer fase da vida, em qualquer condição. Não há nada de humano a que Cristo não tenha vindo dar redenção e cumprimento. Por isso só precisamos d'Ele.

E que espanto ver este verdadeiro crescimento de humanidade entre nós! Que espanto ainda maior vermo-nos a nós mesmos mudar, mudar precisamente na amizade com Ele, ainda que a miséria permaneça, e até talvez cresça com o tempo e a idade. Porque a verdade humana do santo é tão verdadeira, tão fundamentada apenas em Cristo, que não lhe importa continuar por longo tempo, e talvez sempre, a conviver com as suas próprias fragilidades, fraquezas e também pecados. O santo vive com verdade também o seu pecado, santifica-se também através do seu pecado – talvez esteja a dizer uma heresia; mas o Papa também diz o mesmo! –, como Pedro que chora amargamente. Porque a consistência da santidade cristã não está em nós, não está no homem, não está no santo. A consistência da santidade é o apego a Outro, e tudo vem d'Ele, tudo *subsiste* n'Ele, como diz São Paulo no cântico do primeiro capítulo da carta aos Colossenses.

«Foi nele que todas as coisas foram criadas, no céu e na terra. Ele é anterior a todas as coisas e todas elas subsistem nele. É Ele a cabeça do Corpo, que é a Igreja. É Ele o princípio, o primogénito de entre os mortos [Cristo, vida da

vida!], para ser Ele o primeiro em tudo; porque foi nele que aprovou a Deus fazer habitar toda a plenitude [de todo o universo, mas acima de tudo do meu coração, do coração de Marta, do coração de todos] e, por Ele e para Ele, reconciliar todas as coisas [das tarefas dispersas de Marta, à relação com a sua irmã, até à guerra na Ucrânia, até à relação entre russos e ucranianos], pacificando [como é denso de significado este termo hoje!] pelo sangue da sua cruz, tanto as que estão na terra, como as que estão no céu».⁴²

Tudo se reúne em torno de Cristo

Mas é como se este papel cósmico, universal de Cristo, tivesse de começar na cozinha de Marta, na barca de Pedro, no banco do cobrador de impostos de Mateus, tal como começou antes na casa de Maria de Nazaré, na oficina de São José, no estábulo de Belém para os pastores... Toda esta recomposição do universo, misteriosamente, tem início, quer ter início, por escolha Sua, do Verbo de Deus, em mim, em nós, no encontro com cada um de nós; e, se ao encontro se segue um abandono da sua atratividade, se ao encontro se reage com um abandono da sua atratividade que te faz decidir, sempre, novamente, estar com Cristo, passo após passo, circunstância após circunstância, encontro após encontro, traição após traição, de modo que a vida se torna uma caravana de relações, de momentos, de gestos e de experiências que se reúnem em torno de Cristo, que seguem Jesus, porque o coração O segue, porque o coração sentiu o chamamento fundamental e suficiente para justificar qualquer outra escolha, qualquer outra renúncia, qualquer possível sacrifício ou abraço: «Marta, Marta, só precisas de mim, só eu dou plenitude infinita, eterna, ao desejo do teu coração!».

Este seguimento dilata o eu. São Bento fala deste amadurecimento no início da Regra, para que os monges que a irão seguir percebam que toda a disciplina que ela implica, toda a dificuldade de conversão que exigirá, tudo é para um crescimento da pessoa na sua capacidade de amar com liberdade Deus e os irmãos, e assim acolher a dilatação de coração que Cristo promete e dá a quem o segue.

Escreve São Bento: «Devemos, pois, constituir uma escola de serviço do Senhor». Cria comunidades que ensinam a servir e, sobretudo, seguir o Senhor. «Nesta instituição esperamos nada estabelecer de áspero ou de pesado. Mas se aparecer alguma coisa um pouco mais rigorosa [como com as crianças... de vez em quando, temos de ser severos, se queremos que elas

⁴² Col 1,16b-20.

cresçam], ditada por motivo de equidade, para emenda dos vícios ou conservação da caridade, não fuja logo, tomado de pavor, do caminho da salvação [como o jovem rico] que nunca se abre senão por estreito início. Mas, com o progresso da vida monástica e da fé [ou seja, no seguimento de Cristo], dilata-se o coração e com inenarrável doçura de amor é percorrido o caminho dos mandamentos de Deus». ⁴³ Quem permanece, quem segue, passo após passo, a um certo ponto apercebe-se de que corre, de que tem a energia para correr, porque tem um coração dilatado pela doçura inexprimível do amor, da caridade, do amor, da caridade, porque se sente amado.

Um eu humilde e certo

Quando lemos o episódio da ressurreição de Lázaro, no capítulo 11 de São João – cena que se desenrola, evidentemente, depois da narrada por Lucas, talvez um par de anos depois –, aquilo que impressiona é que encontramos uma Marta, certamente caracterizada pelo seu temperamento de sempre, mas com um «eu» infinitamente mais maduro, mais ardente e pacato ao mesmo tempo.

«Ao chegar, Jesus encontrou-o sepultado havia quatro dias. Betânia ficava perto de Jerusalém, a quase uma légua, e muitos judeus tinham ido visitar Marta e Maria para lhes darem os pêsames pelo seu irmão. Logo que Marta ouviu dizer que Jesus estava a chegar, saiu a recebê-lo, enquanto Maria ficou sentada em casa [nada mudou; psicologicamente são as mesmas: uma trabalha, e a outra está sentada]. Marta disse, então, a Jesus: “Senhor, se Tu cá estivesse, o meu irmão não teria morrido. Mas, ainda agora, eu sei que tudo o que pedires a Deus, Ele to concederá”. Disse-lhe Jesus: “Teu irmão ressuscitará”. Marta respondeu-lhe: “Eu sei que ele há-de ressuscitar na ressurreição do último dia”. Disse-lhe Jesus: “Eu sou a Ressurreição e a Vida. Quem crê em mim, mesmo que tenha morrido, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim não morrerá para sempre; crês nisto?”. Ela respondeu-lhe: “Sim, ó Senhor, eu creio que Tu és o Cristo, o Filho de Deus que havia de vir ao mundo”. Dito isto, voltou a casa e foi chamar sua irmã, Maria, dizendo-lhe em voz baixa: “Está cá o Mestre e chama por ti”». ⁴⁴

Que contraste harmonioso entre a Marta no episódio de Lucas e a desta cena! «Contraste», porque é evidente que esta mulher fez um caminho enorme de seguimento de Cristo, de conversão provocada pelo primeiro encontro. Mas «contraste harmonioso» porque é também evidente que é a mesma mulher e

⁴³ RB Prólogo 45-49.

⁴⁴ Jo 11,17-28.

que a conversão do seu eu, o crescimento do seu coração não foi um salto alheio à sua humanidade, mas um caminho da sua humanidade, do seu temperamento, das suas relações, até dos seus defeitos.

Tanto é assim que a primeira palavra que diz a Jesus é quase uma recriminação, como daquela vez: «Senhor, se Tu cá estivesses, o meu irmão não teria morrido». Mas é tudo diferente. Porque é uma doce recriminação cheia de pedido, cheia de confissão de que, verdadeiramente, só Jesus era necessário a Lázaro, a eles. E depois, é como se Marta se corrigisse logo, traduzisse logo a recriminação velada precisamente num ato de fé que, sem sombra de pretensão ou capricho, pede e mendiga tudo a Cristo, com uma certeza que antes não tinha: «Mas, ainda agora, eu sei que tudo o que pedires a Deus, Ele to concederá». Que força tem um «eu» que diz «Eu sou» não para afirmar com vaidade a sua capacidade, sapiência, competência, mas a de Outro. Marta diz «eu» numa total entrega a Cristo, e além disso está consciente de que também o «eu» de Jesus é todo ele fundado na entrega ao Pai, e por isso é um «eu» seguro, é um ponto de certeza também para ela, também para nós. Que consciência grande e amadurecida tem Marta de si e de Cristo ao afirmar que a presença de Jesus é presença do Pai, que o amor de Jesus é o amor do Pai, que aquilo que Jesus faz é aquilo que o Pai faz!. O eu de Marta, o pequeno e miserável eu de Marta, confessa com total transparência o *Eu de Cristo*, o modo como Jesus dizia «Eu», sabendo-se definido totalmente, eternamente, pela relação de amor com o Pai no Espírito Santo.

Diante dum «eu» tão humilde e certo – é isto que nos fascina nos santos, mas também em tantas pessoas entre nós: a humildade e a certeza, unidas ao amor a Cristo – diante de um «eu» tão humilde e certo, Jesus sente-se livre para se revelar totalmente, para manifestar a Marta toda a sua natureza divina, a sua potência divina. A grandeza de um «eu» estabelecido na fé, com humildade e confiança, está no facto de que este permite ao Senhor manifestar totalmente o seu «EU SOU», manifestar o que quer dizer verdadeiramente que só Ele nos é necessário. A posição de Marta permite a Cristo manifestar-se em toda a grandeza e ternura do seu ser.

Passo a passo para uma fé total

«Disse-lhe Jesus: “Teu irmão ressuscitará”. Marta respondeu-lhe: “Eu sei que ele há-de ressuscitar na ressurreição do último dia”. Disse-lhe Jesus: “Eu sou a Ressurreição e a Vida. Quem crê em mim, mesmo que tenha morrido, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim não morrerá para sempre; crês nisto?”. Ela

respondeu-lhe: “Sim, ó Senhor, eu creio que Tu és o Cristo, o Filho de Deus que havia de vir ao mundo”». ⁴⁵

Jesus conduz Marta, passo a passo, para uma fé total. Recordo-me que o meu “pai”, monsenhor Corecco, dizia antes de morrer que só pedia uma única graça: morrer com uma fé total. Jesus conduz Marta, passo a passo, para uma fé total. É como uma mãe que sugere meia palavra à criança para que esta aprenda a completá-la, a recordá-la toda, para que aprenda a exprimir-se, não como um papagaio, mas como alguém que sabe exprimir o seu «eu» como «eu», como identidade, como liberdade que se afirma. Se a mãe lhe dissesse toda a palavra, a criança repetiria como um papagaio; em vez disso, diz-lhe meia palavra, de forma a que surja na criança a consciência de que é ela que diz a palavra, é ela que descobre que se exprime. E seguindo fielmente, come se recitasse as respostas do catecismo – «Eu sei que ele há-de ressuscitar na ressurreição do último dia» [resposta corretíssima, impecável, mas Cristo condu-la mais longe, ou melhor: revela-lhe que a sua fé n’Ele vai bem além da fé tradicional de Israel] –; seguindo fielmente, os olhos nos olhos de Jesus, com o coração em tensão para o coração de Jesus, Marta recebe a revelação de tudo, de tudo aquilo que começou a encontrar um par de anos antes em sua casa, na famosa noite da ceia: «Eu sou a Ressurreição e a Vida. Quem crê em mim, mesmo que tenha morrido, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim não morrerá para sempre».

Recordemos as palavras de *don* Giussani: «Cristo, vida da vida, certeza do destino bom e companhia para a vida quotidiana, companhia familiar e transformadora em bem: é isto que representa a eficácia d’Ele na minha vida». ⁴⁶

«Eu sou a Ressurreição e a Vida. Quem crê em mim, mesmo que tenha morrido, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim não morrerá para sempre».

É disto, só disto que precisamos, que todos precisam. É a única coisa necessária. Precisamos de uma vida que nos ressuscite da morte, de qualquer morte, de qualquer rosto que a morte e o mal assumam na vida pessoal, na família, na comunidade, no mundo inteiro. Tudo o resto são as mil coisas que nos preocupam e nos põem nervosos sem serem necessárias, porque nunca respondem à verdadeira necessidade do coração, de qualquer coração.

Nem sequer a vida nesta terra nos é verdadeiramente necessária, porque esta é o teatro em que nos apercebemos da necessidade do coração, mas não é ela que o satisfaz. Lázaro não estará satisfeito nos anos que irá viver ainda depois da ressurreição. Não precisamos de não morrer, ou de sobreviver: pre-

⁴⁵ Jo 11,23-27.

⁴⁶ Ver aqui nota 19, p. 21.

cisamos, como diz Jesus a Marta, de não morrer no eterno, ou seja, precisamos da vida eterna, daquela vida que só Cristo nos pode dar, que só Cristo é para nós. Agora Jesus ressuscitará Lázaro para a vida de Lázaro, mas Lázaro não é feito, desejado e amado por Deus só para isso. Nenhum de nós é desejado e amado pelo Pai só para viver uma vida mais ou menos longa. Somos feitos por Ele para Ele, por Deus para Deus, e o coração não encontra paz até repousar na comunhão eterna com a vida que é Cristo, no seio do Padre, no sopro do Espírito Santo.

«Crês?»

«Eu sou a Ressurreição e a Vida. Quem crê em mim, mesmo que tenha morrido, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim não morrerá para sempre».

O que é que se pode acrescentar a este testemunho total de Cristo sobre si mesmo? O que é que pode haver mais além destas palavras? O que mais há para nós além da revelação completa da ontologia de Deus que se fez presente para nós, que nos olha nos olhos, que está presente em carne e osso, face a face? O que é que se pode acrescentar?

Dir-se-ia que nada se pode acrescentar. E, no entanto, não é assim. Falta alguma coisa a este testemunho completo, a esta revelação total, a esta teofania definitiva de Deus ao homem. É o próprio Jesus que o faz perceber a Marta, e a nós: «Crês nisto?».

Não serve de nada que Deus venha ao mundo anunciar-se como Vida da nossa vida, como vida eterna que nenhuma morte pode vencer, como vida eterna aqui e agora, não só no último dia, mas agora, e não só para os nossos mortos, mas para nós que vivemos, não serve de nada tudo isto, não serve de nada o próprio Cristo, *se eu não creio*, se eu não me reconheço como um «tu» crente diante de Cristo que me encontra assim, revelando-se assim.

Que estima tem Deus pelo homem, pela nossa liberdade, quando a manifestação daquilo que Ele é enquanto Deus se curva humildemente no umbral do nosso coração, da nossa consciência, da nossa vontade, inteligência e liberdade, e deixa passar até nós, quase como um gemido dum mendicante, o pedido de crermos n'Ele, o pedido de poder ser Ele mesmo para nós, de poder ser Deus, de poder ser a Ressurreição e a Vida, de poder ser Aquele que faz e redime, Aquele que nos dá a vida e ressuscita para a vida eterna!

«Crês nisto?» Não é um exame da Inquisição, esta pergunta. É a mendicância do Coração de Deus ao coração do homem, da liberdade de Deus à liberdade do homem, do Ser de Deus ao ser do homem.

Mas é uma pergunta cuja resposta não devemos procurar em nós. A matéria da fé, a sede da confiança, não está em nós: está no próprio Senhor, é o próprio Senhor. Por isso Marta exprime a resposta, mais do que da sua memória ou do seu raciocínio, como transpondo em palavras aquilo que vê, aquilo que tem à sua frente, aquilo que Jesus lhe comunica de si olhando-a nos olhos com amor, com o desejo de encher de sentido a sua vida, de encher de Si mesmo a sua vida: «Sim, ó Senhor, eu creio que Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo que havia de vir ao mundo».

Marta faz-se eco daquilo que vê, da experiência de Cristo que faz naquele momento. Jesus está a manifestar-se a Marta, é uma teofania diante dela, e ela vê-o, reconhece-o, porque a partir da famosa noite da cena de fúria, Marta não deixou de verificar as palavras que Jesus lhe tinha dito, a realidade que lhe tinha manifestado, que Ele era a única coisa necessária que o coração deseja, que tudo realiza, que tudo completa. E agora Marta amadureceu, cresceu nesta experiência da vida, cresceu na experiência de que Jesus é verdadeiramente a Vida da sua vida.

Sobretudo, Marta confessa que esta plenitude está presente, é uma Presença «que vem ao mundo». Não uma presença que está ali imóvel como um ídolo pagão, como uma estátua. *Cristo é a Presença de Deus que vem aonde é reconhecida, aonde é acolhida, aonde é amada.* E Marta fez, e faz esta experiência e por isso tem um coração certo, confiante na certeza de que se Cristo é Tudo para nós, se Ele é a Vida da nossa vida, todo o trabalho da nossa liberdade consiste em corresponder à liberdade de Deus de vir ao mundo, de dar-se ao mundo, em carne e osso, para encher o mundo de Ressurreição e Vida da vida do homem, de cada homem, qualquer que seja a situação ou condição em que se encontre, mesmo que esteja morto há quatro dias e se esteja a decompor como Lázaro.

A grande verificação

A fé é reconhecer isto, é viver para isto, com gratidão e esperança. Pelo que cada circunstância da existência, ainda que seja uma circunstância de morte e de pecado, ou uma circunstância de destruição e mal como a guerra na Ucrânia, ou uma circunstância de dor e sofrimento como todas as situações de provação, de doença, de injustiça, de miséria que continuamente vêm tocar-nos, direta ou indiretamente, tudo isto não é senão a reproposta à nossa liberdade da pergunta de Cristo Ressurreição e Vida que mendiga a nossa fé, o nosso sim a Ele, Vida da vida, Vida do mundo: «Crês nisto?», «Crês que Eu sou a Ressurreição e a Vida da tua vida?», da vida de todos?

A vida não nos pede mais nada. Deus não nos pede mais nada. Não nos pede que cozinhemos bem, que consigamos servir o jantar a horas, ou que consigamos demover a inércia da nossa irmã. A vida pede-nos a fé em Cristo. A vida, o mundo inteiro, pergunta-nos se Cristo é verdadeiramente a única coisa de que reconhecemos a necessidade, se Cristo é a Ressurreição e a Vida da nossa vida. A vida pede-nos para sermos o espaço desta verificação no qual a fé permite à presença de Cristo ser a misteriosa e sempre surpreendente Ressurreição e Vida de tudo e de todos. De quantas testemunhas disto estamos rodeados! Como escreve o autor da Epístola aos Hebreus: «Também nós, circundados como estamos de tal nuvem de testemunhas, deixando de lado todo o impedimento e todo o pecado, corramos com perseverança a prova que nos é proposta, tendo os olhos postos em Jesus, autor e consumidor da fé».⁴⁷ Quantos amigos nossos compõem este núcleo de testemunhas, esta nuvem de testemunhas que nos fazem perceber, que nos dizem que Cristo é verdadeiramente a Vida da vida, na morte, na doença, no sofrimento, em tudo.

Quem vive isto tem autoridade. Marta, nesta cena do Evangelho, é a pessoa com autoridade que, com calma, ordena tudo e todos. Muito diferente da mulher histérica de há alguns anos! Tem autoridade porque, acima de tudo, colocou ordem em si mesma, deixou Cristo agir nela própria. Quando uma pessoa estabelece um centro fixo e estável, e aceita verificar a sua consistência, tudo se ordena em seu redor. A vida ordena-se com harmonia e beleza, mesmo no meio de mil turbulências, quando acolhemos verdadeiramente Cristo em nós, na vida, em toda a vida, como o Único necessário, como Aquele que é o único a responder à necessidade de sentido e de vida do nosso coração. Tudo se recompõe em torno d'Ele, tudo se recompõe em relação a Ele. Só Jesus sabe o lugar certo de cada um de nós e de tudo aquilo que faz a nossa vida, dos cabelos à mulher, dos sapatos ao trabalho, do café à política... tudo.

São Bento, na sua Regra, ordena tudo, coloca todo o humano dos monges numa ordem harmónica que dos mosteiros irradiou para a cultura europeia e mundial. Mas ele deixa acontecer toda esta ordem harmónica, deixa-a ser gerada num centro, um centro que não pode impor, que cada monge é chamado a escolher, a acolher livremente, porque é um centro afetivo, um centro em que a minha liberdade corresponde a um amor que lhe pede amor, a uma preferência que pede preferência, a um olhar fixo sobre mim que pede um olhar fixo sobre Cristo. São Bento exprime este centro pedindo aos monges para «nada antepor ao amor de Cristo».⁴⁸ Além disso, diz que a obediência sem hesitação dos mon-

⁴⁷ Hb 12,1-2a.

⁴⁸ RB 4,21.

ges «é peculiar àqueles que estimam nada haver mais caro que o Cristo».⁴⁹ E por fim, quando no penúltimo capítulo Bento faz um pouco o resumo daquilo que é essencial na vida dos monges, conclui pedindo que «nada absolutamente antepõem a Cristo – que nos conduza [eis o seguimento] juntos para a vida eterna».⁵⁰

Toda a vida cresce e se ordena em relação a este centro, na relação contínua com este centro, remetendo sempre tudo para a preferência central de Cristo. Foi assim que Marta cresceu, que a sua pessoa se tornou aquele espetáculo de harmonia do humano, de toda a sua exuberante humanidade, que demonstra no episódio da ressurreição de Lázaro.

Os estranhos homens que preferem Cristo

Quando *don* Giussani testemunha que Cristo é a vida da sua vida, fá-lo tendo em si uma preocupação em relação a todas as pessoas envolvidas pelo seu carisma, uma preocupação que tinha já exprimido muitas outras vezes, sempre, por exemplo quando insistia muito, nos tempos em que também eu estava na universidade, na famosa (espero que ainda o seja!) passagem do *Il racconto dell'Anticristo* (Breve história sobre o Anticristo) de Soloviev:

«O imperador dirigiu-se aos cristãos dizendo: “Estranhos homens [...] digam-me vocês mesmos, ó cristãos, abandonados pela maioria dos vossos irmãos e chefes: o que têm de mais caro no cristianismo?”. Então o *starets* João levantou-se e respondeu com doçura: “Grande soberano! Aquilo que temos de mais caro no cristianismo é o próprio Cristo. Ele próprio e tudo o que vem d’Ele, já que sabemos que n’Ele vive corporalmente toda a plenitude da Divindade”».⁵¹

Às vezes pergunto-me se nós, cristãos, todos: leigos, padres, monges, religiosos, somos ainda vistos pelo poder como «estranhos homens», «estranhas mulheres», se o poder de serviço, a ideologia de serviço, nos sente como estranhos, como não conformados a si, como não assimiláveis aos seus interesses e aos seus projetos e planos. Não é em vão que o Papa Francisco denuncia muitas vezes a mundanidade com que vivemos, com que vivem também aqueles que deveriam ser consagrados à preferência de Cristo de forma, se não exemplar, pelo menos significativa, como sinal de uma vida nova possível para

⁴⁹ RB 5,2.

⁵⁰ RB 72,11-12.

⁵¹ Cf. V. Soloviev, «Breve Racconto dell’Anticristo», in Id., *I tre dialoghi e Il Racconto dell’Anticristo*, Marietti 1820, Génova 1996, p. 190.

todos. Mas a vida nova, diferente, «estranha» para o mundo, começa no eu, no coração que verdadeiramente encontra Cristo e o deixa anunciar e provar na nossa vida que, verdadeiramente, Ele é o Único necessário, o único de que eu preciso, o Único que tenho de mais querido, e, portanto, aquilo que temos de mais querido, precisamente, de mais precioso, ou seja, a última coisa à qual renunciaríamos se nos fosse tirada, incluindo a vida. Os mártires testemunham-nos isto: que Cristo, porque é a Vida da vida, é mais querido do que a vida.

Foi o testemunho que nos deu monsenhor Corecco, o meu pai na fé, que viveu os anos da doença irradiando com verdade e letícia a paz que lhe vinha dum versículo do salmo 62, o versículo 4, das Laudes dos domingos ou dias festivos: «A Tua graça vale mais do que a vida».

Tudo nos chama e isto, a esta maturidade do eu na fé que permite ao Ressuscitado presente ser a plenitude do coração em todas as circunstâncias da existência. Quem entra no seguimento de Cristo verificando em tudo que Ele é a Ressurreição e a Vida da vida, cresce numa relação nova com todos e com tudo, uma relação livre, porque quem não tem nada de mais caro do que Cristo é mais livre do que o imperador, domina tudo mais do que o imperador do mundo.

Mas há um aspeto desta verificação que devemos aprofundar hoje à tarde: Marta não fez este caminho sozinha. Sozinha não teria conseguido. E nós também não.

Cantemos o *Regina Caeli*.

Sábado, 30 de abril, tarde

À entrada e à saída:

Johann Sebastian Bach, Cantata “Christ lag in Todesbanden”, BWV4

Karl Richter – Münchener Bach-Chor und Orchester (Archiv Produktion) Universal

■ SEGUNDA MEDITAÇÃO

Mauro-Giuseppe Lepori

«Está cá o Mestre e chama por tí»

Letícia e liberdade

«“Eu sou a Ressurreição e a Vida. Quem crê em mim, mesmo tenha morrido, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim não morrerá para sempre. Crês nisto?”. Ela respondeu-lhe: “Sim, ó Senhor; eu creio que Tu és o Cristo, o Filho de Deus que havia de vir ao mundo”. Dito isto, voltou a casa e foi chamar sua irmã, Maria, dizendo-lhe em voz baixa: “Está cá o Mestre e chama por tí”».⁵²

Esta manhã falámos do caminho que Marta fez, verificando, depois da sua... grande fúria, a provocação de Jesus, a provocação de se afirmar diante dela como a única realidade de que ela precisava. Marta fez um caminho, porque verificou este juízo, mas sobretudo esta Presença, em todos os recantos da sua vida. Fez um trabalho sobre si, vivendo com este anúncio de Jesus dentro de si, e descobriu cada vez mais que era verdadeiro, que era verdade que Jesus lhe era infinitamente mais necessário do que todas as exigências e pretensões de que a sua vida e o seu coração estavam cheios e, sobretudo, eram escravos. Experimentou uma libertação, uma dilatação do coração, uma dilatação do sentido e do gosto da vida. Nada agora a fechava em si mesma ou, se isso acontecia outra vez, a memória daquela presença e daquela palavra, e da experiência que tinha gerado nela, reabria-lhe o coração e libertava-a da angústia e do queixume que tentavam submergi-la sempre. Por isso era alegre. Até diante do drama da vida, até na dor, como a da morte do seu irmão Lázaro, Marta sentia-se alegre, ou seja, livre dum fechamento em si mesma que antes a sufocava.

⁵² Jo 11,25-28.

Renegar a falsidade do eu

Não tinha sido fácil este trabalho. Porque com o temperamento que tinha, a verificação de que Outro era tudo aquilo de que precisava, a renúncia a ser ela a arranjar, para si e para os outros, aquilo de que pensava que precisavam, tinha implicado e implicava ainda uma renúncia de si mesma, uma negação de si que, para dizer a verdade, não lhe era inata.

O logotipo da Fraternidade, uma obra do artista brasileiro Cláudio Pastro – que tive a graça de conhecer em São Paulo poucos meses antes da sua morte; um artista cheio de fê, que fez do santuário mariano mais importante do Brasil, *Nossa Senhora de Aparecida*, para mim, uma das grandes maravilhas da arte cristã contemporânea –, representa, como sabem, São Bento.⁵³ Em volta da sua figura, Pastro escreveu uma meia frase retirada da Regra de São Bento: «*Ut sequatur Christum* – para seguir Cristo». Não aparece a primeira metade deste verso do capítulo 4 da Regra, que é aparentemente negativo: «*Abnegare semetipsum sibi, ut sequatur Christum* – Abnegar-se a si mesmo, para seguir Cristo».⁵⁴

São Bento quase parece querer esmagar totalmente o eu, porque não diz apenas abnegar-se, mas «*semetipsum sibi* – a si mesmo». Evidentemente, isto faz parte duma ascese monástica que nos tempos de Bento não temia a mortificação de si. Porém, quando vemos como tantas vezes vivemos escravos de um «eu» alienado, cheio de mentiras e ideologias, cheio de caprichos gerados por um bem-estar insolente e esquecido da pobreza dos outros, de demasiados outros; quando vemos como estamos infetados por aquilo a que o Papa Francisco chama «a cultura do descarte e da indiferença»;⁵⁵ quando vemos com quanto individualismo, quanta instintividade estamos perante a vida, a nossa comunidade, a nossa família, a mulher, o

⁵³ A imagem de São Bento é retirada do medalhão idealizado e realizado em 1980 pelo artista brasileiro Claudio Pastro (São Paulo, 1948-2016) para o aniversário do nascimento do Padroeiro da Europa. Nesse mesmo ano, o Abade de Montecassino, Martino Matronola, conferia o primeiro reconhecimento eclesialístico à Fraternidade de Comunhão e Libertação. São Bento tem o dedo médio, o indicador e o polegar da mão direita levantados, para indicar as três pessoas da SS. Trindade: um convite a vivermos em comunhão. Com a mão esquerda indica o coração, onde se realiza a ideia da Regra, a vida evangélica. As linhas curvas e os contornos da medalha são símbolos da dinâmica do divino que se encarna no homem. *Ut sequatur Christum* («para seguir Cristo»; RB 4,10) aparece escrito na margem, indicando o caminho do homem. Ver também: G. Feliciani, «Nota histórica», em L. Giussani, *A obra do movimento...*, op. cit., p. 13.

⁵⁴ RB 4,10.

⁵⁵ Cf. Francisco, *Homilia na Santa Missa de abertura da XIV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos*, 4 de outubro de 2015; Francisco, *Mensagem pela celebração da LIV Jornada Mundial pela Paz*, 1º de janeiro de 2021.

marido, os filhos, o trabalho ou a nossa vocação... Em suma, talvez hoje também não nos fizesse mal, se não uma mortificação do eu, que corre o risco de ser mal entendida e mal vivida, pelo menos um trabalho sobre nós que nos torne conscientes de que conceber o eu como o tudo da vida – porque é este o problema do individualismo: conceber o eu como o deus, o ídolo da própria vida –, não é uma posição que leva à felicidade, que leva a vida a abraçar um sentido que a ultrapassa. A alegria, com efeito, e vemos-lo nas crianças, é uma experiência em que o coração, por assim dizer, “rebenta” fora de si mesmo.

Pois bem, creio que Marta fez este trabalho de renegar um eu cheio de si mesmo, de um eu inclinado sobre si mesmo e que exigia que todos se debruçassem sobre si. Mas não fez este trabalho e este caminho com a decisão e a força do seu eu. Teria sido pior! Imagino que os demónios estejam convencidos que são os seres melhores e mais altruístas do universo, só porque fazem tudo por si mesmos e para si mesmos. Não, Marta pôde fazer este trabalho porque olhou para Cristo, deixou-se atrair por Ele, ainda que ao princípio Ele a tivesse contradito e contrariado. Mas tinha-a contradito e contrariado precisamente pondo o dedo na ferida da conceção autónoma de realização da sua vida em que ela estava fechada e que a fazia sofrer, a sufocava, envenenando tudo nela e à sua volta: relações, trabalho, religiosidade, tudo.

Uma provocação partilhada

Porém, Marta não fez aquele caminho sozinha, e naquela noite Jesus não a tinha chamado só a ela, não se tinha revelado só a ela. Marta fez um caminho sobre si mesma no seio de uma companhia, juntamente com pessoas que decidiram este caminho com ela, fazendo esse trabalho sobre si mesmas juntamente com ela.

Porque naquela noite, aquilo que acontece, aquilo que Jesus disse e revelou, não foi um simples desacato entre Marta e Ele, nem um momento de direção espiritual entre Ele e Marta. A sua troca de palavras tornou-se Evangelho porque é uma questão que nos diz respeito a todos, que tocou e envolveu imediatamente todos os presentes naquela noite em casa de Marta. Tenho a certeza de que naquela noite se deu, para os três irmãos, um encontro com Cristo que deu um sentido novo à sua vida juntos. Com efeito, também Lázaro e Maria, depois da correção de Jesus a Marta, ficaram em silêncio. Maria e Lázaro poderiam ter-se conluiado com um sorrisinho irónico, porque Jesus lhes dava razão em relação às eternas e exasperantes ansiedades e pretensões de Marta. Pior ainda, poderiam ter dito em conjunto: «Nós tínhamos-te dito! Estás a ver, até Jesus viu

que nos pões a todos em polvorosa com as tuas ansiedades e pretensões, com a tua mania de mandar em tudo e em todos!».

Em vez disso, também eles ficam em silêncio! Também eles ouvem e meditam sobre si mesmos. Porque aquilo que Jesus disse a Marta – que Ele era a única realidade necessária, de que precisamos – era uma coisa demasiado grande, demasiado importante: não podia ser válida apenas para Marta! Cada um deles meditou sobre si, até Maria que, no entanto, tinha sido elogiada por Jesus e podia sentir-se bem. Lázaro e Maria certamente se perguntaram: «E eu? Vivo verdadeiramente o encontro com Jesus reconhecendo que Ele é a única resposta necessária à minha necessidade de felicidade, de paz, de fraternidade, de beleza e realização da vida? É verdade ou não que para mim Ele é tudo, a melhor parte? Que Ele é a minha paz, que tudo na minha vida se ordena e repousa em torno d’Ele e n’Ele?».

Confesso que quando os leigos, abalados pelas tempestades do mundo, nos dizem a nós, monges, que escolhemos a melhor parte, quase com um sentimento de culpa por não a terem escolhido também eles, me sinto muito provocado. Porque tenho a impressão de que para quem está no mosteiro, muitas vezes a melhor parte não é uma escolha tão dramática como a que sentem necessidade de fazer aqueles que se encontram, por assim dizer, em pleno naufrágio, por exemplo no trabalho, na família, na sociedade, na política... Mesmo na cena de Marta e Maria, é como se a melhor parte fosse dada a Maria numa salva de prata, com demasiada facilidade. Marta, pelo contrário, é chamada a uma escolha dramática e, como veremos, irá verdadeiramente fazer essa escolha, sacrificando verdadeiramente a falsa posição do seu eu. Por isso, tenho a impressão de que naquela noite Maria percebeu que também ela devia renovar a escolha de Cristo, fazê-la verdadeiramente, seguindo também ela a provocação de Jesus.

Pensemos em quando Jesus e os apóstolos, naquela noite ou no dia seguinte, voltaram a partir, e Marta, Maria e Lázaro se encontraram sozinhos, na casa silenciosa, a arrumar e a limpar depois da passagem daquela dúzia de homens galileus, ainda por cima camponeses e pescadores pouco acostumados às boas maneiras. Certamente que os três se olharam em silêncio, com um misto de tristeza e de paz serena, grata, alegre lá dentro. Uma tristeza alegre, porque desejosa de um bem experimentado com gratidão mas que nunca se possui totalmente. Os três olharam-se como nunca se tinham olhado antes, com uma ternura com que nunca se tinham olhado antes. Gostavam uns dos outros, isso fica claro em cada cena do Evangelho em que aparecem os três irmãos, mas aquela ternura, antes, não existia. Era evidente para os três, mesmo sem o dizerem – mas depois tê-lo-ão dito – que já não era como antes entre eles, que tinham entrado numa fraternidade diferente, numa familiaridade diferente, e que aquela casa, tão familiar para eles, onde viviam talvez desde pequenos

com os seus pais, com os avós, onde tinham crescido juntos..., aquela casa tinha-se tornado um lugar novo, um espaço novo, algo de sagrado, como um templo, um espaço onde viver como num templo. E intuía que a novidade entre eles e na sua casa tinha nascido precisamente naquele instante em que Jesus tinha dito a Marta, aproveitando as suas queixas – mas poderia ter sido, e teria sabido aproveitar qualquer outra ocasião –, tinha nascido naquele instante em que Jesus tinha revelado a Marta, e a todos os que ouviam, que cada coração humano é feito para Ele como o Único necessário, como a única resposta à necessidade da vida, de todo o humano que nos constitui.

Porque é sempre isto que acontece no encontro com Cristo, se o encontramos verdadeiramente. Jesus di-lo de mil maneiras, fã-lo experimentar de mil maneiras, mas trata-se sempre desta experiência. Três exemplos no Evangelho:

«Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, que eu hei-de aliviar-vos. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração e encontrareis descanso para o vosso espírito. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve».⁵⁶

Ou quando «Replicou-lhe Jesus [à Samaritana]: “Todo aquele que bebe desta água voltará a ter sede; mas, quem beber da água que Eu lhe der, nunca mais terá sede: a água que Eu lhe der há-de tornar-se nele em fonte de água que dá a vida eterna”».⁵⁷

Ou noutra passagem de João: «No último dia, o mais solene da festa, Jesus, de pé, bradou: “Se alguém tem sede, venha a mim; e quem crê em mim que sacie a sua sede! Como diz a Escritura, não-de correr do seu coração rios de água viva”. Ora Ele disse isto referindo-se ao Espírito que iam receber os que nele acreditassem [«Crês nisto?»]; com efeito, ainda não tinham o Espírito, porque Jesus ainda não tinha sido glorificado».⁵⁸

A novidade da fraternidade em Cristo

Que os três irmãos trabalharam juntos sobre este acontecimento, que corresponderam juntos a esta novidade, e que fizeram um caminho juntos, não o vemos apenas na maturidade que Marta demonstra quando Jesus vem ao túmulo de Lázaro. Vemo-lo também, e sobretudo, na sua relação nova com Maria, sua irmã. Basta um pormenor para percebermos que as duas irmãs têm uma relação nova, porque Marta, depois do encontro e conversa com Jesus que se revela

⁵⁶ Mt 11,28-30.

⁵⁷ Jo 4,13-14.

⁵⁸ Jo 7,37-39.

como a Ressurreição e a Vida da vida, vai chamar a sua irmã numa forma que denota a relação nova que existe entre elas, a relação nova que cresce em quem está junto verificando que Cristo é o Único necessário ao coração e à vida, a relação nova de quem está junto porque existe Jesus Cristo, porque Cristo é tudo. Diz-lhe: «Está cá o Mestre e chama por ti».⁵⁹

Nestas palavras reside toda a novidade que Cristo trouxe ao mundo, que é uma novidade de relações, uma fraternidade, uma irmandade nova, uma amizade que para o mundo é inconcebível, e sobretudo impossível sem Cristo. Marta chama Maria para lhe dizer que Jesus a chama, transmite-lhe o chamamento do Senhor presente. Ele está aqui e chama-te, quer-te, quer encontrar-te. Agora, ambas sabem que Jesus é o Único necessário, a Vida da vida. Estão unidas nesta consciência, neste encontrar em Cristo a satisfação total do coração.

«O Mestre»: para Marta, este título está cheio de toda a autoridade de Cristo, da sua *auctoritas* – que etimologicamente quer dizer «fazer crescer» –, ou seja, do facto de que a relação com Ele, o ouvi-Lo, nos faz crescer, faz crescer a vida, dilata o coração, introduz à verdade de tudo, das relações, do trabalho, dos afetos, das fragilidades humanas, até à morte, à dor pela morte de Lázaro ou à própria morte. «Mestre», para Marta, é agora Aquele que é «a Ressurreição e a Vida», Aquele que está presente para te ressuscitar, para te fazer viver com plenitude. «Mestre», diria Santa Madre Teresa de Calcutá, é Jesus que é a «Vida – a viver», o «Amor – a amar»,⁶⁰ e tantas outras qualidades e atitudes que somos chamados a assimilar, a absorver da autoridade de graça da sua presença, do seu amor por nós, do seu olhar sobre nós.

Não pode haver comunhão mais profunda e verdadeira, não pode haver fraternidade mais bonita e sólida do que partilhar esta fé e este desejo, esta fé que é desejo d’Ele, desejo e abraço d’Ele. E não pode haver dom recíproco maior, não pode haver unidade mais indestrutível, do que mostramos uns aos outros a presença de Jesus que nos deseja para dar resposta e satisfação ao nosso desejo fundamental de vida. Marta e Maria estão tão tácita e profundamente unidas na consciência de que a presença de Jesus é a Vida da vida, para ela e para todos, até para os mortos como Lázaro, que quando chegam ao pé d’Ele, em momentos diferentes, lhe dizem a mesma coisa, lhe exprimem a mesma consciência, o mesmo desejo da Vida da vida que Ele é: «Senhor, se Tu cá estivesses, o meu irmão não teria morrido».⁶¹

⁵⁹ Jo 11,28.

⁶⁰ «*Tornemo-nos todos um ramo verdadeiro e frutuoso da vinha de Jesus, aceitando-O as nossas vidas sob a forma em que Lhe aprouver vir: [...] como Vida – a viver; como Amor – a amar*» (Madre Teresa, *Il cammino semplice*, A. Mondadori, Milão 1995, p. 17).

⁶¹ Jo 11,21 e 32.

Partilhar a verificação de que Ele é tudo

Sublinho tudo isto porque me parece que nestes episódios, nestas palavras, nestas pessoas do Evangelho, encontramos o paradigma existencial da Igreja, da companhia de pessoas, da amizade e fraternidade em que é dado e pedido a cada um de nós para ir ao fundo do encontro com Cristo, até uma plenitude de humanidade, uma plenitude e maturidade do eu que muda o mundo, que renova todas as coisas ao corresponder ao acontecimento de Cristo e ao testemunhá-lo. Nada testemunha mais Cristo e que ele é Tudo para o homem do que uma pessoa que joga a sua vida na verificação desta proposta, que cresce verificando esta proposta de Cristo ao coração, de Cristo que diz ao coração: Eu sou tudo para ti e para todos!

Mas mais ainda do que isto, ou indissoluvelmente ligado a isto, nada testemunha mais Cristo e a plenitude que é para o homem do que *uma companhia de pessoas unidas nesta verificação*, nesta experiência de sentir-se chamado pelo Único necessário para verificar que, de facto, o coração e a vida não precisam de mais nada senão d'Ele. *A comunhão cristã é precisamente uma partilha da verificação (literalmente: o tornar verdadeiro, real) que Cristo é Tudo para o coração do homem.*

Não podemos estar unidos por nada de mais precioso, de mais caro, de mais preferível. E nada nos deveria tornar mais responsáveis do que a nossa unidade em relação ao mundo inteiro. Porque o motivo da unidade dos discípulos é a experiência de que Cristo é Tudo para o coração de cada homem, que Cristo é a Vida da vida de cada homem, e se faço esta experiência, tão surpreendente e gratuita, que não mereço, sou imediatamente responsável por qualquer coração humano. E se experimento que a fraternidade que vivo com quem Deus colocou ao meu lado torna mais verdadeira e real a verificação de que Cristo é a única Realidade necessária ao homem, então a mesma unidade com os meus irmãos e irmãs torna-se uma responsabilidade universal, pelo mundo inteiro. Por outras palavras, mas devíamos aprofundá-lo: se digo a quem está ao meu lado: «Está cá o Mestre e chama por ti», «Cristo, a Ressurreição e a Vida, está presente e chama por ti», na realidade digo-o a todos, transmito a presença e o chamamento de Cristo ao mundo inteiro. Não porque eu sou bom, ou porque sou conhecido universalmente, ou porque a pessoa a quem o comunico é importante, mas pela natureza de Cristo, por aquilo que Cristo é mesmo quando está sentado na cozinha de minha casa, mesmo quando está presente na minha comunidade ou na minha família destroçada.

O ecumenismo assim vivido é uma responsabilidade universal dos cristãos, é aquilo que todos os cristãos devem ao mundo inteiro. Com efeito, quanto mais se partilha esta experiência, mais verificamos juntos que Cristo é verda-

deiramente Tudo, que é Tudo para todos, Tudo em todos. A partilha desta experiência, desta verificação, não diminui, aliás, acentua, a Totalidade de Cristo para cada um, para cada coração.

«Não nos ardia o coração, quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?»,⁶² dizem entre si os discípulos de Emaús. Que comunhão tão profunda e tão terna havia entre estes dois discípulos de Emaús ao partilharem a experiência de que só quando Cristo está presente, quando o Mestre está presente, o coração de cada um arde de plenitude! Nunca tinham experimentado uma amizade tão intensa entre eles como naquele caminho com Jesus, e há quem não exclua a hipótese de que fossem marido e mulher, ou pelo menos dois discípulos ligados há anos por uma relação, quem sabe de trabalho, de partilha de casa, de parentesco, de amizade. Mas antes não eram assim unidos; antes, com efeito, entre eles havia queixas, desilusão, também em relação ao facto de Cristo ter morrido daquela forma indigna, sem manter as promessas que eles lhe tinham atribuído para que satisfizesse as suas expectativas, talvez todas elas boas, como a libertação de Israel: «Nós esperávamos que fosse Ele o que viria redimir Israel...».⁶³ Também eles, como Marta, que naquela noite só esperava de Jesus que ele incentivasse a sua irmã a ajudá-la, que lhe desse um pontapé para que ela se levantasse e fosse trabalhar...

Que pouco esperamos de Cristo quando não lhe permitimos que nos revele que Ele é tudo para o nosso mais profundo desejo!

A missão da fraternidade

Marta, transmitindo a Maria o chamamento do Mestre presente, partilha com a sua irmã uma abertura a Cristo que lhe permite dar-nos tudo, tudo em Si mesmo, toda a Vida que Ele é para nós. Partilham uma fé e uma esperança que não colocam limites ao dom de Cristo ao mundo. Só vivendo uma comunhão assim somos verdadeiramente missionários. Cristo veio ao nosso encontro, veio chamar-nos, para salvar o mundo, sem limites. Não veio apenas libertar Israel, ou pôr ordem e disciplina em casa de Marta. Porém, nós colocamos quase sempre estes limites, fazemos esta redução do acontecimento de Cristo. Não o reduzimos tanto em si, porque em palavras acreditamos que Cristo é o Filho de Deus, encarnado, morto e ressuscitado para a salvação do mundo inteiro. Reduzimo-lo no pouco que deixamos este acontecimento mudar a nossa vida, encher a nossa vida. Queríamos que nos correspondesse na medida dum desejo

⁶² Lc 24,32.

⁶³ Lc 24,21.

delimitado nosso, que não é nada em relação ao desejo de salvação ilimitado que Cristo tem no coração. Um desejo que Ele tem também para mim! Cristo não quer utilizar-me para salvar o mundo passando por cima da nossa necessidade de salvação. É precisamente o contrário: Cristo salva o mundo inteiro através da salvação da minha vida, através da plenitude do meu coração, da ressurreição da minha vida. «Eu sou a Ressurreição e a Vida», mas não só de Lázaro: de ti, Marta! E a partir de ti, de todos aqueles que encontrarás, como há pouco a tua irmã. «Eu sou a Ressurreição e a Vida» em Pessoa, em absoluto, e portanto, para todos, de todos! Se a minha vida rebenta em ti, não poderás vivê-la sem abraçar o mundo, sem um anelo de salvação universal, que é o anelo, aquilo que me fez, com letícia, morrer na Cruz por vocês!

Que crescimento extraordinário, o de Marta e Maria, que passaram da competição e da recriminação recíprocas – tanto que parecia que também Jesus era um motivo de disputa e inveja entre elas –, à consciência madura de que a partilha do valor de Cristo O torna ainda mais precioso e presente para cada uma delas. A experiência de que, partilhando Cristo, o recebo mais eu.

Agora Marta já não se queixa por Maria estar sentada em casa, quando haveria tanto para fazer para receber toda a gente que vem prestar condolências pela morte de Lázaro; nem se queixará quando Maria, pouco tempo depois, derramará todo aquele precioso nardo nos pés de Jesus.⁶⁴ Marta está em paz com a gratuidade contemplativa da sua irmã, tal como está em paz com o seu papel de mulher faz-tudo, porque percebeu, ou melhor, fez experiência, que em todas as coisas partilham o tesouro mais precioso, que dá valor infinito às suas tarefas domésticas como à contemplação inativa de Maria. Nada a impede de encontrar em Cristo presente a plenitude do coração: tudo o resto é apenas o cenário desta experiência.

Esta verificação, porém, temos de a fazer na nossa vida de fraternidade, de comunhão e de amizade, não só com a nossa comunidade, mas também com o marido ou a mulher, e com os filhos, os amigos e colegas, tal como com os inimigos e rivais. Devemos sempre interrogar-nos: há espaço em todos estes âmbitos para Cristo presente que é Vida da vida, plenitude do coração e de toda a nossa humanidade? Há um espaço central para Cristo na nossa vida, nas nossas relações, nos nossos encontros, mesmo os recreativos, ou nos nossos desacordos e conflitos? Há espaço central para Cristo nas crises das nossas relações? Há espaço central para Cristo realmente presente também nas crises da nossa conceção das nossas relações, do sentido do estarmos juntos, do nosso caminhar juntos? Há espaço central para Cristo, por exemplo, nos nossos conflitos de interpretação de um carisma, de uma missão ou vocação?

⁶⁴ Cf. Jo 12,1-11.

O testemunho do Ressuscitado, substância de toda a presença missionária, mesmo entre as quatro paredes dum mosteiro ou de nossa casa, irradia do reconhecer, no meio de tudo, pelo menos como mendicância, que Cristo, o Mestre, o Senhor, a Ressurreição e a Vida da vida, está aqui e chama-nos.

Monsenhor Montini, futuro São Paulo VI, escreveu no início do seu ministério como Arcebispo de Milão uma carta pastoral de Quaresma, com o título, retomado duma frase de Santo Ambrósio: «*Omnia nobis est Christus* – Tudo é Cristo para nós». ⁶⁵ Uma carta que devemos reler toda – tenho pena de não ter tempo para isso –, porque afirma com clareza, ainda muito atual, que a urgência para a Igreja e para o mundo é retomar consciência e refazer experiência de que só Cristo nos é necessário. Impressiona-me pensar que esta carta é publicada por monsenhor Montini alguns meses depois de *don* Giussani, em outubro anterior, ter subido os famosos degraus do Liceu Berchet para iniciar, sem o saber, o movimento para o qual o Espírito Santo o tinha destinado. Imagino como devem ter ecoado no coração de *don* Gius as palavras do seu arcebispo sobre a necessidade absoluta de Cristo.

Montini, nesta carta, dá uma definição extraordinária da Páscoa, porque nos faz perceber como esta nos deve envolver: «A Páscoa [é] a proclamação da nossa necessidade de Cristo, nossa vida». ⁶⁶

A verdadeira amizade

«Está cá o Mestre e chama por ti». ⁶⁷

Devemos captar toda a intensidade destas palavras. Porque definem a substância da comunhão cristã, daquela amizade, daquela fraternidade que só o acontecimento de Cristo torna possível e que faz aqueles «homens estranhos» de que fala o imperador de Soloviev, porque não têm nada de mais querido do que Cristo. Como eu referia antes, nesta frase Marta mete tudo, todo o seu encontro com Cristo Ressurreição e Vida, e por isso toda a sua fê n'Ele: «Sim, ó Senhor, eu creio que Tu és o Cristo, o Filho de Deus que havia de vir ao mundo». ⁶⁸

Ao chamar a sua irmã desta maneira, Marta traduz em relação nova com ela o seu reconhecimento pessoal de Cristo. É muito bonito ver a correspondência entre aquilo que tinha acabado de dizer de Jesus: «Tu és o Cristo, o Filho de

⁶⁵ Santo Ambrósio, *De virginitate* 16,99.

⁶⁶ G. Battista Montini, *Omnia nobis est Christus*, Carta pastoral à arquidiocese de Milão, Quaresma 1955.

⁶⁷ Jo 11,28.

⁶⁸ Jo 11,27.

Deus que havia de vir ao mundo» e aquilo que depois vai dizer à sua irmã: «Ele está cá e chama por ti», ou seja, veio para ti. Quem reconhece Cristo vivo e presente tem uma relação nova com tudo, e sobretudo com todos, a começar pelas relações que já tecem a sua vida.

Foi a relação nova que André testemunhou imediatamente ao seu irmão Simão: «André, o irmão de Simão Pedro, era um dos dois que ouviram João e seguiram Jesus [estão juntos há uma vida, trabalham juntos, partilharam todas as alegrias e dores de cada um, brigaram e mandaram o outro à fava milhares de vezes!]. Encontrou primeiro o seu irmão Simão, e disse-lhe: “Encontrámos o Messias!” – que quer dizer Cristo. E levou-o até Jesus. Fixando nele o olhar, Jesus disse-lhe: “Tu és Simão, o filho de João. Hás-de chamar-te Cefas” – que significa Pedra».⁶⁹

O que é que pode mudar as relações habituais e muitas vezes gastas, deterioradas pelo tempo, pelas rotinas, pela forma óbvia com que nos relacionamos uns com os outros, talvez e sobretudo com as pessoas que estão ligadas a nós por vocação: marido e mulher, filhos, irmãos e irmãs de comunidade...? O que é que muda as relações? Talvez o facto de eu me ter tornado melhor, menos antipático, mais generoso, menos aborrecido? Que me calo em vez de criticar sempre? Mas muitas vezes é precisamente calando que deixo crescer o bolor, se não mesmo as ervas daninhas, entre mim e os outros... Não! *Aquilo que muda as minhas relações é a Presença d’Aquele que enche o meu coração.* André encontrou Alguém que responde a toda a sede do seu coração, e quando encontra Pedro apercebe-se que Cristo o enche tanto, se tornou tão querido, tão precioso para si, que enche também tudo aquilo que falta ou está danificado entre si e o seu arisco irmão mais velho. E consegue dar Cristo a Simão Pedro porque a presença de Jesus nele, no seu coração, é já tão grande, tão real, que Pedro é absorvido por ela com todo o coração e toda a vida, tanto que se torna outro, tão ele mesmo, que se torna outro: «Tu és Simão, o filho de João. Hás-de chamar-te Cefas». Não é que deixe de ser Simão, o filho de João. Pedro continuará a ser ele mesmo, no bem e no mal, mesmo depois do Pentecostes. Mas é outro porque entra, surge na sua vida, a identidade eterna que ele tem diante de Cristo, surge aquilo que ele é para Cristo, desde a eternidade e para a eternidade. E se Cristo está presente, aquilo que eu sou para Ele *acontece*, é mais de mim mesmo, define-me mais do que tudo, mais do que eu mesmo. Se Cristo está presente, faz acontecer aquilo que eu sou para Ele na relação comigo. Se eu o tiver presente, permito-lhe que me faça ser aquilo que eu sou para Ele.

«Está cá o Mestre e chama por ti». Cristo transmite-se entre nós, foi-nos transmitido e transmite-se entre nós, *no eco do Seu chamamento que são as*

⁶⁹ Jo 1,40-42.

nossas relações, mesmo as mais familiares e íntimas. É Cristo que chama Maria, mas é Marta que se torna para Maria a transmissão temporal, carnal, do chamamento do Eterno. Cristo está presente, e Marta diz a Maria: «Está aqui!». Cristo chama Maria, e Marta diz a Maria: «Chama por ti!». Não acrescenta nada, não faz nenhum comentário, não interpreta nada. Apenas a sua pessoa, o seu corpo, a sua voz, o seu olhar, o tremor um pouco afanado da sua respiração, o suor da testa, os olhos lúcidos... tudo nela se torna transmissão de Cristo que chama a sua irmã. Marta torna-se encarnação da presença e chamamento de Cristo para a sua irmã, da caridade de Cristo, da caridade de Deus por cada homem.

«E o Verbo fez-se carne e habitou entre nós.»⁷⁰

A experiência da Virgem Maria, aquela que ela vivenciou logo a seguir à Anunciação quando foi visitar Isabel, torna-se experiência cotidiana da comunhão eclesial, da Igreja. Isabel nota-o com espanto, movida e comovida na sua própria carne de mulher e de mãe: «Pois, logo que chegou aos meus ouvidos a tua saudação, o menino saltou de alegria no meu seio!»⁷¹ É tão real a presença de Cristo no meio de nós, que a experimentamos até fisicamente.

Não proselitismo, mas atração

Mas não é uma transmissão mecânica, a transmissão da presença de Jesus entre nós. Porquê? Porque é uma transmissão entre Cristo presente e a liberdade do outro. Marta não vai dizer à sua irmã: «Vem já que está aqui Jesus! Não podes perder a oportunidade!». Não, não propõe Cristo como um talismã que se não lhe tocares te traz má sorte. Propõe Cristo como Aquele que é o primeiro a propor-se à nossa liberdade, atraindo-nos a Si com humilde amor, com o seu amor sequioso do nosso, sequioso do nosso coração, sequioso da sede do nosso coração. Também à Samaritana, também a Zaqueu, também a Nicodemos, também ao bom ladrão, Cristo não os converteu fazendo proselitismo, como diriam em coro o Papa Francisco e o Papa Bento, mas por atração, pela atração do próprio Cristo sobre a nossa liberdade. Cristo atrai a liberdade; não nos atrai com lisonjas ou interesses, não atrai os caprichos que temos dentro de nós, mas atrai a liberdade. Pelo que é uma atração que te propõe passos, que respeita as tuas perguntas, as tuas hesitações (passa uma noite a falar com Nicodemos), até que tu te rendas, não a uma obrigação, mas a um amor infinito, à evidência de um amor infinito. Pensemos na paciência de quem nos gerou na fé, na

⁷⁰ Jo 1,14.

⁷¹ Lc 1,44.

experiência cristã, que paciência em esperar que a nossa liberdade crescesse, dissesse que sim!

Marta vai ter com a sua irmã, embebida em primeiro lugar pela atração de Cristo. Mas imaginem a beleza do Senhor, a sua atração para o coração, no momento em que lhe diz, fixando-a nos olhos: «Eu sou a Ressurreição e a Vida»!⁷² – imaginem: é a beleza absoluta; todos os ícones procuram expressar isto –. E di-lo precisamente como atração de Deus ao homem, porque não o diz tanto para Se definir a si mesmo, mas para definir a relação conosco, o influxo sobre nós desta beleza absoluta. De facto, acrescenta logo: «Quem crê em mim, mesmo que tenha morrido, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim não morrerá para sempre»!⁷³ Oferece-nos uma vida que não morre, que não morre na eternidade! E esta vida é Ele. O que é que nos pode atrair mais? Aliás: o que é que nos pode atrair, senão isto?!

O testemunho, como substância de relações verdadeiras, de amizade verdadeira, de verdadeira fraternidade, ou seja, como substância da comunhão eclesial, transmite isto à liberdade do outro, propõe isto pela minha liberdade atraída por Cristo à liberdade do outro atraído, chamado, não por mim, mas por Cristo. «O Mestre está aqui e chama-te [Ele!].»

Se tivéssemos esta consciência das relações, este juízo sobre a nossa instintividade nas relações, que luminosas seriam as nossas comunidades, mesmo mínimas, mesmo pequeníssimas, mesmo destruturadas, no meio dum mundo em que a atração e a liberdade são escravas uma da outra, e por isso não respiram, não criam amizade, não dilatam o coração e a vida. No mundo, a atração e a liberdade fundem-se, e por isso não se movem, não mudam a vida.

Graças a Deus, quantas testemunhas positivas temos disto! É espantoso que realidades assim estejam disseminadas na Igreja, na Fraternidade, nos Movimentos, nas Ordens. É assim que a Igreja vive e transforma o mundo, que a Igreja é sal e fermento na massa do mundo. Não tanto porque nos amamos uns aos outros, mas *porque nos amamos assim*, dum modo que até o abraço entre o marido e a mulher dá corpo a este chamamento, exprime o dizer de outro, como Marta a Maria, como André a Pedro, como a Samaritana às pessoas da sua cidade, que Cristo está presente e te atrai a Si, chama a tua liberdade a ir a Ele, para ser a Ressurreição e a Vida da tua vida. É amar-se assim que faz da Igreja o sal da terra, a luz do mundo.

Não há abraço, não há amizade, não há fraternidade mais profunda e íntima do que esta. Porquê? Porque quer dizer que aquilo que nos une, aquilo que nos

⁷² Jo 11,25.

⁷³ Jo 11,25b-26.

liga (também entre marido e mulher), é, como diz Santo Agostinho,⁷⁴ aquilo que é mais íntimo para mim de mim mesmo, aquilo que é mais íntimo para ti de ti mesmo, aquilo que é mais íntimo a nós de nós mesmos, da nossa intimidade: a plenitude para a qual o coração é feito e satisfeito por Cristo, por Deus, por Deus em Cristo.

Esta intensidade, esta profundidade de relações, vence a morte e a separação entre nós que a morte parece criar. Porque é a presença do Ressuscitado, d'Aquele que nos ressuscita, que é Vida da vida, é a presença do Ressuscitado que chama também através da morte, através da separação. Aquele que atrai o meu coração é o mesmo, a mesma Presença, que atrai a pessoa amada a Si na morte, através da morte. Aquele que atrai o meu coração a si é o mesmo que atrai a pessoa que eu amo para a vida eterna. *A morte é o sinal misterioso do carácter definitivo da nossa vocação, o sinal definitivo de que só precisamos d'Ele para viver.* E se é isto que nos une, se é esta realidade que nos une, que nos une com o coração e não com a cabeça, então, mesmo na dor que a condição humana não pode deixar de experimentar, a realidade é encontrarmos-nos ainda mais unidos, em Cristo, na Vida. No limite, sou eu que devo ainda fazer um caminho neste sentido, que devo ainda fazer o caminho que fez Marta, para Cristo e por isso para a sua irmã ou o seu irmão, mas a realidade é que quem está mais em presença de Cristo está mais presente para mim do que eu mesmo, mais próximo da verdade do meu coração do que eu mesmo...

A fonte do carisma

Esta fraternidade que comunica o chamamento de Cristo presente, plenitude do coração, é a missão *ad intra e ad extra* da Igreja, de cada comunidade, de cada realidade eclesial. É a missão da Igreja viver esta fraternidade. É também a substância de cada carisma. Se refletirmos bem, vemos que no fundo cada carisma eclesial é uma modalidade particular, uma encarnação particular, da transmissão ao homem do chamamento de Cristo à liberdade, para que quem é alcançado por ele possa levantar-se, como Maria de Betânia, da sua dor muda para alcançar a presença do Ressuscitado que enche a Vida da nossa vida.

Cada carisma eclesial é uma modalidade particularmente adequada de ir dizer a todos, como Marta a Maria, que o Mestre está presente e nos chama a Si para responder ao nosso desejo de vida eterna. Cada carisma, para quem nele está envolvido, é portador do fascínio deste chamamento, fascínio porque corresponde a tudo aquilo que o meu coração deseja mesmo sem o saber. O

⁷⁴ «... interior íntimo meo et superior summo meo» (Santo Agostinho, *Confissões*, III,6,11).

carisma que Deus escolheu para ti é aquele em que este chamamento te alcança com mais beleza, concretude e verdade. É aquele em que este chamamento continua a ecoar em ti, sobretudo se fores fiel ao método que cada carisma implica para tornar este chamamento um constante apelo à presença de Cristo e, portanto, à plenitude de coração; à presença de Cristo e, portanto, da Ressurreição e Vida da tua vida.

O renovamento de um carisma é sempre um regresso de atenção e de afeição a esta experiência original. A nascente de um grande rio não é um momento do passado, mas uma origem constante. Voltar lá não implica andar para trás, ao longo de centenas ou milhares de quilómetros, ao longo do curso do rio, mas retomar consciência de que a água que corre agora, no presente da tua vida e comunidade, é sempre alimentada pela nascente, ainda que infiltrações de água suja ou detritos sejam sempre possíveis, porque somos homens, somos pecadores, e somos sempre perseguidos. Isso aconteceu desde a primeira comunidade cristã, a presença de água suja e de detritos no fluir da Igreja. Mas a água, se corre, vem sempre da nascente, e também nós somos chamados a “correr” agora, no caudal do rio em que entrámos, com esta consciência. A consciência da origem, da nascente, mantida e retomada no correr do rio, no escorrer do rio, também ajuda a discernir o que é que não vem da nascente, ou a aceitar que existem, graças a Deus, afluentes que vêm engrossar o caudal do rio sem sujar a sua água. É assim que a Igreja “corre” através dos séculos, tal como cada família carismática que nela nasce, como um Movimento ou uma Ordem antiga como a minha.

O importante é não perder a consciência de que cada novo carisma é, no fundo, sempre um afluente que vem engrossar o correr do grande rio da Igreja cuja nascente, cuja origem, é o lado aberto do Crucificado, o sopro do Ressuscitado no Cenáculo, o Pentecostes. Quando a Igreja reconhece um carisma como seu, fá-lo reconhecendo no seu afluir no grande rio da Igreja a mesma água original, a mesma «água viva» da Origem da própria Igreja. Por isso é importante que cada carisma se deixe sempre verificar pela Igreja na sua fidelidade à origem, seja do carisma seja da própria Igreja; origem que, em última instância, é sempre e só Cristo Ressuscitado, Vida da vida do mundo.

O seguimento de João

Por isso precisamos sempre do carisma petrino, precisamos de Pedro, de sermos confirmados por ele na fé e na fidelidade à origem, porque a Origem é o Ressuscitado e, apesar de todas as suas hesitações, todas as suas misérias humanas, Pedro é, desde os primórdios da Igreja, testemunha privilegiada

da Ressurreição, que Cristo é a vida, a Ressurreição e a vida do homem, a testemunha de que o Ressuscitado está presente e o podemos encontrar e seguir. Há como que um grito, que ecoa na Igreja primitiva, na Igreja da origem: «Realmente o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão!»,⁷⁵ e a Liturgia repete-o. Jesus apareceu primeiro às mulheres, apareceu aos discípulos de Emaús, apareceu a todos os apóstolos, etc., mas é como se o garante último da Ressurreição recaísse todo sobre Pedro; é como se todas as aparições do Ressuscitado fossem todas garantidas, verificadas pela aparição a Pedro. E todos aqueles que recebiam uma aparição do Ressuscitado, iam, corriam a dizê-lo a ele (Madalena, as mulheres, os dois discípulos de Emaús, todos correm a dizê-lo a Pedro). E hoje continua a ser assim. Toda a manifestação e ação de Cristo e do Espírito que o Ressuscitado sopra sobre os discípulos, todos os carismas (porque os carismas são a vida do Ressuscitado na vida da Igreja, na vida do mundo), tudo está certo se Pedro o confirmar com a sua experiência de Cristo presente e vivo.

A grande cena do sim de Pedro, em João 21,15-19, é, no fundo, a investidura de Pedro no seu carisma pastoral, enraizado na tripla e humilde confissão de amor a Cristo seguida da missão de se tornar pastor universal: «Apascenta os meus cordeiros» – «Apascenta as minhas ovelhas» – «Apascenta as minhas ovelhas».⁷⁶ Mas tudo isto acontece entre Cristo Ressuscitado e Pedro, é obra do Ressuscitado, e é como Ressuscitado que Jesus pede a Pedro para O seguir: «Tu, segue-me!»⁷⁷ Antes da Ressurreição, Jesus anunciou o primado de Pedro, mas é depois da Ressurreição que Jesus consagra Pedro na sua missão, ou seja, torna-o naquilo para o que o chama, torna-o para nós, como Santa Catarina de Sena definia o Papa, «doce Cristo na terra».⁷⁸ Presença do Ressuscitado na terra, garantia da presença do Ressuscitado na terra.

João, que é talvez o mais “carismático” dos apóstolos, o mais arguto, o mais místico, o mais profético, o mais ardente no amor e na amizade com Cristo, longe de tirar de tudo isso um motivo para se sentir superior, percebeu que nesta escolha do Mestre do primado de Pedro estava o caminho seguro para viver os seus carismas seguindo Cristo. Já quando foi ao sepulcro na manhã de Páscoa, mesmo tendo corrido mais depressa do que Pedro, para e espera. Porquê? Porque quer entrar no sepulcro *seguindo* Pedro, quer acreditar no seio de um seguimento, como aprendeu seguindo o próprio Jesus. E no final do seu Evangelho, enquanto Jesus se afasta com Pedro a quem pediu para o seguir,

⁷⁵ Lc 24,34.

⁷⁶ Cf. Jo 21,15-17.

⁷⁷ Jo 21,22.

⁷⁸ Santa Catarina de Sena, *Carta a Gregório XI*, n. 185.

vemos João que os segue. Ou seja, segue Pedro que segue Jesus; *segue o seguimento de Pedro*.

«Pedro voltou-se e viu que o seguia o discípulo que Jesus amava, o mesmo que na ceia se tinha apoiado sobre o seu peito e lhe tinha perguntado: “Senhor, quem é que te vai entregar?”. Ao vê-lo, Pedro perguntou a Jesus: “Senhor, e que vai ser deste?”. Jesus respondeu-lhe: “E se eu quiser que ele fique até Eu voltar, que tens tu com isso? Tu, segue-me!”».⁷⁹

É como se Jesus dissesse: «Não te preocupes com o que será feito dele, do seu carisma. Eu trato de fazer com que o seu carisma fique sempre presente na Igreja até à parúsia! Basta que tu vejas que ele te segue a ti, que me segues a Mim. Basta isto para que o seu carisma, e toda a Igreja com ele, sejam fecundos, tragam frutos para a minha glória e a salvação do mundo».

Mas o importante para cada um de nós é a possibilidade que o apego a Pedro deu a João de acreditar, de ser sólido na fé em Cristo Ressuscitado, de responder como Marta à pergunta de Jesus, «Crês nisto?», não tanto com palavras de fé, mas com uma posição do eu sólida no apego ao Senhor. Depois de ter entrado no sepulcro seguindo Pedro, João «viu e acreditou».⁸⁰ Fez experiência de uma graça de fé, a experiência de ser investido pelo acontecimento da Ressurreição, pela presença do Ressuscitado, e percebeu que esta graça estava relacionada com o seguimento de Pedro. Pelo que, daí em diante, seja nas aparições do Ressuscitado, como aquela junto ao lago de Tiberíades, seja na missão descrita nos *Atos dos Apóstolos*, veremos sempre João no seguimento de Pedro, a fazer juntamente com ele a experiência do Ressuscitado e de como Cristo é Vida da vida. Milagres, anúncios, faz tudo ligado a Pedro. E isto irá permitir por sua vez a João, com o seu carisma, fecundar o ministério de Pedro, ajudá-lo a reconhecer o Ressuscitado, como quando lhe diz: «É o Senhor!»⁸¹ depois da pesca milagrosa. E aqui *Pedro obedece ao carisma de João*, porque, precisamente, o ajuda a reconhecer o Ressuscitado presente para o qual corre primeiro, atirando-se à água para que todos os outros possam, ainda e sempre, segui-lo para Jesus.

Digo isto porque a identificação com o Evangelho nos ajuda a situar a nossa vida, aquilo que nos acontece, as circunstâncias que vivemos, tudo, no âmbito do acontecimento de Cristo Ressuscitado. E não é um exercício de fantasia, um sonhar de olhos abertos, porque na Igreja, nos sacramentos, no Evangelho, Cristo Ressuscitado continua a ser um acontecimento presente, e que, portanto, se pode realmente encontrar, ao qual podemos realmente assimilar-nos,

⁷⁹ Jo 21,20-22.

⁸⁰ Jo 20,8.

⁸¹ Jo 21,7.

identificar-nos, encontrando assim a posição certa na vida. Uma posição certa que, exatamente porque nos introduz no acontecimento de Cristo pascal, é uma posição alegre, certa, fecunda, cheia de paz e de simpatia pela humanidade inteira, ansiosa pelo anúncio de que o Ressuscitado está aqui e chama todos à salvação na comunhão com Ele, Vida da vida e Misericórdia do Pai.

O que vence o naufrágio

As últimas cenas dos *Atos dos Apóstolos*, maravilhosamente redigidas por São Lucas, narram a viagem de São Paulo a Roma e a sua chegada à cidade eterna, onde São Paulo irá passar dois anos em prisão domiciliária, à espera de que a sua causa fosse apresentada ao tribunal imperial. A última cena que os *Atos* apresentam dele está resumida em dois versículos: «Paulo permaneceu dois anos inteiros no alojamento que alugara, onde recebia todos os que iam procurá-lo, anunciando o Reino de Deus e ensinando o que diz respeito ao Senhor Jesus Cristo, com o maior desassombro e sem impedimento».⁸²

Paulo, embora confinado, embora à espera de julgamento, perseguido pelos judeus e à mercê da lentidão da burocracia romana – que em dois mil anos não melhorou muito! –, Paulo é um homem livre, livre para acolher todos e dar testemunho do acontecimento de Cristo que revolucionou a sua existência. Paulo está livre do medo. Não pode deslocar-se, mas nada prende o seu desejo de transmitir o sentido da vida que encontrou, porque é um sentido da vida que dá sentido também ao sofrimento e à morte. Toda a liberdade de Paulo se encontra no seu coração, porque consiste numa fé, numa esperança e numa caridade para cuja posse basta o sim de um coração pobre, que não pretende possuir nada sem o receber de Deus. Paulo é livre porque não precisa de nada senão de Cristo, e Cristo está com Ele, vive n’Ele. Acolheu precisamente em si, para retomarmos as palavras de Montini, a Páscoa como «proclamação da necessidade de Cristo, nossa vida».

Penso no testemunho de tantos homens e mulheres que, com a sua fé e o seu apego a Cristo venceram, por assim dizer, o naufrágio interior, entre as vagas que destruíam tudo, com a posição do seu coração, com a consistência do seu eu toda ela fundada em Cristo.

São Paulo, nestas cenas, faz-nos pensar nos grandes santos que estamos a conhecer: estou a pensar no cardeal Van Thuán nos seus anos de prisão, ou em Takashi Nagai, aquele médico japonês de que sairá em breve, espero, (além de *Pensamentos de Nyokodō*, que são as suas belíssimas reflexões, feitas na sua

⁸² At 28,30-31.

cabana depois de Nagasaki ter sido destruída pela bomba) *Aquilo que nunca morre*, a sua autobiografia até ao rebentar da bomba, porque ali vê-se precisamente o testemunho de um homem cuja vida é Cristo, só Cristo. Pelo que, mesmo quando perdeu tudo, quando tudo foi destruído, eis que ele, como uma plantinha que volta a florescer, com a sua fê em Cristo inicia uma vida nova que não é só para ele, mas para todos.

Mas esta cena de estabilidade do apóstolo Paulo na sua casa de Roma, é precedida, quase imediatamente, por uma experiência trágica, por uma viagem terrível. Paulo, viajando de Cesareia para Roma, tinha naufragado no Mediterrâneo. Lucas, que estava com ele e conta por isso tudo na primeira pessoa do plural, oferece-nos uma crónica digna do mais atento repórter, e talvez até do que dos melhores romancistas de aventuras.

Mas o relato deste naufrágio não é apenas uma página sublime de literatura e também de documentação sobre a arte da navegação na época greco-romana. É uma página da Sagrada Escritura em que nos é anunciado um olhar de fê sobre a história e as suas tragédias, para que possamos interpretar e viver melhor aquilo que vivemos hoje, na nossa vida e em qualquer âmbito, e receber luzes para nos orientar a viver cada circunstância como uma oportunidade de crescimento naquilo que vale verdadeiramente a vida do homem.

Paulo, no seu barco que primeiro fica à deriva e depois naufraga junto da ilha de Malta, mesmo sendo prisioneiro, domina toda a situação e torna-se como que *o realizador da salvação de todos*. Leio-vos esta página, que será uma pausa no vosso esforço de atenção para me ouvirem, porque é um relato de aventuras, mas sobretudo porque é riquíssima e nos fala para o tempo presente.

«No dia seguinte, como éramos violentamente açoitados pela tempestade, começaram a alijar a carga e, ao terceiro dia, lançaram com as próprias mãos os aparelhos do barco. Durante vários dias, nem o Sol nem as estrelas foram visíveis, e a tempestade continuava a açoitar-nos furiosamente. Desde então, foi-se desvanecendo toda a esperança de salvação. Havia já muito tempo que ninguém comia. Então Paulo colocou-se no meio deles e disse: “Meus amigos, devíeis ter-me escutado e não largar de Creta. Isso ter-nos-ia poupado estes riscos e estes prejuízos [aqui faz um pouco o papel de Marta da situação!]. Seja como for, convido-vos a ter coragem, pois ninguém perderá a vida aqui, apenas o barco se vai perder. Esta noite, apareceu-me um Anjo de Deus, a quem pertenço e a quem sirvo, e disse-me: ‘Nada receies, Paulo. É necessário que comparesças diante de César e, por isso, Deus concedeu-te a vida de todos quantos navegam contigo’. Portanto, coragem, meus amigos, pois tenho confiança em Deus que tudo sucederá como me foi dito. Contudo, temos de encalhar numa

ilha”. Quando chegou a décima quarta noite, andando nós à deriva no Adriático, os marinheiros suspeitaram, pelo meio da noite, que estava próxima uma terra. Lançaram a sonda e encontraram vinte braças; um pouco mais adiante, lançaram-nas outra vez e encontraram quinze. Receando que fôssemos bater em qualquer ponto contra os recifes, lançaram da popa quatro âncoras e ficaram, impacientemente, à espera do dia. Os marinheiros, todavia, procuravam fugir do barco e, sob pretexto de irem largar as âncoras da proa, deitaram o escaler ao mar. Paulo, apercebendo-se de tudo, disse ao centurião e aos soldados: “Se esses homens não ficarem no barco, não podereis salvar-vos”. Então, os soldados cortaram as amarras do escaler e deixaram-no cair. Enquanto esperavam pelo dia, Paulo foi aconselhando a todos que tomassem alimento. “Hoje – dizia ele – é o décimo quarto dia que vos conservais na expectativa, em jejum, sem tomar nada. Aconselho-vos, portanto, a tomar algum alimento, pois é a vossa própria salvação que está em jogo. Nenhum de vós perderá um só cabelo da cabeça”. Dito isto, tomou um pão, deu graças a Deus diante de todos, partiu-o e começou a comer. Então, cobraram ânimo e também eles se alimentaram. Éramos ao todo duzentas e setenta e seis pessoas no barco».⁸³

Devemos meditar nesta cena pensando nos nossos naufragos, nos naufragos do nosso tempo, da pandemia à guerra na Ucrânia, com todo o abalo político, económico, social, psicológico, mas também religioso que provoca no mundo. Devemos meditar nesta cena pensando nos naufragos mais pessoais, ou familiares, ou comunitários com quem estamos envolvidos, ou com quem estão envolvidos os nossos entes queridos e os nossos amigos.

O barco em que Paulo viajava é símbolo do mundo, da sociedade, no qual nos encontramos a viajar para ir para o destino previsto par cada um de nós. E eis que Paulo se apercebe, é-lhe revelado, que todos estes seus companheiros de viagem não são indiferentes ao seu destino pessoal, ao caminho da sua vida que segue Cristo. É-lhe revelado que Deus salvará todos consigo, que não o salvará a ele sem este povo totalmente ignorante e inconsciente de Cristo. Paulo apercebe-se de que, precisamente para salvar todos, o Senhor fez-se seguir por ele neste barco em naufrágio. E então Paulo percebe que deve comunicar a todos a sua certeza, comunicar a todos que ele está seguro porque está preso a Cristo, e que é sensível à necessidade de vida, à fome dos seus companheiros, porque a sua fome é saciada por Cristo presente, porque o seu coração é saciado pelo único Pão da Vida de que verdadeiramente precisamos.

Paulo não faz uma grande pregação para converter todos aqueles naufragos desesperados pela vida. Paulo agarra-se ele à Presença d’Aquele que é toda a

⁸³ At 27,18-37.

sua consistência. E está tranquilo e alegre, sem um vestígio de medo, porque lhe basta Jesus, o Ressuscitado que se lhe ofereceu ao ponto de morrer por ele e por todos fazendo-se Corpo e Sangue para comer e beber, no meio do naufrágio, para alimentar a nossa vida com a sua Vida.

Mas vivendo isto, Paulo apercebe-se, com um espanto a que não se consegue habituar, que Cristo, ao saciá-lo a ele, sacia todos; que Cristo, ao salvá-lo a ele, salva todos; que *Cristo, a Vida da sua vida* – e precisamente porque é a Vida da sua vida –, *é a Vida de todos*.

E já não há nenhum homem sobre a terra que não seja, para sempre, seu irmão!

Vamos ouvir o *Regina Caeli* cantado pelo Coro.

Domingo, 1 de maio, manhã

À entrada e à saída:

Nikolai Rimskii-Korsakov, A Grande Páscoa Russa, op. 36

Ernest Ansermet – L'Orchestre de la Suisse Romande

“Spirto gentil” n. 29, (Decca) Universal

Angelus

Laudes

■ ASSEMBLEIA

Daive Prospero. Chegámos ao fim, ao ato final deste gesto dos Exercícios que – devo dizer – foram realmente uma coisa de que devemos estar gratos, pelo momento que estamos a viver e pelas perguntas que tínhamos. E de facto, gratidão é a palavra que domina os contributos que chegaram por mail ontem à noite: gratidão pelo testemunho do padre Mauro, gratidão por estes Exercícios, gratidão por estarmos outra vez juntos, porque o movimento ainda existe. Isto não é óbvio, tudo isto existe porque Deus quer que continue a existir; se não o quisesse, já não existiria nada disto. Chegámos aqui (como dizíamos na primeira noite) com tantas perguntas, com tantas preocupações – pessoais, comunitárias – sobre a vida do movimento, sobre a situação que estamos a viver, sobre o mundo, a guerra, a dor e o sofrimento, mas aquilo que aconteceu, aquilo em que participámos, encheu todo o espaço do nosso coração, empurrando o resto para um canto, aliás, deitando uma luz nova, inesperada, sobre tudo o resto – pelo menos quanto a mim –, pacificando-o.

Queria retomar, sobre isto, uma coisa que nos disse ontem de manhã o padre Mauro: «”Eu sou a Ressurreição e a Vida. Quem crê em mim, mesmo que tenha morrido, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim não morrerá para sempre”. É disto, só disto que precisamos, que todos precisamos. É a única coisa necessária. Precisamos de uma vida que nos ressuscite da morte, de qualquer morte, de qualquer rosto que a morte e o mal assumam na vida pessoal, na família, na comunidade, no mundo inteiro. Tudo o resto são as mil coisas que nos preocupam e nos põem nervosos sem serem necessárias, porque nunca respondem à verdadeira necessidade do coração, de qualquer coração».⁸⁴

⁸⁴ Ver aqui, p. 36.

Então perguntemo-nos, como eu me perguntei: porque é que aconteceu? Porque é que pôde acontecer? Em que consiste este testemunho que nos foi feito?

Há uma afirmação de Péguy que capta bem o ponto: «Quando o aluno mais não faz do que repetir já nem sequer uma ressonância, mas um miserável decalque do pensamento do mestre; quando o aluno não é senão um aluno, mesmo que seja o melhor dos alunos, nunca gerará nada. Um aluno não começa a criar a não ser quando introduz, ele próprio, uma ressonância nova (ou seja, na medida em que já não é um aluno). Não é que não se possa ter um mestre, mas o aluno deve deste descender pelas vias naturais da filiação, e não pelas vias escolares do ensino».⁸⁵ Em 1989, Giussani comentava esta passagem de Péguy com estas palavras: «Esta é a necessidade duma companhia verdadeira, para que ela seja fonte de missão em todo o mundo: não ensino, não repetição, mas *filiação*. A introdução de um eco e de uma ressonância nova é própria do filho, que tem a natureza do pai. Tem a mesma natureza do pai, mas é uma realidade nova. Tanto assim é que pode fazer melhor do que o pai e este pode olhar, muito feliz, para o filho que se tornou maior do que ele. Mas aquilo que o filho faz só é maior precisamente quando realiza mais e melhor aquilo que viu e ouviu do pai. Por isso, para a organicidade viva da nossa companhia cristã, não há nada de mais contraditório do que, por um lado, a afirmação da própria opinião, do próprio modo de sentir como critério último, e por outro, a repetição. É a filiação que gera: o sangue de um – do pai – passa para o coração do outro – o filho – e gera uma capacidade de realização diferente. Assim se multiplica e se dilata o grande Mistério da sua Presença, para que todos O vejam dando glória a Deus».⁸⁶

Creio que nestes dias pudemos viver, participar nesta experiência: o que significa sermos filhos. Por isso agradecemos-te.

Chegaram imensas perguntas. Escolhemos algumas entre as mais recorrentes.

«“Uma só coisa é necessária”. Porém, continuamente, esta única coisa fica no fundo, esquecida, e por isso, afinal, pouco amada, pouco conhecida, às vezes duvidada. Como deixar que a Presença se torne familiar, presente, verdadeira, alimentando concretamente a vida?»

«Se basta Cristo, tudo o resto o que é? A fome, o desejo, o trabalho, a política, a paixão, o sentimento, a guerra: todas estas coisas o que são?»

⁸⁵ Cf. Ch. Péguy, *Cahiers*, VIII, XI [3.2.1907].

⁸⁶ L. Giussani, *Gerar rasto na história do mundo*, Paulus, Lisboa 2019, p. 81.

P. Mauro-Giuseppe Lepori. Como é que a Presença se torna familiar? Vieram-me à cabeça as bodas de Caná: convidaram também Jesus para as bodas. Há como que um convite para entrar na nossa vida familiar, na familiaridade da nossa vida, e o facto de Jesus vir – claro – é também o fruto da liberdade de quem o convida, mas é uma gratuidade. Eles não se apercebiam de quem estavam a convidar ao convidar Jesus para as bodas, mas se ele não tivesse ido, o vinho teria acabado, a água teria continuado a ser água, a vida familiar daquele casal, a nossa vida familiar, a nossa vida de todos os dias continuaria a ser o que é: uma realidade que se esgota. Por isso, é mesmo importante darmos-nos conta de que Cristo se deixa convidar com extrema facilidade (é mais fácil convidá-lo a Ele do que ao abade-geral!), porque está já atrás da porta. Nós convidamo-Lo, mas Ele está já atrás da porta da nossa vida a bater, está já aqui. Basta aquele «sim» de uma liberdade que lhe diz: «Vamos!» («Vamos, coragem!»,⁸⁷ como dizia o canto antes), mas é um «Vamos» precisamente a Cristo, «Vamos, entra!». Basta apenas aquele «sim», porque se a Sua presença tivesse de se tornar familiar para nós numa forma mais complicada do que dizendo-lhe «Vem!», trairíamos a gratuidade desta Presença; pelo contrário, é uma gratuidade absoluta.

«Se basta Cristo, tudo o resto o que é? A fome, o desejo, o trabalho, a política, a paixão, o sentimento, a guerra: todas estas coisas o que são?» Tudo isto grita Cristo, ou seja, tudo isto é o rosto concreto de um grito, da necessidade d’Ele, da sede d’Ele, do vazio que se cria na vida se Ele não está. Pelo que eu, abraçando Cristo, não renego, não digo que tudo isto não é nada, mas afirmo ainda mais que tudo isto quer ser, quer verdadeiramente ser pleno de realidade. Se eu não abraço Cristo, se não deixo entrar Cristo na minha casa, a minha casa fica vazia enquanto casa, já nada tem sentido: nem a mesa, nem a cadeira, nada. Reconhecer que tudo tende para Ele torna cada instante da nossa vida quotidiana o lugar da verificação da Sua presença, que Ele está presente.

Prosperi. «Tu dizias que existe unidade entre os discípulos porque Cristo é tudo para o coração do homem. Às vezes na comunidade o desejo de unidade corre o risco de ser teorizado como alguma coisa que se deve alcançar e construir com as próprias forças e o próprio esforço, negligenciando o acontecer de Cristo e, portanto, vivendo de forma morna o encontro com o outro e a sua experiência.»

Lepori. Nós devemos precisamente render-nos ao facto de que a nossa unidade é obra de Alguém, de uma Presença; não é uma coisa – como uma ponte –

⁸⁷ F. Ferrari (“Zot”), «Avanti, forza».

que somos nós a construir, não é um pacto entre nós, mas é precisamente gerada por Alguém. Isto é tudo na experiência da Igreja e também na experiência do ecumenismo: exatamente voltarmos a dar-nos conta de que a nossa unidade não somos nós a construí-la, mas acontece se reconhecemos que Ele está no meio de nós, que Ele está aqui.

E isto vale para tudo: nós não temos de construir a presença de Cristo, temos de reconhecê-la. Quando Madre Teresa dizia que é preciso reconhecer Cristo no pobre, não o dizia no sentido de que uma pessoa deve fazer um esforço de vontade para dizer: «Este maltrapilho, ou este leproso é Cristo», mas deve reconhecer que Cristo está no pobre, manifesta-se no pobre, vem ao seu encontro no pobre e em cada irmão e irmã. E isto cria uma unidade com todos e com tudo que é infinita, porque aquilo que reconheço no outro é Aquele de que eu verdadeiramente preciso. São Bento diz: «Quando chega um peregrino, um pobre, é preciso ir ao seu encontro e nele adorar Cristo»,⁸⁸ ou seja, reconhecê-lo tão presente no outro, reconhecer que Ele vem, que Ele está ali, que é uma realidade ontológica. E é isto que faz tudo, que faz toda a substância da caridade, da comunhão, ou seja, reconhecer que a presença de Cristo é ontológica e eu não sou chamado a suscitá-la como um espírito, mas a reconhecê-la presente, e reconhecendo-a manifesto-a.

Prosperi. «Definiste o silêncio como a via mestra para enfrentar a desordem das nossas vidas. O que significa para ti fazer silêncio diariamente? E como é que nós, leigos, mergulhados no mundo até ao pescoço, podemos educar-nos a esta prática, para também nós ouvirmos o Mestre que fala?»

Lepori. Fazer silêncio significa, antes de mais nada, reconhecer que o silêncio não é feito por nós, o silêncio é criado por Cristo que nos fala. Como só há uma Palavra que vale a pena ouvir (como diz a *Imitação de Cristo*: «Numa palavra está tudo e tudo exprime uma única palavra...»⁸⁹), faço silêncio. Se eu sei que só há uma coisa que devo ouvir, predisponho-me a ouvir só essa coisa, e isso é o silêncio.

Creio que cada vocação, cada forma de vida deve encontrar, deve viver a sua forma de silêncio, a sua forma de escutar Cristo, a sua disciplina – também – de escutar Cristo. Cada um deve perguntar-se: «O que é que me ajuda a ouvir Cristo sempre, qual é o gesto, o momento, a disciplina através dos quais

⁸⁸ Cf. RB 53,1-7.

⁸⁹ «*Ex uno Verbo omnia et unum loquuntur omnia, et hoc est Principium quod et loquitur nobis*» («De uma só Palavra tudo, e uma só Palavra tudo grita. E esta Palavra é o Princípio que fala dentro de nós»; *Imitação de Cristo*, Livro Primeiro, 3, 8).

aprendo a ficar sempre aberto ou a sair continuamente da minha distração, do meu barulho, das minhas conversas, de tudo?». Ouvi-Lo, ouvi-Lo a Ele que está aqui e me fala. «Sou Eu, que estou a falar contigo»⁹⁰ diz Jesus à Samaritana. Monsenhor Filippo Santoro falou-vos dos dez minutos diários de Escola de Comunidade; talvez seja precisamente isso o «sim» à palavra e ao silêncio que é pedido a quem vive no mundo, aos leigos. Aos *Memores* é pedida uma hora de silêncio diária, aos monges talvez o dia todo de silêncio, mas é a mesma coisa, é a mesmíssima coisa. O objetivo não é estarmos silenciosos, o objetivo é vivermos ouvindo Cristo. Eu agora já quase não vivo de forma estável num mosteiro, com todo o silêncio que implica, com toda a disciplina de silêncio que o mosteiro proporciona, mas dou-me conta de que a disciplina que cultivei enquanto noviço, enquanto jovem monge, e depois durante vinte e seis anos no meu mosteiro, me acompanha, pelo que oiço Cristo mesmo no meio do barulho, mesmo nas viagens, nos aeroportos, porque é uma necessidade minha. Quem ouve nem que seja só uma palavra de Cristo verdadeiramente vinda d’Ele, não pode deixar de viver na saudade de voltar a ouvi-Lo falar. «Eu não poderia viver, se não o ouvisse falar».⁹¹ Isto cria silêncio, e precisamos dele! Não precisamos do silêncio, precisamos que Cristo nos fale!

Prosperi. «Marta fez um caminho de consciencialização, um trabalho sobre si que fez crescer a sua humanidade na certeza de Cristo como resposta à sua necessidade. De que passos é feito este caminho, qual é este trabalho? Se o dilatar-se da nossa humanidade acontece no tempo, onde é que eu posso perceber que estou a trabalhar e que, no fundo, não me estou ainda a seguir a mim mesmo?»

«Nas tuas lições sublinhaste o carácter decisivo da verificação que Marta, Maria e Lázaro fazem em relação ao encontro e às palavras de Jesus. Podes explicar melhor os termos desta verificação? Em que consiste?»

Lepori. Eu diria que para fazer o caminho de Marta bastaria perguntar-nos: «O que é que eu faço com a insatisfação que sinto? O que é que eu faço com a insatisfação que sinto em tudo aquilo que faço, mesmo naquilo que faço esperando uma satisfação, que talvez até dure, mas que sempre – sempre! – mostra que não é... “não é por isto, não é por isto!” gritava Reborá.⁹² O que é que fazemos com a insatisfação quotidiana que sentimos em tudo, em todas as

⁹⁰ Jo 4,26.

⁹¹ Cf. J.A. Möhler, *L’unità nella Chiesa, cioè il principio del cattolicesimo nello spirito dei Padri della Chiesa dei primi tre secoli*, Città Nuova Editrice, Roma 1969, p. 71.

⁹² C. Reborá, «Sacchi a terra per gli occhi», in Id., *Le Poesie*, Garzanti, Milão 1988, pp. 141ss.

relações, em tudo aquilo que fazemos? Arrastamo-la num queixume contínuo que domina a nossa vida, ou tornamo-la pedido, tornamo-la lugar de silêncio em que verifico que Outro enche a minha vida, que preciso que aconteça alguma outra coisa?». A insatisfação torna-se mestre se nos faz pedir, ou seja, se a vida se enche de pedido. Eu imagino que Marta, daquele dia em diante, cada vez que era tomada pela insatisfação por aquilo que era, ou por aquilo que os outros eram, ou por aquilo que era a sua situação de vida, era como se se detivesse de repente e dissesse a si mesma: «Mas não, agora vi que queixar-me não é fazer um bom uso da minha insatisfação». Não me corresponde queixar-me, não faz senão arrastar a insatisfação, porque nós não somos feitos para a insatisfação, somos feitos para a felicidade. Então, imediatamente, reapareceria seguramente nela este pedido, que era um pedido de Cristo: «Senhor, Tu estás aqui, chama-me, quer dizer, volta a dizer-me aquela palavra, volta a provar-me que só Tu me és necessário!». E então a insatisfação torna-se um caminho, ou seja, o limite estrutural da nossa vida torna-se a escada, os degraus da nossa subida. Como diz São Bento: a escada da humildade constrói-se sobre os degraus da nossa humanidade, pelo que uma pessoa sobe até Deus precisamente nos degraus da própria humanidade, sempre insuficiente para si, graças a Deus.

«Nas tuas lições sublinhaste o caráter decisivo da verificação que Marta, Maria e Lázaro fizeram em relação ao encontro e às palavras de Jesus. Podes explicar melhor os termos desta verificação?» A comunidade ajuda-me, torna-se um lugar de verificação se me repete continuamente a frase de Marta a Maria: «Está cá o Mestre e chama por ti». Nós precisamos da comunidade de forma objetiva, como lugar em que há sempre alguém que me alerta para isto; há sempre alguém que – enquanto eu vivo no queixume, enquanto eu estou perdido, desperdiço a vida – me faz recordar que, pelo contrário, aquilo que o meu coração deseja está verdadeiramente presente. E a comunidade é precisamente o sinal de que esta Presença é ontológica porque é uma coisa diferente de mim, relembra-me que não sou eu quem cria aquilo que me é necessário, Cristo que me é necessário, mas me é dado através dum sinal objetivo, carnal. Jesus decidiu assim precisamente para nos dar o sinal objetivo da Sua presença real. E se eu viver assim a comunidade e a relação com os outros, a própria relação torna-se verificação de que Cristo enche o coração.

Prosperi. Isso talvez já responda à pergunta seguinte: «O que significa que a comunhão é partilhar a verificação». Além disso – se me posso permitir –, aquilo que dizias antes, ou seja, que o limite é um degrau para Deus, *don* Giusani também no-lo disse muitas vezes; e isto demonstra que a nossa história se insere numa grande história.

Lepori. A mim impressiona-me que quando Jesus disse a Marta: «A tua irmã escolheu a melhor parte», não o disse para lhe dizer: «Olha que ela é melhor do que tu»; disse-lho para criar uma companhia com a sua irmã sobre a melhor parte, ou seja, como uma forma de estar com a sua irmã, como uma relação que verificasse isto entre elas, ou seja, criou entre elas uma verdadeira fraternidade, uma verdadeira comunidade, fez com que se tornassem uma fraternidade cristã, lugar onde o facto da minha irmã ter escolhido mais do que eu, melhor do que eu, aquilo que me é mais necessário, é isso que me faz viver uma verdadeira fraternidade e faz com que a relação com a minha irmã já não seja um lugar de competição, mas precisamente de partilha de Cristo, partilha da verificação de que só Ele responde à sede do coração. E o facto da minha irmã estar mais à frente do que eu nesta verificação é um dom para a minha vida, ou seja, faz-me avançar mais também a mim. E é precisamente esta a grande beleza da comunhão cristã, como nas primeiras comunidades cristãs: que tinham verdadeiramente tudo em comum. Mas o importante não é ter em comum o dinheiro (também este), mas ter em comum acima de tudo Cristo, Cristo como aquele que é mais importante do que o dinheiro, pelo que não era um problema para os primeiros cristãos partilhar o dinheiro, a partir do momento em que tinham em comum a única coisa de que o coração precisa.

Prosperi. Desculpa, Mauro, se te peço para aprofundares isto, porque talvez nesta pergunta esteja também contido o pedido de uma ajuda para percebermos como nos podemos deixar que outro nos questione, como fez Marta. Porque – como tu nos dizias agora – no momento em que Marta reconhece que aquelas palavras que Jesus lhe dirige lhe sugerem que olhe para a sua irmã numa coisa que a pode fazer crescer a ela; e ela acolhe esta sugestão – como tu dizias ontem – até talvez, inicialmente, com dificuldade, ter-se-á até irritado, mas depois... às vezes nós temos dificuldade em deixar-nos questionar, ou seja, estamos presos à imagem que temos de como devia ser.

Lepori. Sim, talvez precisamente porque temos esta herança do pecado original, ou seja, pensar que aquilo que nos é mais caro é uma coisa que eu devo agarrar «para mim», que eu devo privatizar, e se não a possuo sozinho, não a possuo verdadeiramente. Em vez disso, com Cristo acontece exatamente o contrário, isto é: quanto mais O possuo com o outro, mais O partilho e mais O possuo por aquilo que é, pela realidade que é. E é por isso que a unidade entre nós e a pertença e a posse de Cristo estão unidas, são a mesma coisa. Por isso, uma pessoa também talvez perceba que se fizer um sacrifício para que o outro possa andar ao seu ritmo, para respeitar o caminho do outro, ela também progride mais. São Bento diz: na comunidade, é preciso manter um ritmo de

caminho em que quem é mais forte não seja mortificado no seu impulso, mas também em que quem é mais fraco não fique desencorajado e não fique para trás. Há como que um sacrifício recíproco. Porquê? Porque sabemos que não une uma mesma coisa e, portanto, a dificuldade que tenho em reconhecer, ou melhor, a adaptar-me ao ritmo dos outros, é uma dificuldade que devo fazer para aderir a Cristo, não para ser bom ou ser paciente, mas precisamente porque Cristo está no meio de nós. Não sei se me faço entender.

Prosperi. Muito bem! Obrigado.

«Queríamos perceber melhor a afirmação de que o santo vive com verdade até o próprio pecado. Na vida quotidiana, o pecado muitas vezes esmaga-nos e deprime-nos. O que é que significa vivê-lo com verdade?»

Lepori. A verdade do pecado, do sermos pecadores, é o olhar de misericórdia de Jesus. É isto que nos revela a verdade do pecado. Não é o pecado em si que é verdadeiro. O problema é que diante do pecado, nós afastamo-nos, para avaliar o pecado, a sua gravidade, o seu efeito em nós, etc., mas não permitimos que o olhar de Cristo nos diga a verdade sobre o pecado, o que talvez seja ainda mais grave, é uma verdade ainda mais dolorosa do que aquela que eu avalio; por exemplo, alguns pecados são mais graves do que aqueles que mais me aborrecem a mim. Pelo contrário, a verdade do pecado é precisamente o olhar de Cristo, ou seja, a misericórdia. E é isto que os santos percebem: são pecadores que permitiram que o olhar de Cristo lhes revelasse a verdade do pecado, de cada pecado, de modo que podiam ver mais sombras em si mesmos, muito mais miséria em si mesmos do que nos outros, porém viam-na sem a separar do perdão e, portanto, da santidade, porque é-se santo por graça, porque Deus nos redime completamente. Um santo é o homem totalmente redimido, que se deixa redimir totalmente, portanto é o homem humilde, o homem que mesmo com o seu pecado não tem uma relação orgulhosa («Errei!», «Caí!», «Onde está a minha honra? A minha imagem?»). Não, o pecado é: «Errei, abandonei o Pai!» e Cristo diz-nos: «Volta!». O olhar de misericórdia de Cristo diz: «Volta que o Pai abraça-te, e no abraço o teu pecado torna-se santidade». É o canto do *Exultet*: «Ó feliz culpa, que mereceu tão grande Redentor!».⁹³ A redenção de Cristo é um acontecimento tão incrível, que é feliz a culpa que me permite viver o abraço da misericórdia de Deus, experimentar o abraço que os anjos não recebem. Um anjo não experimenta a misericórdia; é incrível! Com certeza que tem consciência dela, mas não experimenta aquele abraço, e isto é uma coisa do outro mundo! É isto, é esta a grande verdade do nosso pecado.

⁹³ «*O felix culpa, quae talem ac tantum méruit habere Redemptóre*», *Exultet* ou Precónio Pascal.

Prosperi. «Foi dito que o renovamento do carisma é um regresso à origem. O que é que isso significa? Como é que acontece? Como é que não se reduz a uma interpretação nossa?»

«Pedimos para perceber melhor a questão da nascente que continua a alimentar a nossa experiência hoje, para que esta não seja reduzida a um regresso nostálgico ao passado. O que é que garante a fidelidade à nascente e como é que se concretiza o nosso contributo à Igreja e ao mundo?»

Lepori. Vocês sabem que carisma quer dizer dom gratuito de Deus, e que a nascente de um carisma é a gratuidade de Deus. Se uma pessoa perceber isto, percebe que a nascente está garantida, nunca secará, não é possível que venha a secar. Se Deus retirasse a sua gratuidade, teria como que se anular a si mesmo, mortificar-se a si mesmo. Os dons de Deus – diz São Paulo – são sem arrependimento, porque Deus não pode arrepender-se de ser gratuito, porque Deus é gratuidade. Um carisma – como todos os dons – vem desta nascente, e é importante – nos momentos em que um carisma tem como que retomar consciência de si mesmo, ou talvez o humano através do qual tem de passar manifesta a sua obtusidade, ou já não é tão transparente como devia (porque desde o início da Igreja houve uma não transparência à gratuidade do Pentecostes), ou não é entendido, pelo que talvez seja submetido a um tratamento, a um olhar que não apreende a nascente –, em todos estes momentos é importante que quem vive o carisma comece a retomar consciência de que a nascente é a gratuidade de Deus. O problema é quando se pensa que a origem do carisma é uma interpretação, aquilo que eu penso, como eu o vivo, como eu o entendo, como o vivi, e não esta transparência à gratuidade de Deus que na origem era mais nítida e que permanece um testemunho vivo nos fundadores: ainda que já tenham morrido, o seu testemunho feito à gratuidade do carisma permanece, não se torna menos nítido, menos fresco. O importante é não traírmos este testemunho.

E sobretudo – penso – traímos a gratuidade do carisma quando temos medo que morra, que se perca, que baste alguma coisa para anulá-lo ou que a nossa coerência tenha de garanti-lo. Em vez disso Deus (graças a Deus, graças a Ele!) surpreende-nos mostrando-nos sempre que há uma nascente gratuita que talvez, depois, encontra a forma de se manifestar através de riachos impensáveis: aliás, as pessoas mais impensáveis, num determinado momento, tornam-se muito mais testemunhas da gratuidade do carisma do que, talvez, quem está à frente. Como na Igreja: há santos que, de forma impensável, reportam a Igreja à pureza da sua origem. Como nos tempos de Santa Catarina de Sena, aquela mulher simples, inculta, que se tornou mais testemunha da gratuidade do carisma do que a Igreja toda, do que o Papa; e o Papa ouviu-a por isso. É precisamente este mistério que não devemos trair: a gratuidade da nascente do

carisma; não devemos traí-la com os nossos medos, sobretudo, e com as nossas divergências em relação a Deus, à Igreja, a nós mesmos, a tal grupo; estas divergências ensombram o sentimento da gratuidade do carisma, porque aí trai-se verdadeiramente até o fundador, trai-se quem deu a vida por isto, quem a deu, quem a dá hoje, quem a dá para que o carisma viva.

Prosperi. Obrigado.

«Tu disseste-nos que a resposta de fé de Marta não deve ser procurada nela, que a sua fé não depende duma capacidade sua, mas faz eco daquilo que vê. A nós, pelo contrário, parece-nos que a fé depende de nós, como se fosse um esforço nosso. O que é que nos pode ajudar a fazer a experiência de Marta?»

Lepori. Devemos olhar para Jesus. A fé cresce na adesão a Cristo. A fé é a adesão a Cristo. Eu lembro-me que no início (estava ainda no liceu) circulava um livrinho de Jacques Leclercq, do qual me lembro desta frase: «O núcleo da fé é a adesão a Cristo»,⁹⁴ e é verdade. Eu gosto muito desta cena em que Marta exprime a sua fé olhando para Cristo, fazendo eco daquilo que Cristo é e diz de si. Não é a repetição de um papagaio, mas é precisamente uma repetição amorosa; é perceber que a fé não é um dogma que recito, mas é o meu dizer «sim» a Cristo quando me olha e se revela a mim como a ressurreição e a Vida da minha vida. Por isso devemos olhar para Cristo, olhá-Lo também entre nós, em nós, na comunidade, em todas as Suas presenças, porque aí vemos que Ele existe, que Ele é verdadeiramente o Salvador do mundo, como a Samaritana, que foi levada à fé exatamente pelo diálogo com Jesus que a fez remexer em toda a sua vida até poder dizer-lhe: «Sou Eu, que te falo, Aquele que te salva».⁹⁵ E isto é válido para todos os encontros do Evangelho: há sempre um olhar sobre Cristo que enche a pessoa de fé, de fé verdadeira; de facto, até a Samaritana vai dizer para a cidade: «Encontrei alguém que me disse isto», ou seja, dá um testemunho de fé, ainda imaturo, mas dá um testemunho de fé. E isto vale para todos: a fé cresce na experiência de um acontecimento e o acontecimento do qual a fé deve fazer experiência é a presença de Cristo que te olha, te ama e te salva.

Prosperi. «Tenho a impressão que existe uma confusão de fundo que faz coincidir o seguimento de Cristo com as coisas, os gestos a fazer. O que é verdadeiramente o seguimento? Como é que faço para perceber se na minha

⁹⁴ J. Leclercq, *Il problema della fede e gli intellettuali del XX secolo*, Vita e Pensiero, Milão 1966, p. 10.

⁹⁵ Cf. Jo 4,26.

vida sigo verdadeiramente Cristo, ou sigo a minha ideia de seguir Cristo? Posso viver o seguimento sem participar nas coisas para fazer que a companhia me propõe?

Por que razão é necessário, para a fé de João, entrar no sepulcro depois de Pedro, por que razão é necessário seguir Pedro?»

Lepori. O seguimento não é fazer coisas, nem uma relação meramente espiritual com Cristo, o seguimento é seguir uma presença pessoal, seguir pessoas, seguir uma Pessoa – Cristo – no sinal da Sua presença pessoal que são as pessoas que O seguiram e que Ele, desde a origem, indicou como sendo a encarnação da possibilidade de O seguir depois d’Ele, de O seguir verdadeiramente: Pedro, os apóstolos, etc. Sempre. A Igreja é este sinal, e seguir a Igreja é precisamente reconhecer este sinal, que a Igreja é o lugar onde o seguimento de Cristo acontece e permanece encarnado no seio de relações pessoais. Nenhum de nós seguiu Jesus Cristo seguindo uma aparição de Jesus Cristo, mas precisamente porque nos foram dadas pessoas que Ele encontrou, pessoas com autoridade (mesmo numa total simplicidade, como o meu carpinteiro, que me fez encontrar o movimento há quarenta e tal anos) porque reconheces que ali Cristo te pede para O seguires, por isso há esta atração, porque a Igreja avança por atração, por atração a Cristo. Do meu ponto de vista, devemos sempre perguntar-nos se estamos a seguir pessoas, não coisas, se o nosso seguimento está encarnado no sinal de pessoas que Cristo deixou como possibilidade de segui-Lo até ao fim do mundo. E isto é sempre garantido por Pedro, porque é exatamente dando esta investidura a Pedro e dizendo-lhe: «Segue-me» (para que depois João pudesse segui-lo, e depois mil outras pessoas pudessem segui-lo) que Jesus instituiu este sinal, esta verificação da verdade de um seguimento que é o seguir pessoas que não sou eu que escolho por simpatia, mas em que sou escolhido, em que a Igreja se dá a mim como lugar em que posso verdadeiramente seguir Cristo e não a mim mesmo, e não à minha interpretação, e não ao meu sentimento. Não sei se me faço entender. É um tema talvez a aprofundar posteriormente.

Prosperi. É bonita esta ressalva: «Não sigo porque escolho, mas porque sou escolhido», porque isto fundamenta também o critério da autoridade a seguir, não é? É assim?

Lepori. Sim, porque no encontro com Cristo, no seio do encontro com Cristo, Deus dá-nos também o lugar para segui-lo, porque faz-te nascer, mas não te deixa no meio do caminho como uma criança acabada de nascer e

abandonada, faz-te nascer numa família, faz-te nascer numa companhia de pessoas, e depois é claro que deves seguir, é-te dado. Eu lembro-me que desde o início do encontro eu percebia que devia seguir e obedecer por amor a mim mesmo, porque não queria perder aquele acontecimento que tinha enchido o meu coração, mesmo quando depois, com o tempo, vi todos os limites das pessoas que me tinham transmitido o encontro. Evidentemente, mais tarde ou mais cedo, os limites aparecem – porque estão lá, e não podem deixar de estar –; porém sempre percebi que seguir era um bem para mim, e foi o que sempre me salvou: apesar de tudo, seguir, obedecer, porque percebia que só assim permanecia fiel ao que me tinha sido dado, ao fascínio do encontro com Cristo que tinha vivido.

Prosperi. Obrigado.

«Disseste que quando digo a quem está ao meu lado: “Está cá o Mestre e chama por tí”, transmito isto ao mundo inteiro. Podes explicar melhor como é que isto se torna ecumenismo, responsabilidade universal dos crentes?»

Lepori. O verdadeiro problema é deixar que se dê um acontecimento, e não calcular uma eficácia. Na missão, no viver o testemunho, a missão da Igreja, o importante não é medir a eficácia, as forças ou os meios, mas precisamente deixar que se dê um acontecimento. E foi o método que teve início com a Virgem Maria, o sopro da liberdade de Maria que diz: «*Fiat*» e que transmitiu ao mundo inteiro o acontecimento de Cristo. Se há uma pessoa que transmitiu ao mundo inteiro o acontecimento de Cristo é a Virgem, é Nossa Senhora, mas também Pedro com o seu «sim». Só posso transmiti-lo como acontecimento, pelo que se não faço eu experiência dele, se não me deixo eu salvar, não o transmito ao mundo inteiro, não transmito o acontecimento; transmito uma teoria, transmito uma moral, transmito não sei o quê. Se não faço eu a experiência de que o Mestre está aqui e me chama, e me salva, e não o comunico a quem está ao meu lado, não transmito o acontecimento. O acontecimento é como um fogo: eu posso transmitir ao mundo inteiro até o fogo de uma velinha, mas passando-o a quem está ao meu lado, transmitindo-o como fogo, e não enviando para a Austrália uma mensagem a dizer que há uma chama em Itália. Se não estiver em contato, não transmito nada. E é por isso que viver o acontecimento com quem está ao meu lado é fundamental, porque se eu não o viver com quem está ao meu lado, quer dizer que não o vivo e não o transmito como acontecimento. Não sei se me faço entender.

Prosperi. Sim. Somos chamados a atear um incêndio, praticamente!

Lepori. Sim! «Eu vim lançar fogo sobre a terra; e como gostaria que ele já se tivesse ateado!»⁹⁶

Prosperi. Esta pergunta, com vários cambiantes, foi a mais apresentada, por isso deixámo-la para o fim.

«A que se deve a dissociação entre liberdade e desejo? E o que é que pode sanar esta brecha?

Disseste que o coração encontra, deseja, quer abraçar, mas a liberdade, devido a um cálculo inconsciente de si, devido a um receio projetado por fantasmas, diz que não, impede o abraço; e que esta falsa liberdade, “algoz de si mesma, arrasta o coração-menino que estava para abraçar Jesus”, propondo outras vias e outras plenitudes que se revelarão todas falsas. Como é que esta falsa liberdade parece às vezes prevalecer sobre a superabundância experimentada com Jesus? Como não nos escandalizarmos e não ficarmos bloqueados?»

Lepori. Eu julgo que é precisamente aqui que está o pecado original, precisamente pelo facto de haver em nós uma tendência absurda a não aderir ao bem, uma tendência absurda a renunciar à evidência do bem, do bom, do belo, a renunciar à nossa alegria. Esta tendência absurda cria uma dissociação entre a liberdade e o desejo. O desejo deseja apenas Cristo, porém existe este jogo da liberdade que, devido a um cálculo absurdo de realização de si – porque autónomo, falso –, não obedece ao desejo que lhe mostra que a realidade enche o coração, ou seja, arranca-o ao que ele deseja. É o que diz São Paulo: «Não faço o bem que quero, mas o mal que não quero»,⁹⁷ ou seja, sentimos dentro esta liberdade ferida, ferida como orgulho, como posição orgulhosa diante da vida, uma liberdade que não se verga diante do desejo de uma atração evidente e de uma presença evidente que te atrai, que te fascina, que te dá tudo. Jesus diz: «Vós, porém, não quereis vir a mim para terdes a vida»,⁹⁸ é esta a queixa de Jesus: «Mas como? Eu dou-vos a vida, e vocês não querem vir a mim, a vossa liberdade escolhe não vir a mim, não me acolher, não me amar, não me receber, não me acolher!».

Porém, o escândalo diante desta tendência da liberdade é o último baluarte do pecado e do orgulho. É o último baluarte, porque é como dizer: «Escandalizo-me com isto e por isso vou ainda mais a fundo nesta dinâmica absurda de pecado».

⁹⁶ Lc 12,49.

⁹⁷ Rm 7,18-19.

⁹⁸ Jo 5,40.

O que é que nos salva? É precisamente a misericórdia de Deus, a evidência de que Ele vem sempre retomar-nos. Na experiência de toda a minha vida, de cada vez que a minha liberdade cedeu a ponto de não corresponder, Cristo veio sempre retomar-me. É uma evidência da Sua gratuidade, a gratuidade da Sua gratuidade, a gratuidade da Sua salvação, de como a Sua salvação é mais forte do que nós, é mais forte do que o pecado. Porque Cristo, no fundo, graças a Deus, ouve mais o desejo do nosso coração do que a nossa liberdade: quando vê que a nossa liberdade está enlouquecida a ponto de contradizer a evidência de um desejo, a evidência de uma atração, a misericórdia infinita de Deus faz com que Ele nos repesque, como fez com Pedro, precisamente porque no fundo – cá está, como dizíamos antes –, Ele faz até com que o pecado se torna para nós no grito extremo de ajuda: «Salva-me!». Cristo faz-nos mergulhar em nós mesmos, na nossa condição, e encosta a nossa liberdade à parede, pelo que esta já nem sequer pode mentir, e então grita-lhe e torna-se verdadeiramente livre: «Salva-me!», e isso acontece. Não o digo porque o sei, mas porque fazemos experiência disto; é uma experiência. Este repescar-nos contínuo de Deus da nossa miséria, do nosso orgulho, é precisamente o rosto extremo da misericórdia de Deus, como o bom Pastor que atravessa mares e montes para ir procurar a ovelha perdida que estragou totalmente a vida exatamente porque escolheu dissociar a sua liberdade do desejo de plenitude que o seu coração grita.

Prosperi. É muito bonita esta imagem da misericórdia: Cristo ouve mais o desejo do nosso coração do que a nossa liberdade.

Esta é, absolutamente, a pergunta que leva “a palma” de ser a mais recorrente.

«Impressionou-me muito o ponto que fizeste no sábado à tarde sobre a atração e a liberdade. Dizias que no mundo são escravas uma da outra, e eu revejo-me muito nesta descrição. Podes aprofundar este ponto?»

A dada altura, acrescentaste que atração e liberdade «se fundem», e então muitos perguntaram o que pretendias dizer com isso.

Lepori. Veio-me à cabeça naquele momento, não devem tomar tudo como um dogma!

Prosperi. Ooh! Sinto-me melhor quando dizes que uma pessoa também pode dizer uma coisa que lhe escapou!

Lepori. Mas não penso que seja uma estupidez afirmar que no mundo a atração e a liberdade se fundem, que há uma relação fusional entre atração e liberdade. Julgo que isto não se verifica no acontecimento cristão, que não

é para isto que Deus nos dá a experiência da atração e nos dá a liberdade. É como se Deus tivesse criado um espaço entre elas. Entre aquilo que me atrai e a minha liberdade não há uma fusão, mas sim um espaço de desejo. Talvez «desejo» seja a terceira palavra a incluir aqui, porque nos faz perceber melhor: quando liberdade e atração se fundem, já não há espaço para o desejo, por isso já não há espaço para a liberdade, já não há espaço para a liberdade fazer um caminho para qualquer coisa diferente de si. Eu julgo que era isto que queria dizer, porque quando a atração e a liberdade se fundem já não conseguimos...

Prosperi. ... gerar tensão.

Lepori. ... decidir-se, já não conseguem escolher-se, já não conseguem dizer sim uma à outra, pelo que são escravas. É como algumas figuras dantescas no Inferno, que mesmo odiando-se, fundiram-se, já não conseguem separar-se, não podem deixar de se devorar uma à outra. Eu julgo que é importante perceber isto, porque está aqui, depois, todo o discurso da virgindade, da castidade: entre aquilo que me atrai e a minha liberdade há um espaço de desejo, de escolha, de respeito, que faz com que o abraço seja verdadeiramente um ato da liberdade e não uma coisa que me fecha; é precisamente um ato de amor, e não simplesmente um abandonar-se a um abraço que te aperta, te sufoca e, em última instância, te mata, te elimina. Mas é um tema infinito, por isso devíamos continuar a refletir sobre ele.

Prosperi. Ainda bem que te escapou!

Para concluir, queria ler uma pergunta, que é também um testemunho, duma amiga de Kharkiv que escreveu:

«A experiência da vida do movimento deu-me a possibilidade de percorrer todo o caminho de Marta de que falaste e de experimentar o desejo constante de Cristo que dali saiu. Graças a esta experiência, vejo a Sua misericórdia todos os dias. Mas nestes últimos meses, o mal tornou-se tão grande que, para os ucranianos, não se trata da insatisfação de Marta pelo facto de que o homem está destinado a morrer. A minha cidade é bombardeada todos os dias, muitas mulheres tiveram de abandonar as suas casas, perderam familiares, viram os maridos partir para a guerra. Têm medo, sofrem, sentem ódio. Neste momento, devido ao cerco de Mariupol, há mulheres e crianças que morrem de fome, ou estão feridas e sofrem terríveis provações. Estão sepultadas vivas. É como se a experiência de Marta me propusesse que eu me separasse da minha realidade, ou me contentasse com a memória de Cristo. A Ucrânia, neste momento, não está a viver a experiência de Marta, mas a de Cristo que gritava na cruz: “Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?”. E muitos de nós sabemos que não

tinha sido abandonado, porque conhecemos Cristo ressuscitado. Mas como é que podemos viver hoje no mal totalitário, em que até Cristo teve dificuldade em ver o Pai?».

Lepori. É seguramente a pergunta, a mensagem que mais me provoca, evidentemente. Devo dizer que ao preparar os Exercícios não me esqueci nem por um momento da aflição em que todos vivemos desde que rebentou esta guerra; e, no fundo, esta aflição, duma forma ou de outra, inspirou todos os Exercícios, porque já não se consegue viver nada sem pensar nisto, sem partilhar esta tragédia, este momento em que a morte e o mal parecem vencer. Foi por isso que, pensando precisamente na Ucrânia, fiz questão de terminar a segunda lição dos Exercícios com o naufrágio de São Paulo, porque uma guerra destas é justamente um naufrágio, não apenas para a Ucrânia e não apenas para a Rússia, mas para a Europa, para o mundo inteiro, um naufrágio da humanidade em todos os sentidos da expressão: da humanidade, do humano e da humanidade entendida como todos os homens que vivem hoje sobre esta terra. E foi por isso que me ajudou a ver como São Paulo viveu o naufrágio. Claro, São Paulo dizia aos seus companheiros: «Não conseguimos salvar o barco», e isto fez-me pensar muito, porque é uma coisa com a qual não podemos deixar de nos revoltar. Ele acrescenta: «Mas salvarão as vossas vidas».⁹⁹ E para manifestar isto, São Paulo – é incrível! – toma o pão, dá graças, parte-o e come: celebra uma Eucaristia em pleno naufrágio, ou seja, afirma a presença de Cristo real em pleno naufrágio. E o Cristo que ele afirma é, certamente, a única coisa de que precisamos – o Cristo de Marta –, mas é o Cristo crucificado, o Cristo ressuscitado da morte, o Cristo que desceu (como diz a nossa amiga) até ao fundo do humano que é o desespero de Deus. Jesus quis descer até ao fundo, ao Inferno do naufrágio humano, até desesperar, ali onde o homem desespera de Deus. Não foi Ele que desesperou do Pai, mas o homem. Jesus desceu ao ponto de abraçar até o nosso desespero. Tal como abraçou a nossa morte, abraçou o nosso desespero. Pelo que não nos resta mais do que perguntarmo-nos até que ponto estamos conscientes de quem é o Único necessário que nos enche o coração, de quem é verdadeiramente este homem que nos diz: «Eu sou a Ressurreição e a vida» e que promete e diz também: «Quem morre viverá». É este Cristo crucificado, este Cristo que morre por nós, este amor de Deus infinito que não é estranho ao naufrágio do mundo, não é estranho, está lá dentro. Neste momento, é Jesus que sofre na Ucrânia, é Ele que morre, que é abandonado pelos seus entes queridos, que é violado nas mulheres, é precisamente Ele que sofre tudo. E nós temos apenas de reconhecê-Lo, não podemos senão renovar verdadeiramente

⁹⁹ Ver aqui, pp. 61-62.

o nosso «sim» a Ele onde nos encontramos, na vida em que vivemos, para que se manifeste isto aos nossos irmãos e irmãs na Ucrânia, para que se manifeste a todos, também aos russos, precisamente como Aquele que no momento atual vive isto, sofre isto, naufraga com todas as pessoas. E é exatamente porque Ele está que este naufrágio é vencido, e é exatamente porque Ele está que esta morte ressuscita, que este mal é vencido, não domina, não terá, já não tem, a última palavra.

Uma amiga fez-me notar que hoje é o aniversário da morte quer de Takashi Paolo Nagai, quer de São Ricardo Pampuri: ambos morreram a 1 de maio. Que providência! Takashi Nagai (falei um pouco dele ontem), no livro do qual escrevi o Prefácio e que, devido a questões editoriais, ainda não saiu – *Aquilo que nunca morre*; é a sua autobiografia –, descreve (é um testemunho incrível!) a cena quando a bomba destruiu tudo e ele se encontra diante da destruição de toda a sua vida: a sua mulher, o seu trabalho, os seus alunos, a sua universidade, a sua cidade, a sua igreja, tudo, tudo tinha sido aniquilado. Ali sente um átimo de desespero e depois tem como que uma visão, ouve Jesus que lhe diz: «Os céus e a terra passarão, mas as minhas palavras nunca passarão», ou seja, Jesus transmite-lhe a certeza de que Ele vence, de que Ele não morre nunca. Desde esse momento, escolhe viver apenas por aquilo que não morre nunca, ou seja, por Cristo, e passará os últimos anos da sua vida doente (você sabem, já leram), afirmando precisamente, com letícia, com fé, aquilo que nunca morre, que Cristo é a ressurreição e a vida, de todas as maneiras: escrevendo, na relação com os seus dois filhos, em encontros com milhares de pessoas, oferecendo a sua doença; em tudo afirmará que só Cristo é a Ressurreição e a vida do homem e que é isto que nunca morre, em qualquer naufrágio que possa acontecer. Pois bem, nós temos a responsabilidade de viver isto com os nossos irmãos e irmãs na Ucrânia, este «sim» a Cristo, este «sim» a Cristo que nunca morre, graças ao qual a morte e o mal nunca vencem.

Diante desta mensagem da nossa amiga ucraniana, não tenho uma resposta; quero só acolhê-la; digo apenas que quero acolhê-la e vivê-la assim, como uma mensagem que se tornará um pouco a missão que estes Exercícios deixam na minha vida, no viver da minha vida. Não posso, não podemos viver sem a consciência deste grito que a nossa amiga nos transmitiu. É tudo.

Prosperi. Obrigado, obrigado mesmo! Teremos tempo de retomar todas estas coisas.

Rezemos o *Regina Caeli*.

MENSAGENS RECEBIDAS

Caríssimos,

quero tornar-me presente para todos Vós por ocasião dos Exercícios anuais. «Cristo, vida da vida», como o Servo de Deus Monsenhor Luigi Giussani nos ensinou, é a raiz da nossa consistência. Nada, nem sequer as nossas fragilidades, pode mudar este estado de coisas. Então, com humildade, mendiguemos olhos novos para O vermos nas nossas existências e nas nossas relações. Peça-mos à Virgem, neste mês de maio, a simplicidade de coração para reconhecer o dom do encontro e a tarefa que daí advém: amar o movimento, a Igreja e comunicar a sua beleza.

Nos Senhor Vos abençoo.

S.E.R. cardeal Angelo Scola

Arcebispo emérito de Milão

TELEGRAMAS ENVIADOS

Sua Santidade Papa Francisco

Santidade,

mais de 40 mil pessoas – reunidas em grupos, por videoconferência, a partir de 94 países – participaram nos Exercícios anuais da Fraternidade de CL, meditando sobre «Cristo, vida da vida». Tal como somos, acompanhados pelo padre Mauro-Giuseppe Lepori – que nos ofereceu o seu testemunho pessoal de homem agarrado e transformado por Cristo –, olhámos para Jesus, deixámo-nos atrair por Ele, que nos alcançou no seio duma companhia vocacional, juntamente com pessoas que decidiram seguir Cristo, o único que nos é necessário para viver, resposta exaustiva à nossa necessidade de felicidade, de paz, de fraternidade, de beleza e de realização da vida.

Nestes dias, aprofundámos o valor da nossa Fraternidade, na fidelidade ao carisma que o Espírito deu a *don* Giussani: um lugar onde verificar que Cristo é Tudo para o coração do homem, fundamento duma amizade impossível sem Ele, graças à qual também nós podemos dizer: «*É a vida da minha vida, Cristo*» (*don* Giussani).

Com o coração cheio de gratidão pela Sua bênção apostólica, necessitados de sermos constantemente confirmados por Pedro na fé, pedimos-lhe que nos utilize como quiser para colaborar na obra de salvação de Cristo, conscientes de que o cristianismo não se comunica por proselitismo – quantas vezes no-lo recordou! –, mas por atração.

Mais responsáveis da nossa unidade em relação a cada coração humano que encontramos e animados pela Caridade que faz novas todas as coisas, continuamos a rezar por Vossa Santidade, testemunha inquebrantável de Cristo vivo, que neste tempo de guerra é a única nascente da verdadeira paz.

Davide Prospero

Sua Santidade Papa emérito Bento XVI

Santidade,

durante os Exercícios da Fraternidade de CL – seguidos por mais de 40 mil pessoas, por videoconferência, de todo o mundo – vivemos a experiência do encontro com Cristo vivo. As meditações do padre Mauro-Giuseppe Lepori sobre o tema «Cristo, vida da vida» (*don Giussani*) permitiram-nos olhar para Cristo, que vem ao encontro da nossa humanidade que só precisa d’Ele, o Único necessário. Na Sua companhia podemos fazer um caminho humano, para o bem do movimento, da Igreja e do mundo.

Pedindo a Nossa Senhora para encher de paz e letícia os seus dias, pedimos-lhe uma oração pelo caminho da nossa Fraternidade.

Davide Prospero

S.E.R. cardeal Kevin Joseph Farrell

Prefeito do Dicastério para os leigos, a família e a vida

Eminência Reverendíssima,

nos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação participaram mais de 40 mil pessoas, que se ligaram de todo o mundo para meditar sobre o tema: «Cristo, vida da vida», uma afirmação de *don Giussani* que o padre Mauro-Giuseppe Lepori aprofundou durante as meditações, oferecendo o testemunho de que o encontro com Cristo é uma novidade que muda a existência de quem O acolhe e O segue como o Único necessário para viver.

Retomamos o caminho com o desejo de assumirmos cada vez mais a responsabilidade do carisma, entregando tudo aquilo que, por graça, somos, nas mãos de Pedro, para que confirme a nossa fé, para colaborar com a materialidade da nossa existência na vida da Igreja, sinal de esperança para todos os irmãos homens.

Enquanto pedimos uma oração para o nosso caminho, entregamos a Nossa Senhora a sua tarefa de acompanhar o caminho dos fiéis leigos.

Davide Prospero

S.E.R. cardeal Gualtiero Bassetti

Presidente da Conferência Episcopal Italiana

Eminência Reverendíssima,

mais de 40 mil pessoas em todo o mundo – e na maioria em Itália – participaram nos Exercícios Espirituais anuais da Fraternidade de CL, que também

este ano se realizaram por videoconferência. O tema: «Cristo, vida da vida» (*don Giussani*), permitiu-nos aprofundar, com a orientação do padre Mauro-Giuseppe Lepori, que desenvolveu as meditações, a consciência de que Cristo nos é necessário para viver e que só a Sua presença agora responde à necessidade infinita do nosso coração.

Na fidelidade ao carisma recebido e profundamente ligados a Pedro, continuamos a caminhar imersos na vida da Igreja em Itália, para colaborar na comunicação da fé a todos aqueles que encontramos e que, ainda que inconscientemente, esperam encontrar Aquele que enche a vida de letícia e paz.

Rezando pela sua pessoa, pedimos-lhe para continuar a acompanhar o nosso caminho com a sua caridade de pai.

Davide Prospero

*S.E.R. cardeal Angelo Scola
Arcebispo emérito de Milão*

Caríssimo Angelo,

gratos pela tua mensagem, nestes dias de Exercícios enchemo-nos de silêncio diante do reaconter de «Cristo, vida da vida», que nos alcançou através do testemunho do padre Mauro e do seu «sim» ao acontecimento presente que torna atrativo viver como ele e como Jesus. E obrigado por nos teres recordado que nenhuma fragilidade pode atingir a humilde certeza de que Ele é o fundamento da nossa consistência diante de tudo e todos.

Rezando por ti a Nossa Senhora, pedimos-te que guardes no teu coração toda a Fraternidade.

Davide Prospero

A ARTE NA NOSSA COMPANHIA

Por Giovanna Parravicini

(Guia para a leitura das imagens extraídas da história da arte que acompanhavam a audição dos trechos de música clássica à entrada e à saída)

«A arte antecipa algo do eterno», recordava-nos *don* Giussani nos Exercícios Espirituais da Fraternidade em 1994. Poucas formas de arte nos oferecem um testemunho tão imediato desta afirmação como o ícone, janela que se abre sobre o infinito. Um percurso de educação do olhar que parte da releitura da história da salvação para chegar à contemplação do rosto bom do Mistério como objetivo da vida.

1. *Conceição da Mãe de Deus*, 1294-1295, fresco, Macedónia do Norte, Ohrid, Panagia Peribleptos
2. *Conceição da Mãe de Deus*, século XVIII, Rússia, Museu de Soligalič (Kostroma)
3. *Conceição da Mãe de Deus*, século XVII, Rússia, Museu de artes decorativas de Archangel'sk
4. *Natividade da Mãe de Deus*, 1314, Sérvia, Mosteiro de Studenica
5. *Natividade da Mãe de Deus*, século XVI, Rússia, Moscovo, Coleção Vorob'ev
6. *Apresentação de Maria no templo*, século XVI, Rússia, Museu de arte de Vladimir-Suzdal'
7. *Apresentação de Maria no templo*, século XIV, Rússia, escola de Novgorod, São Petersburgo, Museu Estatal russo
8. *Anunciação de Ustjug*, século XII, Rússia, Moscovo, Galeria Estatal Tret'jakov
9. *Anunciação*, século XV-XVI, Rússia, Museu de arte de Vladimir-Suzdal'
10. *Anunciação*, século XVI, Rússia, Museu de arte de Vladimir-Suzdal'
11. Dionisij, *Visitação* (Encontro de Maria e Isabel), 1502, fresco, Rússia, Mosteiro de Ferapont, Igreja da Natividade da Mãe de Deus
12. *Natividade de Cristo*, 1192, Chipre, Lagoudera
13. *Natividade de Cristo*, 1410-1430, Rússia, atelier de Rublev, Moscovo, Galeria Estatal Tret'jakov
14. Andrej Rublev, *Arcanjo Miguel* (da *Deesis* de Zvenigorod), 1410-1420, Rússia, Moscovo, Galeria Estatal Tret'jakov

15. *Mãe de Deus Odigitrija*, 1260-1270, Sérvia, Mosteiro de Hilandar, Athos
16. *Mãe de Deus Odigitrija*, século IX-XIII, Geórgia, Tbilisi, Museu Nacional de arte Amiranashvili
17. *Mãe de Deus Odigitrija*, século XIV, Macedónia do Norte, Ohrid, Galeria do icone
18. *Mãe de Deus da Ternura*, século XVI, Rússia, Museu de arte de Vladimir-Suzdal'
19. *Mãe de Deus Arakiotissa*, século XII, Chipre, Lagoudera
20. *Apresentação de Jesus no Templo*, século XII, Chipre, Lagoudera
21. *Apresentação de Jesus no Templo*, século XV-XVI, Rússia, escola de Novgorod, Museu Estatal de arquitetura e belas artes de Novgorod
22. *Apresentação de Jesus no Templo*, século XVII, Rússia, Jaroslavl', Museu de arte
23. *Jesus entre os doutores*, século XV-XVI, Rússia, escola de Novgorod, Museu Estatal de arquitetura e belas artes de Novgorod
24. *Jesus entre os doutores*, século XVI, Rússia, Museu de Pskov
25. *Batismo*, século XV-XVI, Rússia, escola de Novgorod, Museu Estatal de arquitetura e belas artes de Novgorod
26. *Batismo*, 1408, Rússia, escola de Moscovo, São Petersburgo, Museu Estatal russo
27. *São João, o Percursor com cenas da vida*, século XVI, Rússia, Museu de Rostov
28. *Cristo Pantocrator*, 1260-1270, Sérvia, Mosteiro de Hilandar, Athos
29. *Cristo Pantocrator*, 1192, Chipre, Igreja da Panagia Araka, Museu Bizantino de Nicósia
30. *Cristo Pantocrator*, século XIII-XIV, Geórgia, Igreja de São Jorge, aldeia de Svipi
31. Andrej Rublev, *Salvador* (da *Deesis* de Zvenigorod), 1410-1420, Rússia, Moscovo, Galeria Estatal Tret'jakov
32. Teófilo, o Grego, *Transfiguração*, circa 1403, Rússia, Moscovo, Galeria Estatal Tret'jakov
33. *Transfiguração*, 1470-1480, Rússia, escola de Novgorod, Museu Estatal de arquitetura e belas artes de Novgorod
34. *Cristo Pantocrator*, século VI, Egito, Mosteiro de Santa Catarina do monte Sinai
35. *Resurreição de Lázaro*, século XV-XVI, Rússia, escola de Novgorod, Museu Estatal de arquitetura e belas artes de Novgorod
36. *Entrada em Jerusalém*, século XV-XVI, Rússia, escola de Novgorod, Moscovo, Coleção particular

37. *Entrada em Jerusalém*, circa 1430, Rússia, escola de Novgorod, Moscovo, Galeria Estatal Tret'jakov
38. *Lava-pés*, 1509, Rússia, escola de Novgorod, Museu Estatal de arquitetura e belas artes de Novgorod
39. *Última ceia*, século XVI, Rússia, escola de Rostov-Suzdal', Moscovo, Galeria Estatal Tret'jakov
40. *Comunhão dos apóstolos*, 1520-1530, Rússia, Moscovo, Coleção particular
41. *Cenas da Paixão* (Última ceia, Lava-pés, Oração no Horto, Traição de Judas), século XV-XVI, Rússia, escola de Novgorod, Museu Estatal de arquitetura e belas artes de Novgorod
42. *Cenas da Paixão* (*Flagelação de Cristo, Cristo zombado, Subida ao Calvário, Crucificação*), século XV-XVI, Rússia, escola de Novgorod, Museu Estatal de arquitetura e belas artes de Novgorod
43. *Subida ao Calvário*, circa 1497, Rússia, Moscovo, Museu Rublev
44. *Salvador achiropita*, século XII, Rússia, Moscovo, Galeria Estatal Tret'jakov
45. *Crucificação*, século XI-XII, Geórgia, aldeia de Svipy
46. *Crucificação*, 1208-1209, Sérvia, Mosteiro de Studenica
47. Dionisij, *Crucificação*, 1500, Rússia, Moscovo, Galeria Estatal Tret'jakov
48. *Deposição da Cruz*, século XV, Rússia, escola do Norte, Moscovo, Galeria Estatal Tret'jakov
49. *Lamentação de Cristo*, 1164, Macedónia do Norte, Gorno Nerezi, Igreja de São Panteleimon
50. *Lamentação de Cristo*, circa 1140, Rússia, Pskov, Mosteiro de Mirož
51. *Descida aos infernos com santos*, século XV, Rússia, escola de Pskov, Museu Estatal de arquitetura e belas artes de Pskov
52. *Descida aos infernos*, 1502, Rússia, atelier de Dionisij, São Petersburgo, Museu Estatal Russo
53. *Descida aos infernos*, século XIV, Rússia, escola de Moscovo, Galeria Estatal Tret'jakov
54. *As mulheres no sepulcro*, anterior a 1228, Sérvia, Mileševo
55. *As mulheres no sepulcro*, circa 1140, Rússia, Pskov, Mosteiro de Mirož
56. *Incredulidade de Tomé*, século XV-XVI, Rússia, escola de Novgorod, Museu Estatal de arquitetura e belas artes de Novgorod
57. *Incredulidade de Tomé*, século XVI, Rússia, Museu de artes decorativas de Archangel'sk
58. *Ascensão*, 1410-1420, Rússia, atelier de Rublev, Moscovo, Galeria Estatal Tret'jakov
59. *Ascensão*, 1542, Rússia, escola de Novgorod, Museu Estatal de arquitetura e belas artes de Novgorod

60. *Pentecostes*, século XV-XVI, Rússia, escola de Novgorod, Museu Estatal de arquitetura e belas artes de Novgorod
61. *Dormição da Mãe de Deus*, 1263-1268, Sérvia, Sopočani
62. *Dormição da Mãe de Deus*, 1470-1480, Rússia, escola de Novgorod, Museu Estatal de arquitetura e belas artes de Novgorod
63. *Mãe de Deus da Ternura*, século XV, Rússia, Museu de arte de Vladimir-Suzdal'
64. *Mãe de Deus da ternura de Vladimir*, século XII, Bizâncio, Moscovo, Galeria Estatal Tret'jakov
65. *Mãe de Deus (Orante)*, circa 1224, Rússia, Moscovo, Galeria Estatal Tret'jakov
66. Dionisij, *Mãe de Deus Odigitrija*, 1482, Rússia, Moscovo, Galeria Estatal Tret'jakov
67. *Sinaxe de todos os santos*, século XVI, Rússia, Museu de Rostov
68. Andrej Rublev, *Trindade*, 1425-1427, Rússia, Moscovo, Galeria Estatal Tret'jakov

Índice

MENSAGEM ENVIADA PELO PAPA FRANCISCO 3

Sexta-feira, 29 de abril, noite

SAUDAÇÃO INTRODUTÓRIA 5

INTRODUÇÃO – «*Uma só coisa é necessária*» 10

Sábado, 30 de abril, manhã

PRIMEIRA MEDITAÇÃO – *Nascer do encontro, crescer no seguimento* 21

Sábado, 30 de abril, tarde

SEGUNDA MEDITAÇÃO – «*Está cá o Mestre e chama por ti*» 43

Domingo, 1 de maio, manhã

ASSEMBLEIA 65

MENSAGENS RECEBIDAS 83

TELEGRAMAS ENVIADOS 84

A ARTE E NA NOSSA COMPANHIA 87

